



Capítulo 8. Proposta de Atividades de Expressão Plástica para o Primeiro Ciclo

“Há pessoas que transformam o sol numa simples mancha amarela, mas Há também aqueles que fazem de uma simples mancha amarela o próprio Sol” Picasso

Tendo em vista o nosso sétimo objetivo: “Apresentar uma Proposta Alternativa de Atividades de Expressão Plástica para o Primeiro Ciclo, numa perspectiva de «Educação pela Arte», para ajudar a colmatar as lacunas existentes nesta área na formação dos alunos”, foi criada uma Proposta de Atividades de Expressão Plástica para O Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

Esta Proposta é completamente original: as atividades propostas e o material de apoio necessário (fichas de trabalho, imagens de cartões de jogos lúdico-pedagógicos, jogos, power point, etc..) foram criados de raiz e desenvolvida com base na minha experiência como formadora e orientadora de ateliês para crianças, e partindo do que é referido pelos professores entrevistados e dos comentários resultantes dos questionários.

Assim, uma das finalidades desta Proposta é o de ajudar os professores do Primeiro Ciclo a levar os alunos do quarto ano do Primeiro Ciclo do Ensino Básico a «dialogar» com a obra de arte, e interiorizar que isso é personificá-la, o que a torna intelectualmente mais acessível ao seu observador.

Nas Competências Essenciais para o Ensino Básico (Abrantes, P., 2001), sugere-se claramente a abordagem pedagógica de obras de arte desde o Primeiro Ciclo:

“O diálogo com a obra de arte constitui um meio privilegiado para abordar com os alunos os diferentes modos de expressão, situando-os num universo alargado, que permite interrelacionar as referências visuais e técnicas com o contexto social, cultural e histórico, incidindo nas formas da arte contemporânea”. (D.E.B., 2001; p.162)

Neste excerto, sugere-se o diálogo com a obra de arte, sendo curioso mas ao mesmo tempo esclarecedor quanto à importância do papel que as obras de arte podem desempenhar num



contexto educativo, seja de uma forma formal ou informal. Dialogar representa uma interação entre duas ou mais partes, ou seja, é um ato essencialmente social onde as trocas de informação são recíprocas entre os vários interlocutores presentes no processo de comunicação.

Outra finalidade desta Proposta é o de aliar a Expressão Plástica às outras disciplinas do currículo de uma forma lúdica, fomentando o gosto pelas Artes Plásticas numa perspetiva de Educação pela Arte. Houve igualmente um esforço de harmonização dos paradigmas/ideais da Educação pela Arte e das várias sugestões recolhidas através do questionário apresentado nesta investigação, o que levou por vezes a algumas modificações/reajustes na planificação das atividades e projetos sugeridos nesta Proposta de Atividades. Teve também como referência as conclusões retiradas e análises tanto das entrevistas como posteriormente dos questionários sobre as lacunas existentes na formação inicial em relação a esta área disciplinar.

Com esta Proposta de Atividades, reforça-se a importância da obra de arte em contexto escolar, abrindo uma oportunidade de adquirir uma nova compreensão sobre as Artes Visuais e como as abordar com os alunos, podendo desempenhar um papel mais interveniente dando uma nova visão da Arte no meio escolar.

Existe uma diferença significativa entre o que os professores consideram que deveria constar nos planos de estudo durante a sua formação inicial, e o que está estabelecido nas Metas de Aprendizagem das disciplinas relacionadas com a Expressão Plástica.

Efetivamente, os professores tiveram que incrementar condignamente as competências/metast no processo sempre inacabado e em constante mutação do desenvolvimento da literacia artística dos alunos.

Aquando da elaboração desta Proposta de Atividades tiveram-se também em conta as “... *competências consideradas essenciais e estruturantes no âmbito do desenvolvimento do currículo nacional* ...”, sugeridas no Decreto-Lei n.º 6/2001, e posteriormente foram concebidas as competências essenciais, gerais e específicas definidas no Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (C.N.E.B.). Estas competências,



necessárias para uma promoção da qualidade de vida dos cidadãos, serão promovidas ao longo do Ensino Básico. Relativamente às competências específicas inerentes à Expressão e Educação Plástica integrada na Educação Artística, os docentes na sua maioria não se regem por elas, continuando relegadas para segundo plano no Primeiro Ciclo do Ensino Básico. Será que os ventos de mudança farão a alteração de mentalidades?

No documento supracitado, o termo “competência” é usado como uma noção que integra “... *conhecimentos, capacidades e atitudes e que podem ser entendidas como conhecimento em ação ou uso.*” (Abrantes, P., 2001, p.9), tendo a finalidade de impulsionar o desenvolvimento assimilado das capacidades e atitudes que viabilizam a utilização dos conhecimentos adquiridos em situações problemáticas de forma autónoma na sua vida diária. Desta forma, o conceito de “competência” assemelha-se ao de literacia, ou seja a Cultura Geral que devemos absorver de várias vivências, principalmente aquando da passagem pelo ensino básico, o qual pressupõem:

“... a aquisição de um certo número de conhecimentos e a apropriação de um conjunto de processos fundamentais mas não se identifica com o conhecimento memorizado de temas, factos e procedimentos básicos, desprovido de elementos de compreensão, interpretação e resolução de problemas. A aquisição progressiva de conhecimentos é relevante se for integrada num conjunto mais amplo de aprendizagens e enquadrada por uma perspetiva que coloca no primeiro plano o desenvolvimento de capacidades de pensamento e de atitudes favoráveis à aprendizagem.” (Abrantes, P., 2001, p.9)

Apesar da distância temporal que os separa, é curioso verificar como os enunciados deste documento emanado pelo Ministério vão de encontro a alguns ideais que já Read expunha nos seus estudos sobre educação, mais concretamente, na Educação pela Arte, na década de 40, e como continuam atuais na nossa realidade educativa. Read mencionava que o que estava errado na educação era o hábito de estabelecer fronteiras entre os saberes, propondo a integração de todas as áreas do saber, uma vez que para ele não fazia distinção entre ciência e arte, exceto nos métodos, pois a “... *arte é a representação e a ciência é a explicação da mesma realidade.*” (Read, H.; 2007;p. 24), complementando-se.



Igualmente Lowenfeld & Brittain, na década de 70, referiam a importância da educação artística para o aumento da capacidade de ação, e para o seu contributo na estabilidade necessária numa sociedade em constante mutação. Uma das finalidades deste trabalho é valorizar a Expressão Plástica e dar alguns exemplos de como articula-la com as outras áreas do saber, despoletando o gosto pela aquisição de conhecimentos de uma forma criativa e prática, ou seja, fomentando a tal Cultura Geral imprescindível para o crescimento da personalidade do indivíduo e igualmente da forma como ele, futuro cidadão, encara/resolve as situações problemáticas no seu quotidiano. É um dos objetivos para o Ensino Básico, promulgados pelo Governo, na Lei de Bases, “Assegurar uma formação geral, desenvolvendo aptidões, a criatividade e sensibilidade estética, entre outras capacidades intelectuais”, na sua alínea a) artigo 7º, Subsecção I, Secção II do Capítulo II.

Durante a conceção desta Proposta teve-se igualmente como referência o novo documento emanado pela Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC) - Metas de Aprendizagem, o qual pretende “...*garantir a articulação horizontal interdisciplinar que caracteriza o currículo deste nível de ensino, assegurando, em simultâneo, a articulação vertical quer com a Educação Pré-Escolar, quer com os subseqüentes ciclos do Ensino Básico.*”, uma vez que é intenção estar atentos às possíveis mutações/atualizações do sistema de ensino em relação ao nosso objeto de investigação: Expressão Plástica no Primeiro Ciclo do Ensino Básico em Portugal.

8.1. Justificação

Para uma formação integral da pessoa será fundamental, durante a sua formação, despertar a diversidade de aprendizagens, vivências e de áreas que formam o currículo. Esta Proposta de Atividades está dividida em três subcapítulos: *Correntes Artísticas*, *Desenvolvimento das Atividades* e *Material de Apoio*.

No ponto 8.2., “Correntes Artísticas”, são expostas as correntes artísticas que serão abordadas no subcapítulo seguinte. Não é intenção desta Proposta de Atividades descrever toda a história de arte, como tal existem saltos temporais a nível de correntes artísticas.



Para simplificar a tarefa do professor no planeamento das atividades, são descritas de uma forma sucinta as correntes artísticas e alguns artistas pertencentes a essas mesmas correntes, ou não, nos casos em que a singularidade da sua obra não se insere em nenhuma delas, encontrando-se na fronteira de várias. Houve igualmente o propósito de dar a conhecer os artistas nacionais.

No ponto 8.3., “Desenvolvimento das Atividades”, são expostas as várias Propostas de Atividades originais, criadas por mim para esta investigação, com base na experiência profissional, nas conclusões da presente investigação, e nas diretrizes emanadas pelo Ministério da Educação. Estas atividades apelam às Artes Plásticas, interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares, numa tentativa de diversificação da forma de trabalho e apelo à criatividade e literacia artística, usando o material de apoio disponibilizado.

No ponto 8.4., “Material de Apoio”, encontra-se o material de apoio necessário às atividades descritas no subcapítulo anterior, como fichas, apresentações em *Power Point*, endereços de *sites de internet*, imagens e exemplos de fichas para visitas a Museus. É feita a sugestão aos professores da possibilidade de articulação da Expressão Plástica com outras áreas, e de intercâmbios Escola-Museus, particularmente nos meios rurais, devido à falta de meios existentes que dificultam a concretização das metas de aprendizagem, e do fomento da literacia artística.

Segundo o C.N.E.B., no decorrer do ensino básico, as competências que o aluno deve adquirir em Artes Visuais dividem-se em três eixos estruturantes: fruição-contemplação, produção-criação e reflexão-interpretação (Abrantes, P., 2001, p.157). Para uma melhor operacionalização e articulação entre estes três eixos e por uma questão metodológica, o documento aponta dois domínios das competências específicas: Comunicação Visual e os Elementos da Forma. Como uma das referências para a elaboração deste guião, foi o C.N.E.B., tivemos presente a necessidade de despoletar nos alunos as competências necessárias para se tornarem cidadãos culturalmente mais dinâmicos e interventivos.

De acordo, com o documento, no decorrer do primeiro ciclo, os alunos devem desenvolver as seguintes competências no domínio da **Comunicação Visual**:



- Experimentar a leitura de formas visuais em diversos contextos (pintura, escultura, fotografia, cartaz, banda desenhada, televisão, vídeo, cinema e internet);
- Ilustrar visualmente temas e situações;
- Explorar a relação imagem-texto na construção de narrativas visuais;
- Identificar e utilizar códigos visuais e sistemas de sinais;
- Reconhecer processos de representação gráfica convencional:

(Abrantes, P., 2001,p.158)

Competências que devem ser desenvolvidas no domínio **Elementos da Forma** são:

- Reconhecer o seu corpo e explorar a representação da figura humana;
- Identificar vários tipos de espaço (vivencial, plástico, escultórico, arquitetónico, virtual e cenográfico);
- Reconhecer e experimentar representações bidimensionais e tridimensionais;
- Expressar graficamente a relatividade de posições dos objetos representados nos registos bidimensionais;
- Compreender que a forma aparente dos objetos varia com o ponto de vista;
- Relacionar as formas naturais e construídas com as funções e os materiais que as constituem;
- Perceber que a mistura das cores gera novas cores;
- Reconhecer a existência de pigmentos de origem natural e sintética;
- Conhecer e aplicar os elementos visuais (linha, cor, textura, plano, luz, volume) e a sua relação com as imagens disponíveis no património artístico, cultural e natural;
- Criar formas a partir da sua imaginação utilizando intencionalmente os elementos da forma;

(Abrantes, P., 2001, p.159)

Entretanto, a Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC) publicou um novo documento, *Metas de Aprendizagem*, o qual foi analisado e em consonância com o nosso objetivo. Seguiu-se igualmente as suas diretrizes na elaboração deste guião; dessa forma passa-se a apresentar e a explicar a nova reestruturação da Educação Artística que



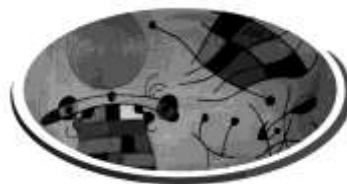
continua a integrar as mesmas áreas das expressões, contudo passou a ter a designação genérica de Expressões Artísticas.

Nesta nova reestruturação foram incluídas/incrementadas Metas de aprendizagem finais para o primeiro ciclo referentes à Expressão Plástica, as quais foram organizadas em domínios comuns, que decorrem dos eixos organizadores das competências definidas no Currículo Nacional do Ensino Básico, já citado anteriormente. Com base nesses eixos/domínios, surgem neste novo documento como subdomínios específicos para cada uma das expressões artísticas, os quais mantêm-se por todo o Ensino Básico. Neste novo documento, ainda muito recente, as metas essenciais ao desenvolvimento de uma ação educativa que, pretende proporcionar vivências visuais diversificadas, assentam nos quatro eixos interdependentes que se conjugam para o desenvolvimento das competências em Literacia das Artes, emanados no já citado C.N.E.B.: Competências Essências as quais designam-se por: *“Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação; Desenvolvimento da Criatividade; Apropriação das Linguagens Elementares das Artes; e Compreensão das Artes no Contexto, designados neste documento por Domínios.”* (Abrantes, P.; 2001; pp.152-153).

A estes eixos equivalem três organizadores das dimensões das competências específicas, a saber: fruição-contemplação, produção-criação e reflexão-interpretação (Idem, p.157), os quais se subdividem em Comunicação Visual e Elementos da forma, deixando de ser designados de Domínios de competências, passando no contexto deste novo documento, a serem apelidados de Subdomínios.

Tendo por base as competências essenciais para a Educação Artística, para a Expressão Plástica e para a Educação Visual e Tecnológica, procuraram articular verticalmente as metas definidas para cada um dos níveis/ciclos, considerando que para o 1.º Ciclo, ficou definido - a Expressão Plástica na *“Organização Curricular e Programas: Programa 1.º Ciclo Ensino Básico”* (Idem, pp..95- 103).

As metas para o primeiro ciclo, a par dos outros ciclos, seguem uma direção metodológica que contempla idênticas dimensões da aprendizagem: *“... contacto e diálogo com a obra de*



arte; aprendizagem das linguagens específicas, produção plástica, contato com diversos materiais e meios tecnológicos e a expressão de juízos fundamentados de apreciação.”

Com este novo documento procura-se, nesta área, que os saberes sejam desenvolvidos de um modo globalizante, nos quais sejam integradas as seguintes dimensões:

Afirmação da cidadania - Reconhecimento da importância dos patrimônios cultural e artístico nacionais como valores indispensáveis ao desenvolvimento das capacidades de apreciação estética e artística, implicando a mobilização de processos de observação, análise, síntese e juízo crítico (opiniões com critérios fundamentados); de modo a levar as crianças a um conhecimento mais profundo dos bens culturais, a uma maior proximidade e a uma maior capacidade de intervenção e preservação.

Sentido estético – Permitir oportunidades de enriquecer e alargar a experiência visual das crianças, possibilitando o contacto com a obra de arte, entre outras formas visuais, despertando o gosto para apreciar e fruir os diferentes contextos visuais.

Linguagem específica - Aquisição da linguagem da comunicação visual para identificar e analisar, com um vocabulário específico e adequado, conceitos, contextos, técnicas em obras artísticas e noutras narrativas visuais, aplicando os saberes apreendidos em situações de observação e/ ou da sua criação plástica.

Contacto com a obra de arte – Utilização de obras de arte de diferentes épocas e culturas, sendo indesejável que se restrinja a Arte à tradição ocidental e em determinados períodos históricos.

Produção plástica - Experimentar plasticamente conceitos, temáticas e narrativas em diferentes meios expressivos, mobilizando os elementos da comunicação visual e os conhecimentos vivenciados nos diferentes contextos artísticos, dando especial relevo ao desenho, nas suas diferentes vertentes, como *“exercício básico e insubstituível de toda a linguagem plástica e uma «ferramenta» essencial na estruturação do conhecimento visual”*.

Linguagens digitais - Perceber a importância das linguagens digitais (Internet, computador, CDROM, fotografia; cinema de animação, entre outros) na interpretação de narrativas visuais e na conceção/produção de objetos plásticos nos quais se ensaiem soluções originais, diversificadas e alternativas, no âmbito da pintura, do desenho, do tratamento de imagem, de atividades interativas e do processo de pesquisa (Internet). (Metas Expressões Artísticas, retirado em 10/01/2012)



Sendo as Metas de aprendizagem alcançadas através das evidências de evolução na aquisição de conhecimento nos vários domínios, a saber:

Domínio: Expressão Plástica - Compreensão das Artes no Contexto

Subdomínio: Comunicação Visual

Meta Final 24) O aluno é capaz de ler e analisar diferentes formas visuais (e.g. natureza, obra de arte, arquitetura, design, objetos do quotidiano, entre outras) através do contacto com diferentes modalidades expressivas (pintura, escultura, fotografia, cartaz, banda desenhada, entre outros) em diferentes contextos: físico (museus, catálogos, monumentos, galerias e outros centros de cultura) e digital (Internet, CDROM).

Domínio: Expressão Plástica - Apropriação da Linguagem Elementar das Artes

Subdomínio: Comunicação Visual e Elementos da Forma

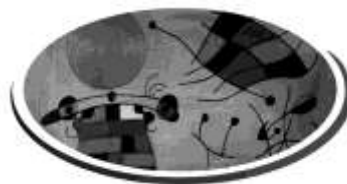
Meta Final (25) O aluno adquire e aplica a linguagem elementar das artes visuais para identificar e analisar, com um vocabulário específico e adequado, conceitos, contextos e técnicas em obras artísticas e noutras narrativas visuais, em situações de observação e/ou da sua criação plástica.

Meta Final (26) O aluno identifica a representação da figura humana (proporção natural e a desproporção) em diversos suportes: físico (museus e outros centros de arte, catálogos,) e digital (Internet, CDROM.), compreendendo a intencionalidade do efeito da deformação como meio expressivo.

Meta Final (27) O aluno descreve a cor em situações do mundo que nos rodeia (natureza, obras de arte, arquitetura, design, objetos do quotidiano, entre outros objetos culturais) e explicita a sua importância na aparência visual dos objetos.

Meta Final (28) O aluno reconhece o valor expressivo da linha, num contexto figurativo ou abstrato, recorrendo ao património natural (natureza e cenas do quotidiano) e ao património artístico (monumentos e museus), em suportes físicos e/ou digitais.

Meta Final (29) O aluno reconhece e relaciona as diferentes formas dos objetos no património natural (natureza, objetos do quotidiano) e no património artístico (pintura,



escultura, arquitetura, entre outros), compreendendo a diferença entre valor utilitário e estético das formas.

Meta Final (30) O aluno reconhece as diferentes texturas nos elementos/objetos do património natural (natureza, objetos do quotidiano) e no património artístico (pintura, escultura, arquitetura, entre outras).

Domínio: Expressão Plástica - Desenvolvimento da Capacidade de Exp. e Comunicação

Subdomínio: Comunicação Visual

Meta Final (31) O aluno manifesta capacidades expressivas e comunicativas nas suas produções plásticas, assim como na observação das diferentes formas visuais.

Domínio: Expressão Plástica - Desenvolvimento da Criatividade

Subdomínio: Comunicação Visual e Elementos da Forma

Meta Final (32) O aluno transforma os conhecimentos adquiridos em novos modos de apreciação das formas visuais (obra de arte, natureza, entre outros objetos culturais) e em novos modos de representação.

A Proposta de Atividades foi elaborada com base nos documentos de referência ao nível da Expressão Plástica, da Educação Artística, das Expressões Artísticas ao longo do Primeiro Ciclo do Ensino Básico. A escola e nós educadores devemos proporcionar aos alunos a oportunidade de vivenciar experiências de aprendizagens diversificadas, propícias ao desenvolvimento das competências artísticas ou das metas de aprendizagem, ajudando na consolidação da construção da sua personalidade, identidade pessoal e social.

Sendo a intenção desta Proposta de Atividades facilitar e colaborar na planificação e desenvolvimento de atividades onde a literacia das Artes seja fomentada, deixa-se aqui em aberto a nova proposta de reestruturação a nível da Expressão Plástica, integrada agora num contexto de Expressões Artísticas, que veio substituir a antiga designação de Educação Artística, o qual ainda não foi colocado em prática e provavelmente terá um longo percurso para tentar desbravar muitas dissonâncias do sistema, que na generalidade quase não fomentou a prática do antigo documento C.N.E.B. de 2001 a nível da antiga Educação



Artística. Apesar das mudanças de nomenclatura, na prática continua muito por fazer, sejamos otimistas com o futuro da Expressão Plástica em Portugal ...

8.2 Correntes Artísticas

Neste subcapítulo são expostas as correntes artísticas que serão abordadas no “Desenvolvimento da Atividades”. Não é propósito desta Proposta relatar toda a História de Arte: apenas se apresentam as mais marcantes da história da Humanidade e as correntes do séc. XX que se acharam mais pertinentes. Como tal existem saltos temporais a nível de correntes artísticas.

Através da observação de imagens, de obras de Arte, criteriosamente selecionadas de várias correntes artísticas, para que professores e alunos tenham uma visão da História de Arte, numa visão pedagógica, e enriqueçam a sua cultura visual e a geral. Devido ao seu poder instaurador, o observador de hábitos conservadores ampliará a sua perceção geral aos autores e artistas, *“descobrimo um novo estado de consciência estética e, mais uma vez, poderá debruçar-se com mais lucidez e simpatia para diversos aspetos da expressão das crianças e do seu sentido lúdico”*. (Gonçalves, E., 1991, p.4).

A arte incute-nos o desejo de aperfeiçoamento permanente,

“...apenas através da sua exemplaridade, e predispõe-nos para a compreensão aprofundada do mundo e de nós mesmos. Perante uma obra de arte, o pensamento e a emoção conjugam-se, e, desse modo, são-nos revelados modos de melhorar o mundo e a vida pessoal.” (Gonçalves, R.M., Fróis, J.P. & Marques, E. 2002, p.13)

Na criação desta Proposta, houve o cuidado de simplificar a planificação de atividades para que o professor não se dispersasse na recolha de vários documentos, sendo aqui mencionadas de uma forma sucinta as correntes artísticas e alguns artistas pertencentes a essas mesmas correntes. Também são referidos artistas que, pela sua singularidade, não se inserem em nenhuma corrente específica, mas que se encontram na fronteira de várias correntes. Foi igualmente intenção dar a conhecer e valorizar os artistas nacionais.



Arte Rupestre - A arte das cavernas

A Pré-História é considerada uma das eras mais interessantes da história humana e não se encontra registada em nenhum documento escrito, visto que é uma época anterior à escrita. O que sabemos é o resultado da pesquisa de antropólogos, arqueólogos e historiadores, que reconstituíram a cultura do homem pré-histórico.

A Arte Rupestre começou sensivelmente quando surgiram as primeiras populações humanas, em 38/35 000 a.C., e durou até cerca de 5000-4000 a.C., aquando do surgimento da escrita e dividiu-se em dois grandes períodos:

Paleolítico ou Idade da Pedra Lascada (+- 35 000 a.C., até 8000 a.C.) - Durante este período o Homem era nómada, sem habitação fixa, vivia em cavernas e o seu meio de sustento era a caça, a pesca e a apanha de frutos e raízes. Foi neste período que o Homem criou o fogo e o utilizou para cozinhar os alimentos e servia igualmente como defesa contra os animais selvagens.



Ilustração 5 - *Bisão Ferido*, 15 000 - 10 000 a. C., Altamira, Espanha

Neolítico ou Idade da Pedra Polida (8000 a.C., até 5000-4000 a.C.) - Os povos passam de nómadas a sedentários, fixando-se numa zona, agrupando-se em tribos e clãs, desenvolveram a agricultura e a domesticação de animais, que serviu de alimento e transporte; inventaram a roda e com ela a carroça rudimentar. Com toda esta progressão sucessiva, o Homem deixou de habitar em cavernas e começou a construir casas em palha, madeira ou tijolo.



Ilustração 6 - *Sala dos Touros*, c. 15 000-10 000 a.C. Gruta de Lascaux, Dordogne, França.

As mais antigas obras de arte conhecidas pertencem ao Paleolítico Final. A temática está intimamente relacionada com a caça. A



principal característica da arte rupestre do Paleolítico, são as representações de animais, pintadas, gravadas ou mesmo esculpidas nas superfícies internas das cavernas.

Estas representações encontram-se em cavernas, fora do alcance de possíveis intrusos, devendo ter um propósito muito mais de ritual mágico com intenção de êxito na caça do que um gosto meramente decorativo. Existem igualmente estudiosos que apontam estas pinturas como: o pedir à terra para “criar” animais, para aumentar o abastecimento da população, sendo estes rituais efetuados conforme as estações do ano. (Janson, H. W.; 1989; p. 28)

As obras mais impressionantes deste período encontram-se em Altamira, no norte de Espanha, e em Lascaux na região de Dordogne, em França. É uma imagem bastante realista, com traços firmes e matizes subtis que dão volume ao animal, percebendo-se perfeitamente que o animal está caído, moribundo. (referente à imagem do bisonte)

Os traços não são tão perfeitos no pormenor como as pinturas de Altamira; no entanto percebe-se perfeitamente que representam bisontes, veados e touros correndo ao longo das paredes. Algumas representações são só a carvão, outras pintadas em tons de terra viva.

Em Portugal podemos encontrar exemplares da arte rupestre em Vila Nova de Foz Côa.



Ilustração 7 - Localização no mapa

O maior museu de arte rupestre paleolítico ao ar livre conhecido até hoje, presentemente Património da Humanidade, encontra-se em Foz Côa. Há 20 000 anos atrás o homem gravou milhares de desenhos representando cavalos e bovídeos nas rochas xistosas do vale do Côa, afluente do rio Douro, no nordeste de Portugal, desde agosto de 1996, Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Dentro do Paleolítico, existe o Paleolítico superior ou "Idade da Rena", que se estende desde cerca de 38 000 a. C. até 9 000 a. C.,



período em que o Homo sapiens sapiens, o nosso semelhante, apareceu na Europa. Dentro desse longo período distinguem-se várias culturas, identificáveis pelos vestígios materiais que deixaram. Dentro das quais, a Solutrense, que predominou sensivelmente entre 18 000 a. C. e 15 000 a.C. As gravuras mais antigas conhecidas no Vale do Côa, eram identificáveis com o Solutrense médio antigo, ou seja, foram realizadas há mais ou menos 20 000 anos.

Existem três núcleos de gravuras, todos situados no território do concelho de Vila Nova de Foz Coa, distrito da Guarda. São eles:

- Penascosa (freguesia de Castelo Melhor);
- Canada do Inferno (freguesia de V. N. de Foz Coa);
- Ribeira de Piscos (freguesia de Muxagata);



No vale do Coa existem centenas, talvez milhares de gravuras do período Paleolítico. As gravuras têm como suporte superfícies verticais de xisto. O tamanho das gravuras oscila entre 15 cm e 180 cm, embora predominem as de 40-50 cm de extensão. As técnicas de gravação usadas são a picotagem e a abrasão, que por vezes coexistem.

Os traços são largos, embora sejam por vezes acompanhados de uma grande quantidade de finos traços, que possivelmente serviam de esboço ou complementavam os anteriores. Noutros casos, estes traços finos desenham formas dificilmente perceptíveis. Existem também gravuras preenchidas com traços múltiplos.

Os animais mais representados são os cavalos e os bovídeos (auroques). Exclusivos em certos núcleos, eles podem também coexistir com caprídeos e cervídeos. Os animais aparecem isolados ou em associação, constituindo autênticos painéis. As representações de animais podem sobrepor-se mais ou menos densamente, como podem também estar bem individualizadas. (Silva, A. J.M, 1996, retirado em 11/10/2011)



Arte Egípcia

É comum referir-se que a história só começou com a invenção da escrita, no séc. 5000 a. C., sendo uma das diferenças entre as sociedades pré-históricas e as históricas, uma vez que graças à escrita ficamos a conhecer melhor as várias civilizações. E tal descoberta deve-se às sociedades da Mesopotâmia e do Egito.



Ilustração 9 - Paleta do Rei Narmer, de Hierakonpolis, c. 3000 a.C.

Na época de pintura Hierakonpolis (séc. 3200 a. C.), o Egito era governado por vários soberanos locais, existindo várias guerras entre os reinos do Alto e Baixo Egito. Esta rivalidade só terminou quando alguns reis do Sul conquistaram o Delta e unificaram os dois estados.

Um dos reis envolvidos nesses conflitos foi Narmer, o qual se encontra representado numa notável paleta cerimonial de ardósia, celebrando o seu triunfo sobre o Baixo Egito. Esta paleta é das obras de arte egípcia mais antigas encontradas, sendo também um facto importante o nome do faraó; um peixe (Nar) e um cinzel (Mer) inscritos na faixa superior da paleta. Sendo já visíveis algumas das características mais marcantes da arte egípcia, as proporções das figuras representadas, conforme a sua condição social. (Janson, H. W.; 1989; p. 55)

A arte egípcia oscilava entre a tradição e a inovação, mas nunca estática, e algumas das suas características exerceram influências nas artes grega e romana. O suporte dos escritos era um papel fabricado com base na planta do papiro. A escrita e a pintura estavam estreitamente vinculadas pela sua função religiosa. As pinturas murais dos vários templos, entre eles as famosas pirâmides, eram acompanhadas de textos e fórmulas mágicas dirigidas às divindades e aos mortos. (Figueiredo, D.J., s/d, 2/10/2011)

Existiam obras menos naturalistas pela sua correspondência estilística com a escrita, que foram designadas por Pinturas Hieráticas. Sendo exemplo, as famosas pinturas dos murais da tumba da rainha Nefertari, no Vale das Rainhas, em Tebas.



Ilustração 10 - Decoração da tumba de Nefertari, esposa de Ramsés II.

Os temas da pintura eram normalmente representações da vida quotidiana, de batalhas, de lendas religiosas ou de motivos de natureza escatológica. As figuras típicas dos murais egípcios, são representadas de perfil, mas com os braços e o corpo de frente - perspectiva da aparência.

Os egípcios não representavam as partes do corpo humano com base na sua posição real, mas sim levando em consideração a posição de onde melhor se observasse cada uma das partes: o nariz e o toucado aparecem de perfil, que é a posição em que eles mais se destacam; os olhos, braços e tronco são representados de frente.

Os artistas Egípcios nunca retratavam os idosos e doentes como eles realmente eram, mas como deveriam ser, ou seja, perfeitos. A arte do Vale do Nilo também desenvolveu a mesma técnica, posteriormente muito utilizada na Europa Medieval, de representar os indivíduos mais importantes, bem como os Deuses, com estaturas maiores do que aqueles menos



Ilustração 11 - Pirâmides de Gizé: (séc. 2470 - 2530 a.C.)

importantes. Dessa forma, para a arte, não importava a real estatura de um indivíduo, mas sim sua importância social (as mulheres, eram sempre retratadas menores do que os homens, com exceção se fossem muito importantes). O Faraó era sempre o de maior estatura a ser retratado: afinal, era um Deus. (Figueiredo, D.J., s/d, 2/10/2011)

Mesmo que o faraó estivesse sentado, os demais indivíduos seriam menores do que ele, ou, estariam prostrados de joelhos adorando-o com a face colada ao chão. A arquitetura é outra das referências da arte egípcia. Os monumentos mais emblemáticos, estão associados à existência para além da morte. Estes monumentos eram restritos à casta aristocrática, agrupada na corte faraônica da quarta dinastia, nas três famosas pirâmides de



Ilustração 12 – Busto de Nefertite.

Gizé. A escultura egípcia estava ligada à eternização do homem após a morte, logo com cariz profundamente religioso. A representação, de um faraó ou de um nobre, era o substituto físico da morte, a sua cópia, em caso de decomposição do corpo mumificado. Isso talvez pudesse justificar o exacerbado naturalismo alcançado pelos escultores egípcios, principalmente no império antigo.

Com o passar do tempo, a exemplo da pintura, a escultura ficou com linhas mais estilizadas. Sendo o ícone do Museu de Berlim, o busto de Nefertiti mede 50 cm de altura. Nefertiti (c. 1380 - 1345 a.C.) foi uma rainha da XVIII dinastia do Antigo Egito, esposa principal do faraó Amen-hotep IV, mais conhecido como Akhenaton.

Para finalizar este prefácio à arte egípcia, é de referir o túmulo de TukanKamon. Apesar deste faraó, não ter uma grande relevância na história do Egito, presentemente tem-na, pelo facto de que foi o único faraó, cujo túmulo foi descoberto intacto. Todos os outros túmulos foram saqueados. Era filho do faraó Akhenaton, é também conhecido como o “Faraó Menino”. Foi faraó do Egito Antigo entre os anos de 1336 e 1327 a.C., morreu com apenas 19 anos. (Janson, H. W.; 1989; p. 53-69)



Ilustração 13 - Máscara do túmulo de Tutankamon.



Arte Romana

A arte romana remonta ao ano de 509 a.C. Tradicionalmente, a arte romana é dividida em dois períodos: a arte da Roma republicana e a da Roma imperial (a partir do ano 27 a.C.), subdividindo-se por dinastias ou pelos imperadores mais importantes.



Ilustração 14 - Vaso romano

Na época da república, a sua arte conserva muitas características do seu passado etrusco. Pouco a pouco, a arte libertou-se da sua herança etrusca, graças à expansão pela Itália e pelo Mediterrâneo e ao facto de os romanos terem assimilado outras culturas, como a grega. Os romanos ficaram maravilhados com a cultura grega, de tal forma, que inicialmente se inspiraram em muitos dos seus elementos para a sua cultura. (História do Mundo, s/d, retirado em 2/9/2011)

No decorrer dos dois últimos séculos antes do nascimento de Cristo, surgiu uma maneira tipicamente romana de construir edifícios, realizar esculturas e pintar. No entanto, devido à imensa extensão geográfica do Império Romano, a sua arte acaba por ser muito eclética, uma vez que emprega estilos e gostos das diferentes colónias/províncias e igualmente de acordo com as preferências dos seus mecenas.

Os templos romanos resultam de uma combinação de elementos gregos e etruscos, principalmente na planta retangular e nas ordens gregas (dórica, jónica e coríntia), às quais criaram mais duas ordens: a toscana e a composta. (Janson, H. W.; 1989)



Ilustração 15 - A Maison Carrée, Nîmes (c. 16 d.C.).

A Maison Carrée, na cidade francesa de Nîmes (séc. 16 d.C.), é um excelente exemplo da tipologia romana templária. (Janson, H. W.; 1989)

Na península Ibérica, podemos encontrar alguns restos arqueológicos de templos da época romana, para além de França, também em Espanha e Portugal, como é o caso do templo de Diana em Évora e o de Almofala, em Figueira de Castelo Rodrigo.

Os romanos são considerados verdadeiros mestres na arte do mosaico, cujos exemplos de maior valor artístico são também os que decoravam os edifícios de Pompeia. Trata-se de uma técnica diferente da pintura, mas que ornamenta igualmente as obras arquitetónicas. De uma forma brilhante, tanto na pintura como no mosaico, souberam misturar realismo com imaginação, ocupando grandes espaços nas construções, enriquecendo-as. (Janson, H. W.; 1989)



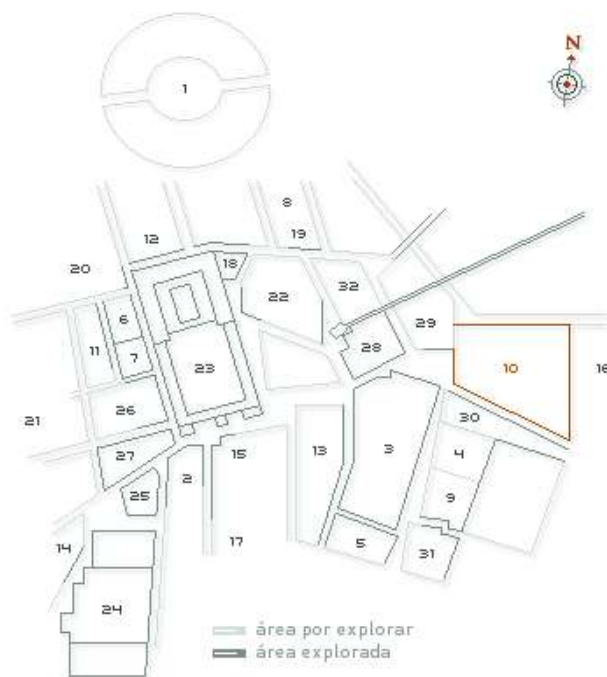
Ilustração 16 - Templo de Diana, Évora.

Em todo o Império, encontram-se mosaicos romanos. Oscilam entre modelos abstratos a preto e branco até ambiciosas composições figurativas policromáticas, como o grande chão da casa de Fauno em Pompeia. Em Espanha e Portugal ainda existe diversos mosaicos da época romana. Entre os espanhóis destacam-se: os de Mérida, os da casa de Mitreo e os de Ampúrias em Gerona, entre outros. Relativamente aos portugueses, os melhores exemplos são os das termas Augustanas, os da casa de Cantaber e os de Conímbriga.



Aprofundando um pouco mais em relação a Conímbriga, esta foi habitada, pelo menos, entre o séc. IX a.C. e os séculos VII-VIII, da nossa era. Quando os Romanos chegaram, na segunda metade do séc. I a.C., Conímbriga era um povoado florescente. Seguindo a profunda crise política e administrativa do Império, Conímbriga sofreu as consequências das invasões bárbaras.

A cidade romana de Conímbriga, (cujo apogeu situa-se sensivelmente entre os séculos I e III) desenvolveu-se num planalto, apresentando vestígios de ocupação desde os finais da



Idade do Bronze. Na idade média, Conímbriga foi abandonada completamente, após as invasões bárbaras do séc. IV, a sua função de sede episcopal, passou para Aeminium, a atual Coimbra, tornando-se esta a cidade mais importante da região.

Uma das características mais notáveis das construções de Conímbriga é a abundância de elementos decorativos, nomeadamente de mosaicos: na sua maioria, são composições geométricas a preto e branco, com predominância de fundos brancos.

Ilustração 17 --Mapa de Conímbriga.



Existem igualmente, mosaicos com padrões policromos, por vezes figurativos e muito pormenorizados, de grande riqueza e valor artístico.

Principais destaques de Conímbriga:

As muralhas da cidade, em grande parte intactas, construídas para a defesa da cidade contra as primeiras invasões bárbaras do séc. III d.C;



Ilustração 18 - Mosaicos policromados em Conímbriga.

Para a História, o final da arte romana e consequentemente, o início da arte medieval coincidem com a conversão do imperador Constantino ao cristianismo e a mudança da capital do Império de Roma para Constantinopla, no ano 330. No entanto, o estilo romano continuou a ser representado durante séculos, reproduzido frequentemente em imagens cristãs. (Conímbriga, s/d, retirado em 20/9/2011)

As fundações das termas públicas, que permitem ver a disposição original destas;

As ruínas de uma vila urbana da primeira metade do séc. II d.C., com 600 m² de mosaicos no chão completamente preservados; (Conímbriga, s/d, retirado em 21/9/2011)



Ilustração 19 - Motivo labiríntico com um Minotauro.



Arte Gótica

O estilo Gótico nasceu na França e irradiou-se por outras regiões da Europa. Iniciou-se na arquitetura religiosa e disseminou-se também pela arquitetura secular da época, salientando-se as catedrais, sendo esta a razão de ser apelidada de arte das catedrais. O gótico prevaleceu na Europa Ocidental até ao final do século XV, altura em que se deu uma recuperação dos valores da arquitetura clássica. (Janson, H. W., 1989)

Este estilo nasceu sensivelmente entre 1137 e 1144, da reedificação da abadia real de Saint- Dinis, dirigida pelo abade Suger. Houve uma busca incessante por formas geométricas que transmitissem equilíbrio, harmonia e beleza, e que fosse igualmente iluminada pela luz divina.



Ilustração 20 - Igreja da abadia de Saint- Dinis, Paris.

As características mais marcantes da arquitetura gótica consistiam na aplicação de vários portais nas construções; o uso da abóbada de nervuras; o uso do arco ogival e dos pilares de apoio, que faziam com que as paredes pudessem ser mais finas, assim como o surgimento dos vitrais coloridos, filtrando a luz externa. Para o clérigo, as características da arquitetura tinham uma carga simbólica, onde as paredes representavam a base espiritual da Igreja, a imponência da sua verticalidade, os pilares representavam os santos e os arcos eram o caminho para Deus. (Janson, H. W.; 1989)

A arquitetura gótica em França pode ser dividida em quatro períodos: o gótico inicial (1130-1190), período em que se deu o aparecimento do arco quebrado (arco ogival), aplicado por exemplo na catedral de Notre Dame (iniciada em 1160), em Paris.



No gótico pleno, as catedrais apresentam uma maior verticalidade, com arcos mais altos e estreitos, utilizados na catedral de Chartres (iniciada em 1194) e na catedral de Bourges (iniciada em 1209). O gótico radiante, ocorrido entre 1240 e 1350, deve o nome à estrutura de algumas catedrais, em que várias capelas irradiam da abside, como na Sainte Chapelle



(1226-1230), em Paris. Finalmente, o gótico tardio ou gótico flamejante, cujas manifestações ocorreram entre 1350 e 1520, correspondendo a uma ornamentação de motivos curvilíneos na traça dos vãos e de arrendados nos pináculos e outros elementos salientes.

A Catedral de Notre-Dame de Paris é uma das mais antigas catedrais francesas em estilo gótico. É dedicada a Maria, Mãe de Jesus Cristo. Localizada na Ilê de la Cité, rodeada pelas águas do Rio Sena.

Ilustração 21 - Catedral de Notre-Dame de Paris.

Quanto à escultura gótica, as obras mais notáveis situam-se entre 1220 e 1420 d. C. e desenvolveu-se paralelamente à arquitetura das Igrejas e está presente nas fachadas, tímpanos e portais das catedrais. Caracteriza-se por um naturalismo que procurou expressar a beleza ideal do divino.

A partir do século XII a França conheceu transformações importantes, caracterizadas pelo desenvolvimento comercial e urbano e também pela centralização política, elementos que marcaram o início da crise do sistema feudal. No entanto, o papel da Igreja continua a ser preservado na sociedade. A Arte Gótica reflete o desenvolvimento das cidades, contudo ainda preso à religiosidade, nota-se uma renovação das formas, caracterizada pela verticalidade da sua arquitetura e por uma maior exatidão dos seus traços, mas com a finalidade de expressar a harmonia divina. (Janson, H. W.; 1989)

A pintura era utilizada de uma forma narrativa, contudo procurava o realismo na representação dos seres que compunham as obras. Através dos seus fundos em tons



dourados, os espaços representados ganharam um simbolismo sagrado e atemporal, alheio à vida mundana. A imagem era deformada em função da verticalidade arquitetónica.

Em Portugal também existem vários monumentos deste período, existindo uma grande concentração na cidade de Santarém, conhecida por capital do Gótico. Sendo o seu ex-líbris a rosácea rendilhada de uma só pedra da Igreja da Graça, pertencente ao gótico flamejante. (Pinto, R.S., 2009, retirado em 2/12/2012)

Ilustração 22 - Igreja da Graça, Classificado pela UNESCO como Património da Santarém



Humanidade desde 2007, o Mosteiro da Batalha, ou Convento de Santa Maria da Vitória, é uma das maiores joias arquitetónicas Portuguesas do Gótico, e igualmente o símbolo da Dinastia de Avis. Mandado construir pelo rei D. João I, Mestre de Avis, como agradecimento pela vitória na Batalha de Aljubarrota, que pôs termo à difícil crise de 1383-85. Os trabalhos de construção iniciaram-se em 1388, e foram atribuídos ao Mestre Afonso Domingues. (Mosteiro da Batalha, s/d, retirado em 1/6/2012)

Ilustração 23 - Mosteiro da Batalha

Em 1402, pela mão do Mestre Huguet, que dá continuidade às obras de construção do Mosteiro, dotando a estrutura de um novo fôlego de influência Gótica Flamejante, iniciando-se a construção da abóbada da Sala do Capítulo, da Capela do Fundador e das Capelas



Ilustração 24 - Cúpula do Mosteiro da Batalha.



Ilustração 25 – Pormenor de uma janela do Mosteiro.

Imperfeitas (panteão do rei D. Duarte). Em 1402, inicia-se a construção da abóbada da Sala do Capítulo, da Capela do Fundador e das Capelas Imperfeitas (panteão do rei D. Duarte) já com influências do Gótico Flamejante. Posteriormente foi construído o Claustro de D. Afonso V e foram fechadas as galerias do claustro.

É ainda de destacar que no Mosteiro da Batalha é possível encontrar o mais importante núcleo de vitrais medievais Portugueses, visíveis na Capela-Mor e na Sala do Capítulo, albergando ainda o importante arquivo e o espólio da oficina de Ricardo Leone. (Mosteiro da Batalha, s/d, retirado em 1/6/2012)



Renascimento

Após o final da Idade Média ocorreram grandes transformações sociais e económicas que modificaram o modo de vida dos europeus, dando início assim à Idade Moderna. (Século XIV a inícios do século XVII)

O termo Renascimento define o período da História da Europa entre 1300 e 1650. Durante este período ocorreram importantes transformações culturais, políticas e religiosas. Sucedeu-se uma revalorização e aprofundamento da antiga cultura greco-romana que conduziu a desenvolvimentos no campo das artes, da literatura, da filosofia e das ciências. (Janson, H.W., 1989)

A redescoberta do mundo, da natureza e do homem foi o mote de todo esse progresso. A visão teocêntrica (“Deus no centro”) da Idade Média deu lugar ao antropocentrismo (“Homem no centro”), um processo consciente no qual o Homem é o principal e decisivo elemento na condução da história da humanidade. De facto, a valorização do Homem, do seu intelecto e das suas habilidades, foi um resultado extraído da cultura greco-romana.

Os artistas renascentistas defendiam a ideia de que a arte na Grécia e Roma antigas tinha um valor estético e cultural superior à arte na Idade Média. Deste modo, é notório que uma escultura renascentista, por exemplo, possua uma grande semelhança com as esculturas da Grécia Antiga. (Sousa, R., s/d, retirado em 3/01/2011)

A novidade renascentista não foi somente a ressurreição da sabedoria antiga, mas também a sua expansão e aprofundamento através da criação de novas ciências e disciplinas, de uma nova visão do mundo e do Homem, e de um novo conceito de ensino e educação. O resultado foi um grande progresso na disciplina e desenvolvimento do intelecto e das habilidades gerais do homem, que tinham origem na cultura greco-romana e que, em parte se perderam para o ocidente durante a Idade Média.

Muitos renascentistas viam a sua própria época como distinta tanto da Idade Média como da Antiguidade, com um estilo de vida até então inédito sobre a face da Terra. Este sentimento era assente precisamente no progresso óbvio da ciência. A história confirma que nesse período foram inventados inúmeros instrumentos científicos e foram descobertas diversas



leis naturais e objetos físicos, antes desconhecidos. Os próprios mapas do mundo foram modificados depois dos descobrimentos das grandes navegações.

A física, a matemática, a medicina, a astronomia, a filosofia, a engenharia, a filologia e vários outros ramos do conhecimento atingiram um nível de complexidade, eficiência e exatidão sem precedentes, cada um contribuindo para um crescimento exponencial do conhecimento global. Conseqüentemente, a concepção de história da humanidade passou a ser vista como uma expansão contínua e sempre positiva. Talvez seja esse espírito de confiança na vida e no Homem o que mais liga o Renascimento à antiguidade clássica e o que melhor define a sua essência e o seu legado.

Os renascentistas defendiam a ideia de que há explicação científica para a maioria das coisas. Deste modo, desprezavam as explicações elaboradas pela Igreja Católica ou por outras fontes que não fossem científicas. Este período da história foi muito expressivo no que respeita ao desenvolvimento das experiências científicas e do pensamento racional e lógico. (Janson, H.W., 1989)

Os renascentistas procuravam entender o mundo através do estudo de várias ciências (Biologia, Matemática, Física, Astronomia, Botânica, Anatomia, Química, etc.). Um ótimo exemplo desta visão do mundo foi Leonardo da Vinci que, além de pintor, desenvolveu também trabalhos e estudos em várias áreas do conhecimento.

O brilhante florescimento cultural e científico renascentista deu origem a sentimentos de otimismo, abrindo positivamente o homem para a modernidade e incentivando o seu espírito de pesquisa. O desenvolvimento de uma nova atitude perante a vida deixava para trás a espiritualidade do gótico e via o mundo material com as suas belezas naturais e culturais como um local a ser desfrutado, com ênfase na experiência individual e nas possibilidades latentes do homem. Além disso, o crescente prestígio do artista como um erudito e não como um simples artesão, é um novo conceito de educação que valorizava os talentos individuais de cada um e tentava desenvolver o homem num ser completo e íntegro, com a plena expressão das suas faculdades espirituais, morais e físicas, alimentavam novos sentimentos de liberdade social e individual. (Janson, H.W., 1989)



Arquitetura

A arquitetura do Renascimento está assente em dois pilares essenciais: o Classicismo e o Humanismo. Embora não surja totalmente desvinculada dos valores e hábitos medievais, os conceitos que estão por trás desta arquitetura são de consciente ruptura com a produção artística da Idade Média (em especial com o estilo gótico).

Na arquitetura renascentista a ocupação do espaço pelo edifício baseia-se em relações matemáticas estabelecidas de tal forma que o observador possa compreender a lei que o



Ilustração 26 - Capela Pazzi, (1430-33), Sta. Croce, Florença

organiza, de qualquer ponto em que se coloque. É evidente a racionalidade, a preocupação pelo equilíbrio geométrico e simetria na distribuição de volumes.

De entre as características mais notáveis da arquitetura renascentista está o predomínio das linhas horizontais sobre as verticais, a utilização de

elementos clássicos (colunas, frontões triangulares nas fachadas, arcos de volta perfeita, abóbadas de berço e cúpulas), o uso de cornijas e balaústres a coroar os terraços e a decoração com base em figuras mitológicas e em elementos da Natureza.

É de salientar ainda a retomada do modelo centralizado de templo, desenhado sobre uma cruz grega e coroado por uma cúpula, espelhando a popularização de conceitos da cosmologia neoplatônica e com a inspiração de edifícios-reíquias como o Panteão de Roma. (Arquitetura do Renascimento, s/d, retirado em 5/1/2011)

Em Portugal, as formas clássicas difundiram-se apenas durante um curto período, dando lugar à arquitetura manuelina, uma espécie de reinterpretação dos estilos medievais e considerada, por alguns, como o efetivo representante do Renascimento no nosso país.



Pintura

Uma das maiores contribuições da pintura do Renascimento foi a sua maneira de representar a natureza, através do domínio sobre a técnica pictórica e da perspectiva que criou uma eficiente ilusão de espaço tridimensional numa superfície plana. Esta conquista significou um afastamento radical em relação ao sistema medieval de representação, onde as proporções eram simbólicas.

Para além da introdução da perspectiva, gradualmente foram sendo substituídas as técnicas da têmpera e do fresco para a pintura a óleo. Na pintura a óleo começou-se a utilizar novos pigmentos, o que possibilitou novas graduações da cor, assim como a transição suave da sombra para a luz. (Pintura do renascimento, s/d, retirado em 4/1/2011)

O desenho passou a ser considerado a base de todas as artes visuais e o seu domínio um pré-requisito para todos os artistas. Para tal, revelou-se útil o estudo das esculturas e relevos da Antiguidade, que deram o fundamento para o desenvolvimento de um grande repertório de temas, gestos e posturas do corpo.

A norma greco-romana de proporções voltava a determinar a construção da figura humana e voltava também o cultivo do Belo caracteristicamente clássico. A pintura renascentista, linear na sua essência, estabeleceu um novo parâmetro cujo fundamento era matemático, consequência da popularização dos princípios filosóficos do racionalismo,



Ilustração 27 - Botticelli, *Nascimento de Vénus*, 1485.

antropocentrismo e do humanismo. A linguagem visual desenvolvida pelos pintores renascentistas foi tão bem sucedida que permanece válida até hoje.



Botticelli foi um dos mais importantes artistas do Renascimento (1445-1510). Desde jovem que se dedicou à pintura mostrando grande talento para as artes. Nas suas obras seguiu



Ilustração 28 - Leonardo da Vinci, *Mona Lisa*.

temáticas tanto religiosas como mitológicas. Uma de suas obras mais conhecidas é: *O Nascimento de Vénus*, 1485. Onde podemos observar o resgate da mitologia romana. (Sandro Botticelli, s/d, retirado em 7/03/2011)

Mas o artista mais versátil da Itália renascentista foi Leonardo da Vinci: pintor, escultor, arquiteto, engenheiro e alquimista. Os seus desenhos, combinando uma precisão científica com um grande poder imaginativo, refletem a enorme vastidão dos seus interesses, que iam desde a biologia, à fisiologia, à hidráulica, à aeronáutica e à matemática. Entre as suas inúmeras obras destacam-se: *A Última Ceia*, *A Virgem dos Rochedos* e *Mona Lisa* (1503/1505). (Leonardo Vinci, s/d, retirado em 7/03/2011)

Outro grande artista Italiano deste período foi Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni, mais conhecido como Miguel Ângelo, nasceu a 6 de março de 1475 em Caprese e foi pintor, escultor, poeta e arquiteto italiano, considerado também como um dos maiores criadores da história da arte do ocidente. A sua carreira desenvolveu-se na transição do Renascimento para o Maneirismo, e o seu estilo sintetizou influências da arte da Antiguidade clássica, do primeiro Renascimento, dos ideais do Humanismo, centrado na representação da figura humana e em especial no nu masculino. As obras mais importantes deste artista na escultura são: *Baco*, *Pietà* e *David* (1501). Na pintura, o vasto ciclo do teto da Capela Sistina, onde está incluído o *Juízo Final*. (Michelangelo Buonarroti, s/d, retirado a 7/03/2011)



Ilustração 29 - Miguel Ângelo, *David*.



Igualmente importante foi o pintor Rafael, também conhecido por Raffaello Santi ou Raffaello Sanzio, nasceu em Urbino em 1483. Em 1504, mudou-se para Florença. Nessa época, influenciado pelas inovações artísticas de Leonardo da Vinci e Miguel Ângelo, Rafael transitou de um estilo assente na perspetiva e na composição geométrica rígida para uma forma mais informal, natural e suave de pintar. Foi considerado o grande pintor de *Madonas*. (Rafael Sanzio, s/, retirado em 12/03/2011)



Ilustração 30 - Rafael, *Santa Catarina de Alexandria*

Escultura

A escultura renascentista distingue-se da gótica essencialmente por deixar de ter a função de elemento ornamental, valendo por si mesma. Entende-se como um processo de recuperação da escultura da Antiguidade clássica e da sua mitologia, com uma nova visão do pensamento humanista e da função da escultura na arte. Voltou-se à representação do nu, as estátuas equestres foram retomadas, sendo exemplo de realismo. As principais características apontadas à escultura desta época são: a procura de uma representação realista do Homem, a proporção das figuras mantendo a sua relação com a realidade, a profundidade e perspetiva e a importância do estudo do corpo e do carácter humano. (Escultura Renascentista, s/d, retirado em 5/1/2011)



Arte Nova

Art Nouveau, também designada de Arte Nova, foi um estilo artístico essencialmente de design e arquitetura que também influenciou o mundo das artes plásticas. Foi desenvolvido na Europa a partir do final do século XIX e tratou-se de um estilo novo voltado para a originalidade da forma, destituído de quaisquer preocupações ideológicas e independente de quaisquer tradições estéticas.



Ilustração 31 - *Papel de parede, W. Morris*

A Arte Nova procura ainda rejeitar as formas meramente funcionais envolvidas em todos os objetos decorativos provenientes da produção em massa e adere às formas sinuosas, curvilíneas e orgânicas. Inspiração nos padrões de papel de parede de William Morris.

Relaciona-se esta corrente com a 2ª Revolução Industrial, usufruindo da exploração de novos



Ilustração 32 - Gaudí, *Casa Milà*, Barcelona

materiais como o ferro e o vidro (principais elementos dos edifícios que passaram a ser construídos segundo a nova estética) e os avanços tecnológicos na área gráfica, como a técnica da litografia colorida que teve grande influência em cartazes. Valorização do trabalho artesanal, entre outros. O movimento simbolista também influenciou o Art Nouveau, como Gauguain e Munch.

Antoni Placid Gaudí i Cornet (1852-1926) foi um arquiteto catalão e um dos símbolos da cidade de Barcelona, onde se educou e passou grande parte da vida. Arquiteto cujo estilo distinto caracteriza-se pela liberdade de forma, cor e texturas voluptuosas e da unidade orgânica, Gaudí trabalhou quase sempre em Barcelona ou nos seus arredores.



Gaudí é conhecido por fazer extenso uso do arco parabólico catenário, uma das formas mais comuns na natureza. Também utilizou a técnica catalã tradicional do *trencadis*, que consiste em usar peças cerâmicas quebradas para compor superfícies.

Após 1902 os projetos de Gaudí, apesar de terem características da Arte Nova, passam a adotar uma linguagem escultórica bastante pessoal, projetando edifícios com formas fantásticas e estruturas complexas, mas em harmonia com as formas da natureza. Algumas das suas maiores obras são: as casas Batlló e Milá, parque Güell e o templo da Sagrada Família em Barcelona. (o Portal da História, s/d, retirado em 12/3/2011)

Para além de Gaudí, Gustav Klimt (1862-1918) natural de Baumgarten, perto de Viena, foi um pintor que esteve associado ao simbolismo, no entanto destacou-se dentro do movimento Arte Nova austríaco e foi um dos fundadores do movimento da Secessão de Viena. Klimt foi também membro honorário das universidades de Munique e Viena.

O seu trabalho inicial consistiu essencialmente em grandes murais para teatros, num estilo naturalista. A partir de 1894 executou grandes pinturas alegóricas, enveredando por uma linguagem mais ornamental e linear, próxima dos ideais estéticos do movimento da Arte Nova. Contudo, estes trabalhos, "A Filosofia", "A Medicina" e "O Direito", foram tão fortemente criticados pelas correntes mais tradicionalistas e acabaram por não serem aplicados. Confrontado com esta hostil reação crítica do público, Klimt retirou-se da vida pública.



Ilustração 33 - Klimt, *Árvore da vida*, 1905/09

A partir de 1898, o seu trabalho tornou-se mais original e inovador, ganhando um caráter simultaneamente mais simbólico e decorativo. Pintou essencialmente a mulher feminina e fatal, enfatizando a sexualidade, nomeadamente através da representação das senhoras da sociedade de Viena. Os seus quadros compõem-se de mosaicos, cores quentes, motivos florais e animais e, claro, de mulheres sensuais de corpos desnudados.



Ilustração 34 - O Beijo, 1907/1908.

Os seus trabalhos mais famosos, datados do último período artístico do pintor, foram “O retrato de Fritza Riedler” (1906), “O Beijo”, uma pintura a óleo sobre tela datada de 1907-1908, e os murais e mosaicos realizados para o Palácio Stoclet (1905-1909) em Bruxelas. Nas suas pinturas, Klimt revelou a tendência para eliminar o efeito de profundidade e de volume, transformando as figuras num conjunto de superfícies decorativas, com carácter abstrato, de onde se destacavam os pormenores figurativos das mãos e dos rostos. (Fliedl, G., 1994)

Esta corrente ou estilo, recebeu nomes diversos dependendo do país em que se encontrava: Flower art na Inglaterra, "Modern Style", "Liberty" ou estilo "Floreal" na Itália. Os alemães criaram a sua própria vertente de Art Nouveau chamada Jugendstil

Em Portugal, edifícios em estilo Arte Nova são particularmente comuns em Aveiro e Caldas da Rainha.

Em Lisboa, a Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves é um bom exemplo da variante portuguesa do estilo, assim como no Porto o Café Majestic. Em Portugal foi comum, mais que a arquitetura, a decoração de fachadas e interiores com azulejos em estilo Arte Nova, como se comprova em muitos edifícios da virada dos séculos XIX e XX.



Ilustração 35 - Padrão de uma fachada nas Caldas da Rainha.



Fauvismo

O termo Fauvismo deriva de “fauve” (fera selvagem), exclamação feita pelo crítico de arte Louis Vauscelles perante a exposição de pintura do Salão de outono de 1905, em Paris, onde a violenta expressão cromática das telas expostas contrastava com a tendência clássica-renascentista. Surgiu depois do Impressionismo.

Caracterizava-se pela utilização de cores puras em grandes manchas e com fortes contrastes, para acentuar ao máximo o valor expressivo da cor, com o objetivo de transmitir emoções estéticas profundas. Utilizavam formas simples e planas, sem perspectiva académica, em prol de um tratamento do espaço mais intuitivo e livre, bidimensional.

Henri-Émile-Benoît Matisse nasceu em França em 1869. O Pontilhismo inspirou-o a usar cores mais fortes e arrojadas. O Pontilhismo é uma técnica de pintura que, como o nome indica, usa pontos para formar a imagem. Deriva do movimento impressionista e pode ser designada também por divisionismo. Caracteriza-se por criar uma mistura ótica nos olhos do observador, provocada pela justaposição de pequenas manchas ou pontos de cor. Neste estilo de pintura as cores não primárias, são geradas pelo efeito visual produzido pela proximidade dos pontos pintados na tela com as cores primárias.

Da técnica do pontilhismo nasceu o Fauvismo. Matisse, juntamente com Albert Marquet e André Derain, foram os primeiros fauvistas. Foi influenciado por Cézanne mas também por Gauguin, Van Gogh, Signac e Seurat (os dois últimos pontilhistas). Retirou destes pintores o exemplo de tratar a cor como elemento de composição.

Foi o único dos pintores fauvistas, que exploraram o sensualismo das cores fortes, a evoluir para o equilíbrio entre a cor e o traço em composições planas, sem profundidade. (Fauvismo, s/d, retirado em 17/5/2011)

Matisse procurou a composição livre, sem outra ligação que não o senso de harmonia plástica. A sua cor não se dissolvia em matizes, mas era delimitada pelo traço.



Ilustração 36 – Matisse, *A dança*, 1941.

A arte do pintor francês Matisse baseia-se num método que, segundo ele próprio, consiste em abordar separadamente cada elemento da obra, desenho, cor, composição, e em juntá-los numa síntese, *"sem que a eloquência de um deles seja diminuída pela presença dos outros"*. Abandonou assim a perspectiva, as técnicas do desenho e o efeito de claro-escuro, para tratar a cor como valor em si mesma.

A partir de 1941 voltou-se para a esquematização das figuras, de que são exemplos a decoração mural "A dança", para a Barnes Foundation, nos Estados Unidos.(Kohl, J., 1994)

Inventou a técnica de "desenho com tesoura" que ilustra *Jazz* (1947), livro com as suas impressões sobre a arte e a vida. Foi também escultor e ilustrador. Em 1944, ilustrou as *Fleurs du mal* (Flores do mal), de Baudelaire, e, como litógrafo, as *Lettres portugaises* (1946; *Cartas portuguesas*), atribuídas a Mariana Alcoforado, e *Les Amours*, de Pierre Ronsard. Entre 1948 e 1951 dedicou-se à conceção arquitetónica e à decoração interior da capela do Rosário em Saint-Paul, perto de Vence, no sul da França. Morreu em 1954, em Nice. (Vitorino, P., s/d, retirado em 17/572011)



Ilustração 37 – Matisse, *A Tristeza do Rei*, 1952.



Expressionismo

Movimento iniciado por Van Gogh (1853-1890), o Expressionismo Figurativo caracteriza-se pela deformação intencional e está associada ao ritmo gestual da pincelada e à violência cromática. É uma arte que exprime emoções fortes, visíveis nos trabalhos de Van Gogh, no Grito de Munch e no drama do artista português Mário Eloy. (Elger, D., 1998).



Ilustração 38 – Van Gogh, *Noite Estrelada*, 1889.



Ilustração 39 - Munch, *Grito*, 1893.

Paul Klee

Paul Klee nasceu em Münchenbuchsee a 18 de dezembro de 1879 e foi um pintor e poeta suíço naturalizado alemão. Paul interessou-se inicialmente por música, mas na adolescência viu aflorar a sua vocação para as artes plásticas. Foi associado ao expressionismo, cubismo, futurismo, surrealismo, e abstracionismo, mas as suas imagens dificilmente conseguem ser classificadas dentro de uma corrente, vagueando num mundo próprio,

Klee era um desenhista nato que realizou experiências e, conseqüentemente dominou a teoria das cores, sobre a qual escreveu extensivamente. As suas obras refletem o seu humor seco e, por vezes, a sua perspectiva infantil e simplificada da vida, os seus ânimos, as suas crenças pessoais e a sua musicalidade. (Sproccati, S., 2002)



Ilustração 40 - Klee, *Burg und Sonne*, 1928.

Geralmente trabalhava isolado da vista dos outros, e interpretava as novas tendências artísticas à sua própria maneira. Extraordinariamente inventivo nos seus métodos e técnicas. (Kohl, J., 1994)

Klee trabalhou com vários materiais diferentes: tinta a óleo, aguarela e tinta da indiana, tela, musselina, linho, gaze, papel-cartão, limalha, tecido, papel de parede e papel de jornal. Klee utilizava também sprays, recortes, carimbos e verniz, entre outros. Na maioria das vezes, combinava estes materiais numa só obra.

Klee usava uma grande variedade de paletas de cores, que seguiam desde o quase monocromático até ao altamente policromático. Usava frequentemente formas geométricas, letras, números e setas, e combinava-as com figuras de animais e de pessoas. Algumas obras eram completamente abstratas. As suas obras aludem, frequentemente, à poesia, à música e aos sonhos, e chegam a incluir palavras ou notações musicais.



Ilustração 41 - Klee, *Cabeça de Homem*, 1922.



Cubismo

Cubismo é um movimento artístico que surgiu no século XX, nas artes plásticas, tendo como principais fundadores Pablo Picasso e Georges Braque. Tratava as formas da natureza por meio de figuras geométricas, representando todas as partes de um objeto no mesmo plano – renúncia da perspectiva. A representação do mundo passava a não ter nenhum compromisso com a aparência real das coisas. Teve origem na obra de Cézanne, pois para ele a pintura deveria tratar as formas da natureza como se fossem cones, esferas e cilindros. Os cubistas foram mais longe, passaram a representar os objetos com todas as suas partes num mesmo plano.



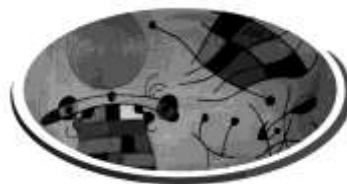
Ilustração 42 - Picasso, *Les Femmes d'Alger (O Version O)*, 1907.

O marco inicial do Cubismo ocorreu em Paris, em 1907, com a tela *Les Femmes d'Alger (O Version O)*, de Pablo Picasso. Retratou a nudez feminina de uma forma invulgar, onde as formas reais, naturalmente arredondadas, deram espaço a figuras geometrizadas.

O pintor cubista tenta representar os objetos em três dimensões, numa superfície plana, sob formas geométricas, com o predomínio de linhas retas. Move-se no espaço, sintetizando as múltiplas imagens que o olhar lhe transmite, ou seja, o olhar não está imóvel, desloca-se incessantemente em torno deles, vendo-os sob todos os ângulos visuais, por cima e por baixo,

percebendo todos os planos e volumes. (Kohl, J., 1994)

O Cubismo tem duas fases distintas: o Cubismo Analítico e o Sintético. O primeiro momento estende-se sensivelmente até 1912, onde a cor era moderada (tons de castanho, cinza e bege) e as formas eram predominantemente geométricas, ocorrendo, desta forma, a necessidade de não somente apreciar a obra, mas também de analisá-la para entender o seu significado. (Sproccati, S., 2002)



Quanto ao Cubismo Sintético (1913 a 1914), onde as cores eram mais fortes e as formas tentavam tornar as figuras novamente reconhecíveis, através de colagens de letras, palavras, números, pedaços de madeira, vidro, metal e até objetos inteiros nas pinturas. Essa inovação pode ser explicada pela intenção dos artistas em criar efeitos plásticos e de ultrapassar os limites das sensações visuais que a pintura sugere.

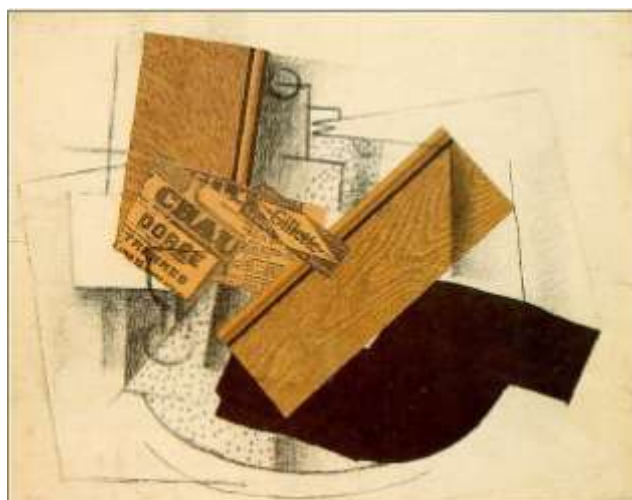


Ilustração 43 - Braque, *Bodegon com Mesa*, 1914

Georges Braque (Argenteuil, 1882 - Paris, 1963) foi um pintor e escultor francês que fundou o Cubismo juntamente com Pablo Picasso. Na sua primeira etapa limita-se às cores ocre e cinzentas, com um repertório de formas muito limitado. Em 1910 abandona o paisagismo e dedica-se às naturezas-mortas, sempre dentro do cânone cubista. *Jarro e Violino* de 1910 é um dos exemplos da fase analítica do cubismo de Braque. Posteriormente introduz nas suas obras materiais novos: areia, madeira, papel, pedra). Todos estes fragmentos, separados do seu contexto habitual, adquirem uma força poética, sendo *Bedegon com Mesa* um bom exemplo desta fase.

Pablo Picasso (Málaga, 1881-Mougins, França,1973), foi um pintor e escultor espanhol, tendo também escrito poesia, como já foi referido, fundou o Cubismo juntamente com Georges Braque. (Kohl,J., 1994)



Fez a primeira viagem a Paris em 1900. Foi um período de extrema pobreza, frio e desespero. Muitos dos seus desenhos tiveram que ser utilizados como combustível para o aquecimento do quarto onde estava hospedado.

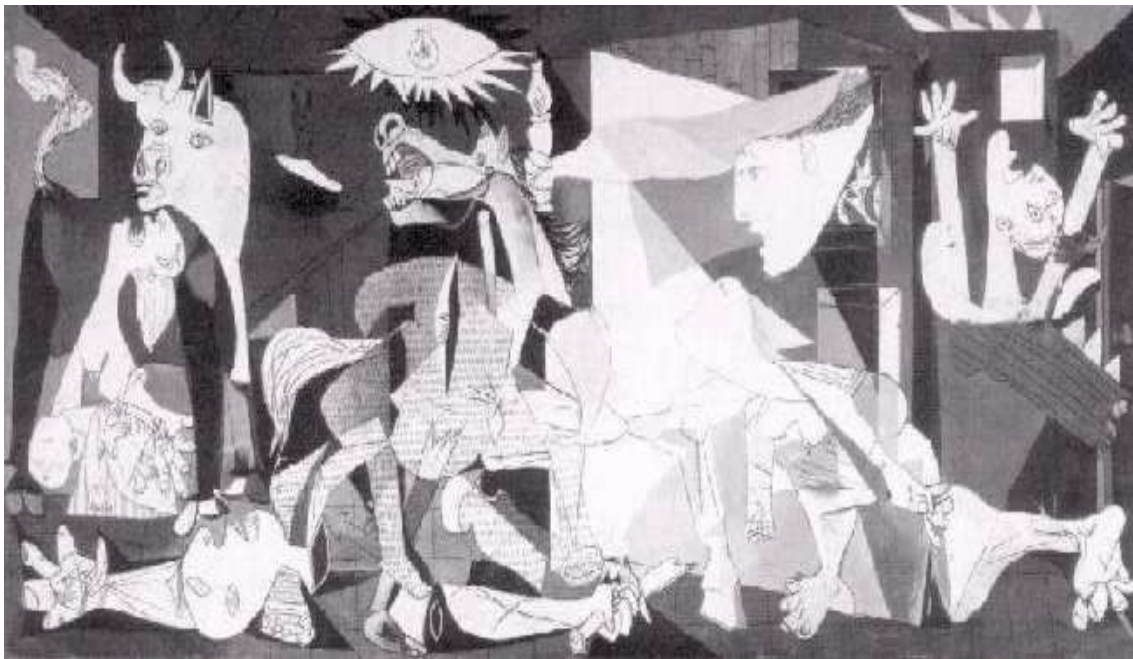
No Período Azul (1901 a 1905), pintou a solidão, a morte e o abandono. Obras sombrias em tons de azul e verde azulado. Desenhava prostitutas e mendigos, que encontrava por Espanha. Outro motivo que o perturbava neste período foi o suicídio do seu amigo Carlos Casagemas.

Quando se apaixonou por Fernande Olivier, as suas pinturas mudaram de azul para rosa, inaugurando a fase rosa (1905 a 1906). Nesta fase há abundância de tons de rosa e vermelho, caracterizada pela presença de acrobatas, dançarinos, arlequins, artistas do mundo do circo. Em 1912, Picasso realizou a sua primeira colagem. Colou nas telas pedaços de jornais, papéis, tecidos e embalagens de cigarros.



Ilustração 44 – Picasso, *Três Músicos*, 1921

Um das obras mais conhecidas de Picasso é o mural *Guernica*, pintado em 1937, por ocasião da Exposição Internacional de Paris. Retrata a cidade basca de Guernica após o bombardeio por aviões alemães, apoiando o ditador Francisco Franco. Claramente cubista, foi pintado a preto e branco, retratando a desumanidade e brutalidade da guerra.



Em

Ilustração 45 - Picasso, *Guernica*, 1937.

1968, aos 87 anos, produziu em sete meses uma série de 347 gravuras recuperando os temas da juventude: o circo, as touradas, o teatro, as situações eróticas. O seu 90.º aniversário foi comemorado com uma exposição no Museu do Louvre. Tornou-se o primeiro artista vivo a expor os seus trabalhos no famoso museu francês. (Kohl, J., 1994)



Amadeo de Souza Cardoso

Nasceu em Amarante em 1887 e faleceu em Espinho em 1918. Pertence à primeira geração de pintores modernistas portugueses. Foi um pintor muito eclético, pois os seus trabalhos têm características que vão desde do Cubismo, passando pelo Futurismo até ao abstracionismo.

Aos 19 anos, muda-se para Paris, contactando primeiro com o Impressionismo e depois com o Expressionismo e o Cubismo. Em 1909 frequenta as aulas do pintor Anglada-Camarasa na Académie Vitti.

Faz amizade com Modigliani e em março de 1911 inauguram uma exposição no ateliê de Souza-Cardoso. No mês seguinte, participa na mostra internacional, XXVII Salon des Independents, exposição que dá grande visibilidade ao cubismo.



Ilustração 46 – Amadeo de Souza Cardoso, *Os Galgos*, 1911.

Em 1912 pública o álbum *XX Dessins*, onde reúne desenhos desse ano e do anterior onde procura afirmar a sua identidade, gráfica e pessoal, e que serão amplamente divulgados na imprensa francesa e portuguesa. (Freitas, H. & Molder, J., 2006)

Simultaneamente, trabalha a paisagem em obras onde o sentido predominantemente linear cede o lugar a um outro tipo de plasticidade, numa reaproximação à sensibilidade impressionista que evolui rapidamente para obras totalmente abstratas.

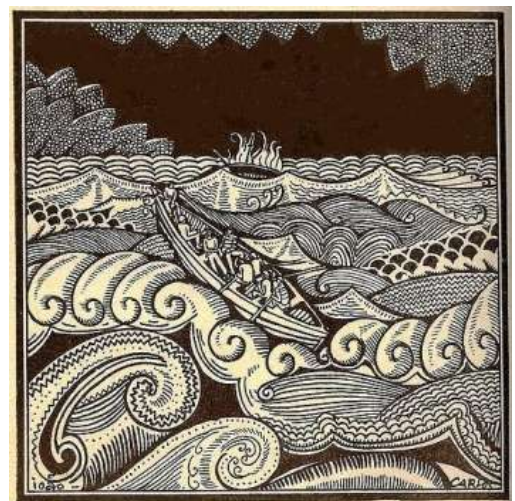


Ilustração 47 – Amadeo de Souza Cardoso, *La tourmente*, 1912.



Ilustração 48 – Amadeo de Souza Cardoso, *S/ título*, 1914.

Atento ao panorama artístico mundial, participa em inúmeras exposições, no X Salon d'Automne (Grand Palais), Paris; no Armory Show (International Exhibition of Modern Art), Nova Iorque, 1913, exposição que marca a grande viragem modernista no meio artístico norte-americano; expõe também em Berlim, no Erster Deutscher Herbstsalon (Primeiro Salão de outono Alemão).

O diálogo com as vanguardas do início do Século XX será o grande motor por detrás da obra de Amadeo, mas há outros fatores nomeadamente referências pessoais, ao sol, às montanhas, às azenhas e moinhos; aos alvos das barracas de feira; às canções, bonecos e figuras populares. (Freitas, H. & Molder, J., 2008)

Os últimos trabalhos de Amadeo, datáveis de 1917, são o expoente da sua afirmação como artista. São reforçadas as associações inesperadas, alógicas, e os processos técnicos mais complexos, como a espessura das tintas misturadas com areias e as colagens, os trompe-l'oeils e suas simulações. Baseado na fragmentação cubista, irá integrar na pintura elementos iconográficos típicos desse movimento (dos instrumentos musicais à palavra escrita), fragmentos apropriados da vida real (madeira, espelhos, ganchos de cabelo, etc.), representações de partes do corpo ou de produtos contemporâneos produzidos industrialmente (como uma máquina registadora), e formas totalmente abstratas. (França, J.A., 2004, p. 32-35)



Ilustração 49 – Amadeo de Souza Cardoso, *Sem título*, 1917.



Abstracionismo

A arte abstrata ou abstracionismo é uma forma de arte (especialmente nas artes visuais), que suprime toda a relação entre a realidade e o quadro, entre as linhas e os planos, as cores e o significado que estes elementos podem sugerir. Emerge a partir das experiências das vanguardas europeias, que recusam a herança renascentista e a estética greco-romana. (Janson, H.W.,1989)

Quando o significado de um quadro depende essencialmente da cor e da forma, quando o pintor rompe os últimos laços que ligam a sua obra à realidade visível, ela passa a ser abstrata.

Com a forma, a cor e a linha, o artista é livre para expressar seus sentimentos interiores, sem relacioná-los com o mundo exterior. Estes elementos da composição devem ter uma unidade e harmonia, tal e qual uma obra musical. (Sproccati, S., 2002)

Wassily Kandinsky (1866-1944), nasceu na Rússia, foi professor da Bauhaus (escola de design, artes plásticas e arquitetura de vanguarda alemã do início do século XX) e foi o primeiro artista a realizar uma obra abstrata.

Iniciou os seus estudos de pintura, aos 28 anos, quando foi viver para Munique, Alemanha. Três anos depois é aceite no curso do Prof. Von Stuck, e permanece no seu ateliê até 1900.

Em 1910, desenvolve os primeiros estudos não figurativos, fazendo com que seja considerado o primeiro pintor ocidental a produzir uma tela abstrata. Organiza a primeira exposição individual em outubro de 1912. Após a rutura com a era materialista, surgia para Kandinsky uma nova forma de expressão: a pintura abstrata.

Do período em que fez parte do grupo “Der Blaue Reiter” (O Cavaleiro Azul), 1911-1914, fez composições de massas coloridas, bastante expressivas, a partir de formas e linhas que já não serviam para delimitação. Eram antes colocadas sobrepostas de forma livre, de modo a criar pinturas com uma força extraordinária. (Kohl,J.,1994)

A sua experiência como docente na Bauhaus, obrigou-o a dar corpo a uma linguagem pictórica mais aprofundada, combinando emocionalmente os seus conhecimentos musicais



com a cor. As formas geométricas agudizam ou retraem cada cor, assinalam direções e pontos de tensão num quadro. (Pradel, J.L.,1997)



Ilustração 50 - Kandinsky, *Composição X*, 1939.

Muda-se para Paris, no ano de 1934. No estúdio construído na sua sala de estar, pinta formas biomórficas com flexibilidade e contornos geométrico, formas essas que sugerem organismos externamente microscópicos mas que expressam sempre os seus sentimentos. Usa cores puras nas suas composições, similares a preciosos trabalhos de marca-de-água. Misturava também ocasionalmente areia para dar

textura aos seus trabalhos. (Sproccati, S., 2002)

Pinta as suas duas últimas grandes composições, em 1936 e 1939. *Composição IX* é uma pintura com diagonais poderosas de alto contraste, cuja forma central dá a impressão de um embrião humano no ventre. Os pequenos quadrados de cores e as faixas coloridas parecem projetar contra o fundo preto da *Composição X*, como fragmentos de estrelas ou filamentos, enquanto hieróglifos em tons de pastel sobressaem no fundo castanho. Kandinsky está associado ao abstracionismo lírico, ou seja as composições são realizadas livremente, usando o desenho geométrico rigoroso pontualmente.



Ilustração 51 - Mondrian, *A árvore cinzenta*, 1912.

Outro nome ligado ao abstracionismo é Pieter Cornelis Mondrian. Nasceu em Amersfoort, Holanda, em 1872 e faleceu em Nova Iorque em 1944. Inicialmente passou por um período simbolista que será fundamental para que atinja a abstração, que caracteriza a sua obra.



Em 1910, a sua obra passou a apresentar uma influência cubista, após visitar uma exposição em Amsterdão que incluía trabalhos de Picasso e Braque. Em 1912 foi morar para Paris. A sua pintura ganhava novos contornos em relação às cores e formas utilizadas. A partir de 1911, a sua abstração, tenderia progressivamente para a precisão geométrica, dando origem ao Neoplasticismo. (Kohl,J.,1994)

A partir de 1917 até a década de 1940, as suas pinturas caracterizam-se pelo uso de linhas pretas ortogonais, definindo espaços que se relacionam de diferentes modos com os limites da pintura, e que podem ou não serem preenchidos com uma cor primária, remetendo para as teorias estéticas da Bauhaus e da Escola de Ulm.

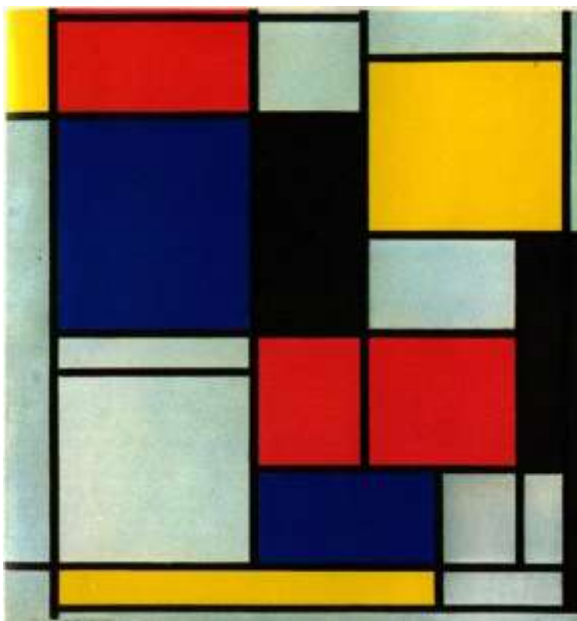


Ilustração 52 - Mondrian, *Quadro I*, 1921.

Os blocos de cor, distribuídos assimetricamente e pintados de modo fosco, reforçam a ideia de um movimento superficial que se estende perpetuamente, indicando que o pintor investia na percepção da sua obra como uma abstração materialista e sem profundidade, criticando a pintura histórica enquanto produzia uma abstração racionalista, espiritualista e sobretudo concreta do mundo. (Sproccati, S., 2002)

A nível nacional, destacam-se Helena Vieira da Silva (1908-1992), que viveu uma infância isolada de outras crianças, convivendo só familiares, dessa forma refugiava-se no mundo das cores e dos sons para fugir ao mundo de enfadonho e de solidão, mas ouvia sempre os adultos. (Rosenthal, G., 1988)

Numa fase já adulta, a viver em França já algum tempo, por incompatibilidades políticas, naturalizou-se Francesa. Apesar de estar incluída dentro deste movimento, nunca gostou de

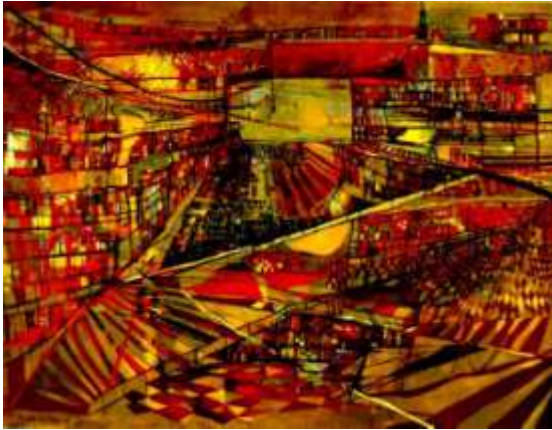


Ilustração 53 - Vieira da Silva, *Biblioteca*, 1949

ser incluída em nenhuma corrente, referia que eram formas de prisão, não aceitava essa condição. (Gonçalves, R.M., 1992)

A artista tentava absorver o que aprendia em cada viagem que fazia, andou constantemente em busca do seu próprio caminho, da sua linguagem pictórica. Estudava incessantemente o espaço, a perspetiva e as formas. “*Procuro pintar algo dos espaços, dos ritmos, dos movimentos das coisas*” Vieira da Silva.

Outros nomes de referência a nível nacional, incluídos no Abstracionismo, são Amadeo de Souza Cardoso, já referido, Nadir Afonso, Fernando Lenhas, Joaquim Rodrigo, entre outros.

Nadir Afonso, sendo pintor e arquiteto, tem o seu abstracionismo associado à arquitetura urbana. Simplificou formas e excluiu a ilusão ao volume e à profundidade espacial, levando-o ao abstracionismo de repetitivos signos geométricos que organizam-se como uma escrita. (Gonçalves, R.M., 1992)

Na pintura de Nadir Afonso, sobressaem duas características: numa destaca-se a força do colorido e a transcrição analógica do que a sua sensibilidade guardava de

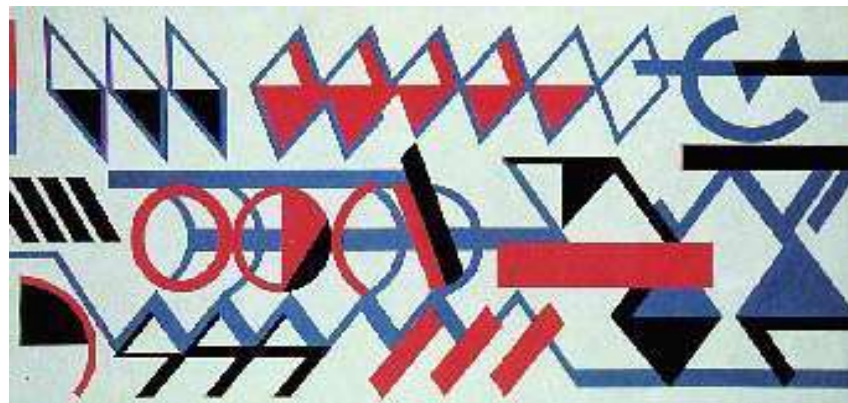


Ilustração 54 - Nadir Afonso, *Espacilimitado*, 1958.

acontecimentos e lugares. A outra está relacionada com o rigor das formas geométricas e da visão matemática própria de um arquiteto.



Surrealismo

O Surrealismo foi um movimento artístico e literário nascido em Paris na década de 1920, que viria a definir-se principalmente no período entre as duas Grandes Guerras Mundiais.

Foi fortemente influenciado pelas teorias psicanalíticas do psicólogo Sigmund Freud (1856-1939), numa combinação do representativo, do abstrato, do irreal e do inconsciente. Entre muitas das metodologias utilizadas pelos artistas desta corrente, está a colagem e a escrita automática. (Sproccati, S., 2002)

Um dos objetivos do Surrealismo foi produzir uma arte que, segundo o movimento, estava a destruída pelo racionalismo. O poeta e crítico André Breton (1896-1966), foi o principal líder e mentor deste movimento. Segundo os surrealistas, a arte deve se libertar das exigências da lógica e da razão e ir além da consciência quotidiana, procurando expressar o mundo do inconsciente e dos sonhos, ou seja, um puro automatismo psíquico, que exprima o verdadeiro processo do pensamento.

O surrealismo estimulou várias técnicas novas de provocar e explorar efeitos do acaso. Max Ernst, fora o mais criativo na combinação de técnicas, utilizava colagens em combinação com a “frottage” (consiste em esfregar um lápis num papel sobre qualquer superfície texturada). Sendo o Anjo do Pântano de 1940 e o Olho do silêncio de 1944, bons exemplos desta junção de técnicas. (Kohl, J., 1994)



Ilustração 55 - Max Ernst, *O olho do silêncio*, 1944



Outro grande nome do Surrealismo, foi Salvador Dalí. O artista transpõe para a tela sonhos românticos, por vezes paranoicos, em que as formas e o espaço são distorcidos de uma forma assustadora e em que por vezes existe uma dupla imagem. Para abordar os trabalhos de Salvador Dalí, é necessário compreender que os materiais de que eram feitos eram produto da própria mente do artista. Ele concebia deliberadamente pinturas aparentemente irracionais, bastante enigmáticas e complexas. (Kohl,J.,1994)



Ilustração 56 - Dalí, *A tentação de Santo António*, 1946.

Outro nome incontornável do surrealismo é o de René Magritte, onde grande parte dos seus trabalhos existe uma relação entre a palavra, a imagem e o objeto. As suas paisagens são misteriosas, no entanto parecem simplistas e banais. Uma das suas características era fazer associações de opostos como por exemplo: dia/noite, dentro/fora, grande/pequeno. (Kohl,J.,1994)



Ilustração 57 - René Magritte, *O falso espelho*, 1935.

Outra referência é o artista Joan Miró, que apesar de ser contemporâneo do Fauvismo e do Cubismo, criou a sua própria linguagem artística, cujos símbolos remetem para uma fantasia naïf e infantil e procurou retratar a natureza como o faria o homem primitivo ou uma criança, mas que tivesse, no entanto, a inteligência de um homem maduro do Século XX. Joan Miró nasceu em Barcelona; (1893-1983). Foi pintor, ceramista e escultor, utilizou vários tipos de materiais, incluindo sucata. Apesar de ter características muito próprias, é incluído na corrente artística do Surrealismo.



De 1925 a 1928, influenciado pelo Dadaísmo, pelo Surrealismo e principalmente por Paul Klee, pintou cenas oníricas e paisagens imaginárias. Após uma viagem aos Países Baixos, onde estudou a pintura dos realistas do século XVII, os elementos figurativos ressurgiram nas suas obras. (Sproccati, S., 2002)



Ilustração 58 - Miró, *Mulheres ideadas pelo voo de um pássaro*, 1941.

Em 1934, realizou algumas tapeçarias que despertaram o seu interesse pela arte monumental e mural. Estava em Paris no fim da década, quando eclodiu a guerra civil espanhola, cujos horrores influenciaram a sua produção artística desse período. (Kohl,J.,1994)

No início da segunda guerra mundial voltou a Espanha e pintou a célebre "Constelações", que simboliza a evocação de todo o poder criativo dos elementos e do cosmos para enfrentar as forças anônimas da corrupção política e social geradora da miséria e da guerra.

Algumas das suas obras revelam grande valor poético, espontaneidade, enquanto outras a técnica é altamente elaborada, esse contraste também ocorre nas suas esculturas. No fim da sua vida reduziu os elementos da sua linguagem pictórica a pontos, linhas, alguns símbolos e assim como a cor, passando a usar muito o branco e o preto, ficando as suas obras ainda mais próximas do naïf e da arte infantil. (Kohl,J.,1994)

Nos anos 40 têm lugar as primeiras intervenções do grupo de surrealistas portugueses, inspiradas no absurdo e no insólito. Mas apenas em 1947 se dá um contacto mais formal com o movimento surrealista internacional, então já numa segunda fase.

Mário Cesariny, (Lisboa, 1923 - 2006), conhece André Breton, o autor do manifesto Surrealista, em Paris. Nesse mesmo ano forma-se o Grupo Surrealista Português, que incluía entre outros Alexandre O'Neill e António Pedro. Contudo, discordante dos ideais deste primeiro grupo, Cesariny forma um outro, Os Surrealistas, ao qual associam-se António Maria Lisboa, Pedro Oom, Carlos Calvet e Mário-Henrique Leiria. As primeiras



exposições surrealistas datam de 1949 e 1950, onde Cesariny expõe algumas das suas obras. (Melo, A., 2007)

Pinturas, colagens, “soprografias”, e cadavres-exquis fazem parte da sua obra plástica. No entanto, a pintura e a poesia foram sempre aliadas de Cesariny. Muitas das suas obras incluem palavras recortadas, conjugações de textos e imagens, e outras formas experimentais. Mesmo depois de desfeito o grupo surrealista, em 1952, Cesariny seguiu o seu percurso de artista plástico.

Para além de Cesariny, e dos artistas já mencionados, a nível nacional destacam-se ainda outros nomes, como Eurico Gonçalves e Cruzeiro Seixas (Gonçalves, R.M., 1992).

Cruzeiro Seixas nasceu em 1920, em Amadora. No seu percurso artístico, conta com uma fase expressionista, neorealista e a partir de 1948, quando tomou parte da atividade dos surrealistas com Mário Cesariny, Carlos Calvet, António Maria Lisboa e Mário Henrique Leiria, nunca mais abandonará esta corrente artística. É autor de um vasto trabalho no campo do desenho e pintura, mas também da poesia e escultura. (Costa, M., 2009)

Presentemente, Cruzeiro Seixas é considerado um dos precursores portugueses do Surrealismo Fantástico, inspirado em De Chirico. As suas obras caracterizam-se pela conjugação entre personagens híbridas e subvertidas, assentes em planos de profundidade que seguem regras de perspetiva, luz e sombra próximos da representação da realidade. Das diretrizes de Breton, interessou-lhe principalmente a liberdade de criação. (Gonçalves, M.R., 1992)

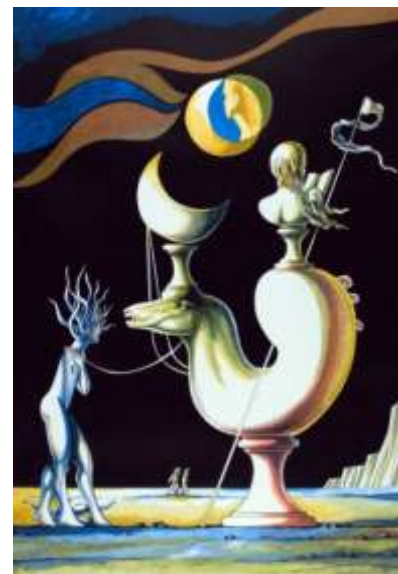


Ilustração 59 - Cruzeiro Seixas, *Cerimónia Lunar*



Expressionismo Abstrato

As calamidades sociais e políticas geradas pela segunda guerra afetaram profundamente os jovens artistas europeus e americanos. Com a guerra, muitos pintores europeus mudaram-se para os Estados Unidos entre eles Max Ernst, Hans Hofmann, Fernand Léger, André Masson e Piet Mondrian. Esses artistas fixaram-se em Nova Iorque e influenciaram muitos jovens pintores norte-americanos. Este movimento para além das influências dos grandes artistas recém-chegados ficou ligado igualmente à escola de Nova Iorque, como reação à ansiedade criada pela era nuclear e pela guerra Fria. (Sproccati, S., 2002)



Ilustração 60 - Arshile Gorky, *Year after year*, 1947

Os artistas tentavam aproximar de uma estética que repudiava a supremacia do intelecto e que permitisse ao artista uma expressão livre e subjetiva. Aquando do início do movimento, o pintor Robert Motherwell mencionou que os artistas precisavam de experiências sensitivas, intensas, imediatas, diretas, subtis, unificadas, vívidas com muito ritmo. (Sproccati, S., 2002)

O movimento ganhou este nome por combinar a intensidade emocional do expressionismo alemão com a estética anti figurativa das Escolas abstratas da Europa, como o Futurismo, o Cubismo Sintético. O termo foi usado pela primeira vez para designar o movimento americano em 1946 pelo crítico Robert Coates. O expressionismo abstrato foi o primeiro movimento especificamente americano a atingir influência mundial e também o que colocou Nova Iorque no centro do mundo artístico.

Alguns dos pintores mais conhecidos do Expressionismo Abstrato são Arshile Gorky, Jackson Pollock, Philip Guston, Willem de Kooning, Clyfford Still, Helen Frankenthaler, Mark Rothko. (Pradel, J.L.,1997)



Ilustração 61 - Pollock, *Névoa Lavanda nº1*, 1950.

No entanto, Jackson Pollock é considerado uma das principais figuras deste movimento. Desenvolveu uma técnica de pintura na qual respingava a tinta sobre imensas telas; os pingos escorriam formando traços harmoniosos e pareciam entrelaçar-se na superfície da tela. Pintava com a tela colocada no chão para sentir-se dentro do quadro. (Sproccati, S., 2002)

Pollock começou a considerar a tinta não como uma substância passiva, manipulável à vontade do artista, mas antes como fonte de energia acumulada que ele podia libertar. As formas resultantes na tela são em grande parte determinadas pela dinâmica interior do material e da técnica, a viscosidade da tinta, a velocidade, a direção do seu impacto na tela e a ação recíproca das várias camadas de pigmento. O resultado é uma superfície viva e rica sensorialmente, cheia de dinamismo.

A técnica de Pollock combina a simplicidade com a pintura pura e as suas obras de maiores dimensões possuem características monumentais. Pollock morreu num acidente de carro em agosto de 1956. (Emmerling, L., 2008)



Ilustração 62 - Pollock, *Convergência: nº 10*, 1952.



Arte Bruta

A pintura gestual através do Expressionismo Abstrato assinalou a emancipação da arte dos Estados Unidos. O movimento teve um grande impacto na arte europeia, que nessa época, não produziu nada igualável em força e convicção.



No entanto, Jean Dubuffet, natural de Le Havre, França, foi de uma originalidade extrema, ao constituir sozinho um movimento: Arte Bruta. O qual designa a arte produzida por criadores livres, que não estivessem incluídos em nenhum meio artístico, fascinado pela arte das crianças e da população com deficiências mentais, para os quais ele criou o termo arte bruta (“arte crua”), e mencionava que Adolf Wölfli, que vivia num asilo, como autor símbolo da arte bruta. Via neles, criadores da forma pura da arte. Jean Dubuffet (1901-1985), adotou deles, o jeito grosseiro e a energia violenta nos seus trabalhos. (Sproccati, S.,

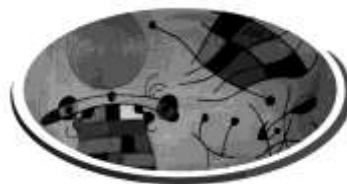
Ilustração 63 - Dubuffet, *Redskin-Sorcerer*, 1946

A crítica depressa aplicou o termo à sua pintura, em vez de o aplicar ao princípio estilístico em que se baseou, como pretendia. Rejeitava a ideia de que a arte devesse ser esteticamente agradável ou apenas ilustrar a realidade visual. O seu estilo de desenho, deliberadamente seco, enfatizava um processo de criação lento e difícil. Desse modo, rejeitou a facilidade e a impulsividade dos pintores abstratos em favor de uma arte mais primitiva, crua e bruta. (Sproccati, S., 2002)



Ilustração 64 - Dubuffet, *Door with Couch-Grass*, 1957

Muitos dos seus trabalhos são montagens, combinando objetos encontrados e outros elementos num todo tridimensional, como “Door with Couch-Grass” de 1957, que é composto sobretudo por fragmentos de pinturas, relva e seixos. (About Jean Dubuffet, s/d, retirado em 21/09/2011)



No início da década de 60, Dubuffet produziu uma série de pinturas que se assemelhavam a puzzles quebra-cabeças, onde a tela é povoada por pequena e obscuras caras e figuras. (Pradel, J.L., 1997)

Os seus últimos trabalhos foram enormes esculturas de poliéster pintado. Em todos os seus trabalhos a violência é temperada com vitalidade e um ótimo sentido de humor.



Ilustração 65 - Dubuffet, *Tower of lace*, 1973



Ilustração 66 - Joaquim Rodrigo, *Trás os Montes*, 1964.

A nível nacional, insere-se Joaquim Rodrigo dentro desta corrente. Contudo, Joaquim Rodrigo desenvolveu uma técnica de pintura muito própria. Autodidata, começou a pintar tardiamente: as suas primeiras exposições refletem um expressionismo incipiente e desligado de compromissos com a estética neorrealista que então se praticava.

A partir de 1954 e até ao final da década desenvolve e define uma pintura de consciencialização

geométrica rigorosa, em muito influenciada por Mondrian. (Rodrigo., J., 1995)

O ano de 1961 marca, porém, nova mudança no seu percurso, curiosamente coincidente com o movimento da arte pop americana e uma nova figuração emergente na Europa, de que não podia ter conhecimento. (Gonçalves, R.M., 1992)



Ilustração 67 - Joaquim Rodrigo, *Praia do Vau*, 1982

Praticou durante alguns anos a «arte bruta», numa prática de fixação do real em termos simbólicos, da experiência quotidiana ou da memória viajada. (Rodrigo., J., 1995)



Pop Art

A Pop Art é a abreviatura de Popular Art, e foi um movimento artístico que se desenvolveu na década de 1950 na Inglaterra e atingiu a plena consagração nos Estados Unidos.



Ilustração 68 - Roy Lichtenstein, *M-Maybe*, 1965.

A Pop Art não é motivada por qualquer repulsa em relação à civilização de então: consideram a cultura comercial como uma matéria-prima, uma fonte inesgotável de temas pictóricos para se inspirarem. Contudo, em simultâneo, criticavam de uma forma irónica a vida quotidiana materialista e consumista da sociedade. A sua arte era dirigida a um público popular e “não intelectual”. Latas de refrigerante, embalagens de alimentos, histórias aos quadrinhos (BD), bandeiras, panfletos de propagandas e outros objetos serviram de base para a criação artística deste movimento. (Sproccati, S., 2002)

Os artistas trabalhavam com cores vivas e modificavam o formato destes objetos. A técnica de repetir várias vezes um mesmo objeto, com cores diferentes e a colagem eram frequentemente utilizadas. Os materiais mais usados pelos artistas da Pop Art eram derivados das novas tecnologias que surgiram em meados do século XX: Goma espuma, poliéster e acrílico entre outros. (Pradel, J.L., 1997)

O maior representante e a figura mais conhecida e controversa do movimento Pop Art foi Andy Warhol, além de pintor também foi cineasta. Nasceu em Pittsburgh, Pensilvânia, em 1928 e faleceu em 1987 em Nova Iorque.

Em 1961 realizou a sua primeira obra em série usando as latas da sopa *Campbell's* como tema, continuando com as garrafas de *Coca-Cola* e as notas de *Dólar*, diferentes entre as



Ilustração 69 - Andy Warhol, *Campbell's Soup Can 1*, 1962.



várias séries, tentando tornar a sua arte o mais industrial possível, usando métodos de produção em massa. Estas obras foram expostas, primeiro em Los Angeles, na Ferus Gallery, depois em Nova Iorque, na Stable Gallery. Em 1963 a sua tentativa de «viver como uma máquina» teve uma primeira aproximação com a inauguração do seu estúdio permanente - *The Factory* - A Fábrica.



Ilustração 70 - Andy Warhol, *Marilyn Diptych*, 1962.

Andy Warhol passou então a usar pessoas universalmente conhecidas, em vez de objetos de uso massificado, como fontes do seu trabalho. De Jacqueline Kennedy a Marilyn Monroe, passando por Mao Tse-tung, Che Guevara ou Elvis Presley. A técnica baseava-se em pintar fundos berrantes, transferindo através de serigrafia fotografias para a tela, colagens e também usava materiais descartáveis. (Kohl, J., 1994)

Os principais artistas deste movimento para além de Andy Warhol foram Peter Blake que foi o criador da capa do disco Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, dos Beatles;

Wayne Thiebaud: pintor norte-americano que se destacou na criação de obras com teor humorístico e nostálgico; Roy Lichtenstein: pintor norte-americano que trabalhou muito com HQs (histórias aos quadrinhos), criticando a cultura de massas.

Por fim, dentro deste grupo que se destacou mais, também está incluído Jasper Johns: pintor, escultor norte-americano, natural da Geórgia, cuja obra principal foi *Three Flags* (Bandeiras) de 1954. O tratamento peculiar dado às suas telas, tem origem numa técnica denominada encáustica, que consiste em diluir a tinta em cera quente. Mais tarde, Johns começou por fazer os quadros em relevo, incluindo nas obras objetos reais, como escovas, latas, etc. (Janson, H.W., 1989)



Ilustração 71 - Jasper Johns, *Three Flags*, 1958.



Op Art

A expressão “op-art” vem do inglês (optical art) e significa “arte ótica”. Defendia que arte devia ser “menos expressão e mais visualização”. A arte cinética é uma corrente das artes plásticas que explora efeitos visuais por meio de movimentos físicos ou truques de posicionamento de peças. Apesar do rigor com que é construída, simboliza um mundo precário e instável, que se modifica a cada instante.

É uma evolução matemática da arte abstrata usando a repetição de formas simples e coloridas com uso de luzes e sombras. As cores criam efeitos vibrantes e de profundidade e criam uma confusão entre fundo e primeiro plano. O resultado é o de um espaço tridimensional que se move: ainda que o movimento não seja real, o efeito é de total dinamismo, vibração, altos e baixos, formas que emergem e mergulham. Em suma: Ilusão de ótica. (Janson, H.W., 1989)



Ilustração 72 - Alexander Calder, *A família de latão*, 1929

Apesar de ter ganho força na década de 1950, a Op Art passou por um desenvolvimento relativamente lento. Ela não teve o ímpeto e o apelo emocional da Pop Art; em comparação, parece excessivamente cerebral e sistemática, mais próxima das ciências do que das humanidades. Por outro lado, as suas possibilidades parecem ser tão ilimitadas quanto as da ciência e da tecnologia. Dois dos principais artistas desta corrente são Alexander Calder e Victor Vassarely.

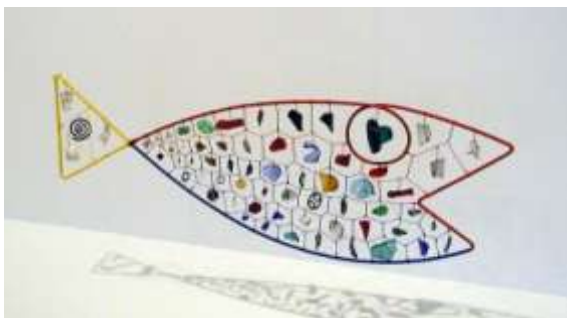


Ilustração 73 - Alexander Calder, *Peixe*, 1945.

Alexander Calder, natural da Pensilvânia (1898-1976), posteriormente foi viver para Nova Iorque. Em Paris no ano de 1930, começou a realizar grandes esculturas abstratas, os “stables”, utilizando arame para criar volume. No meio artístico parisiense conheceu artistas fundamentais para o



desenvolvimento da sua arte, como Marcel Duchamp, Joan Miró e Fernand Léger.

Numa visita ao ateliê de Piet Mondrian teve o que chamou de uma experiência chocante, a qual o encaminhou rumo à abstração, ao observar uma parede cheia de retângulos coloridos de papel, que Mondrian continuamente mudava de posição, para estudar a composição. Com essa aprendizagem, criou os “móviles”, associando os retângulos coloridos das telas de Mondrian à ideia do movimento. (Pradel, J.L.,1997)

Os seus primeiros trabalhos eram movidos manualmente pelo observador. Mas, depois de 1932, ele verificou que se mantivesse as formas suspensas, elas se movimentariam pela simples ação das correntes de ar. Embora, os “móviles” pareçam simples, a sua montagem é muito complexa, pois exige um sistema de peso e contrapeso muito bem estudado para que o movimento tenha ritmo e sua duração se prolongue.



Ilustração 74 - Alexander Calder, *The Star*, 1960.



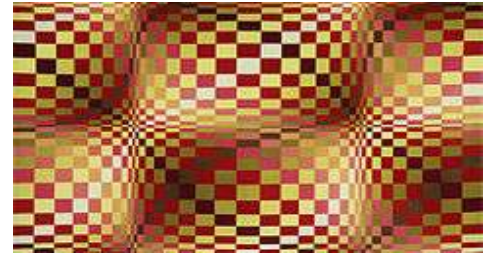
Ilustração 75 - Victor Vassarely, *Feny Arny*, 1970-76.

Outro artista desta corrente é Victor Vassarely, (Pecs,1908 - Paris, 1997). Criou a plástica cinética que se fundamenta nas pesquisas e experiências dos fenômenos de percepção ótica. As suas composições são constituídas por diferentes figuras geométricas, em preto e branco ou coloridas. São engenhosamente combinadas, de modo que através de constantes excitações ou acomodações retinianas provocam sensações de velocidade e sugestões de dinamismo, modificando-se quando o observador muda de posição. (Sproccati, S., 2002)



O geometrismo da composição mesmo quando a preto e branco, sugere facilidades de racionalização para a produção mecânica ou para a multiplicidade, ou como referia o artista; solicitar ou exigir a participação ativa do observador para que a composição se realize completamente como obra. (Sproccati, S., 2002)

Em Portugal o artista associado a este movimento é Eduardo Nery (1938-2013), natural da Figueira da Foz.



Almada Negreiros (1893-1970), também realiza alguns trabalhos que se incluem neste movimento, uma vez que o tema principal da sua obra foi o

Ilustração 76 - Eduardo Nery, *Espaço ilusório*, tapeçaria, 1969-70.

número, a geometria e os seus significados. Almada revela-se assim um neopitagórico, sendo a fonte mais profunda da sua inspiração e da sua criatividade. Vulto cimeiro da vida cultural portuguesa, contribuiu mais que ninguém para a criação, prestígio e triunfo do

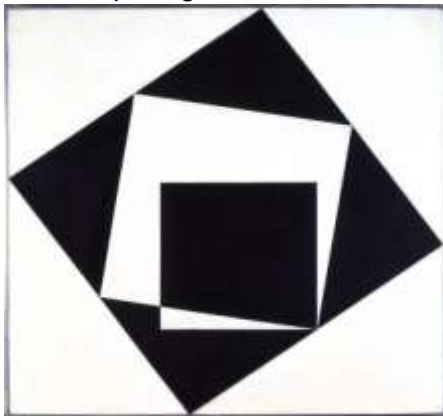


Ilustração 77 - Almada Negreiros, *Porta da Harmonia*, 1957.

modernismo artístico em Portugal. Na sua evolução como pintor, Almada passou do figurativismo e da representação convencional dos primeiros tempos, para a abstração geométrica, matemática e numérica que caracteriza as suas últimas obras. A sua preocupação central foi a determinação do enigmático Ponto de Bauhütte. Essa procura ficou registada por vários textos, por numerosos traçados geométricos e por algumas pinturas a preto e branco que Almada foi acumulando, mas sem tornar público o fundo do seu pensamento. (França, J.A., 2004)



José Escada

José da Silva Escada nasceu em Lisboa, (1934-1980). Em 1950, Escada ingressa no mesmo ano no Curso Especial de Pintura da ESBAL, onde conhece René Bertholo, Gonçalo Duarte, Costa Pinheiro e Lourdes Castro, com quem trava amizade. (Gonçalves, R.M., 1982)

Desde as suas primeiras realizações pictóricas, maioritariamente a tinta da china, José Escada desenvolveu uma estética pessoal que caracterizou a sua futura obra, a utilização da linha como contorno, com ritmo definido, combinada com a acentuação de contrastes provocados por diferentes níveis de luminosidade.

O início da década de 60 em Paris, integra o grupo KWY (Ká Wamos Yndo), juntamente com os artistas René Bertholo, Gonçalo Duarte e João Vieira, Lourdes Castro, Costa Pinheiro, Jan Voss e Christo. Nessa época, o artista desenvolverá plenamente o seu vocabulário formal, marcado pela definição de pequenas figuras abstratas e aparentemente simétricas, no qual é notória não só uma procura de equilíbrio entre valores luminosos e cromáticos, assim como uma articulação também com questões espirituais, metafísicas e artísticas.

Pela mesma altura, o artista materializa as suas pesquisas sobre as formas e sobre a luz, ao criar pinturas-objeto, em papéis coloridos, recortados e dobrados de modo simétrico. Para estas criações, é extremamente importante o seu interesse pela anatomia óssea: os seus recortes evocam formas orgânicas ou figurativas.



O *Relevo Espacial* (1974) é a síntese desta pesquisa em torno das relações forma/corpo, luz/sombra. Um enorme conjunto de pequenas chapas metálicas recortadas (que diminuem de tamanho do centro para os lados) e dispostas

Ilustração 78 - José Escada, *Relevo Espacial*, 1974.



em quadrículas irregulares entra pelo espaço e deixa-se invadir pela atmosfera e luz envolventes, de modo a criar diferentes reflexos que geram zonas de quase penumbra em contraste com outras totalmente iluminadas. O gosto pela linha e pelas formas agitadas permanece visível nos delicados recortes do ferro, que revelam um sem-número de figurações. (Gonçalves, R.M., 1982)

Paula Rego

Paula Rego nasceu em Portugal, em 1935. Entre 1952 e 1956 viveu em Londres, onde estudou na Slade School of Fine Art e conheceu o pintor inglês Victor Willing, com quem viria a casar-se.

Numa primeira fase, o seu trabalho caracterizou-se pela pintura semiabstrata, com recurso frequente à colagem de elementos das suas próprias obras, muitas vezes associada a temas que remetem para o mundo da infância e dos contos populares. As suas influências incluem nomes tão diversos quanto Picasso, Dubuffet, Walt Disney, Gilray e revistas de ilustração do início do século XX.

Expressionismo, surrealismo e informalismo constituem as fontes do seu neo-figurativismo. O surrealismo permaneceu ao longo do seu percurso, onde a temática é frequentemente relacionada com a infância. No entanto, a infância redescoberta pela artista, nada tem de inocente ou de cândido, pelo contrário, sendo um pouco macabro e perverso. A vida adulta, circundando a infância, é tratada na sua crueldade e hipocrisia, recontada em provérbios populares. (Gonçalves, R.M., 1982)



Ilustração 79 - Paula Rego, *As Meninas Vivian Moinhos de vento*, 1984



Em 1965, a Pintora exprimiu veementemente os dramas sociais ibéricos, recuperando da sua infância um pessoalismo instrumento de aferição sensível e sentimental, sendo visível no quadro *Cães de Barcelona ou Manifesto de uma causa perdida*, ambos de 1965.

É constante na sua obra, recorrer a memórias da infância, com a evocação dos lugares e acontecimentos da sua vida adulta ou com os contos tradicionais e as inspirações literárias de que sempre inspirou-se. (Melo, A., 2007)

Em finais dos anos 70 passou a desenhar diretamente em acrílico ou em papel, continuando a produzir imagens figurativas com uma forte componente narrativa. A personificação de animais acentua o caráter satírico de algumas das suas obras, que, nesta época, são também marcadas pela liberdade na aplicação da cor.



Ilustração 80 - Paula Rego pintando *Jardim de Crivelli*, 1990-91.

Em meados dos anos 80, a pintora adotou uma linguagem mais próxima do realismo. Em 1985, Paula Rego mencionou que os seus temas preferidos são os "jogos" provocados pelo poder, o domínio e as hierarquias. Gosta de colocar tudo *"de pernas para o ar"*, à ordem normalmente estabelecida. Nos anos 90, assume a orientação figurativa de raiz temática portuguesa e atinge ainda uma dimensão universal abordando a condição feminina.

Paula Rego foi recuperando alguns recursos da pintura, em geral abandonados: a perspetiva, a sombra, a densidade da construção espacial, a intensidade dos corpos. Na generalidade, pinta corpos humanos, embora muitas vezes animalizados, que surgiram após a humanização dos animais que era constante nas suas «histórias».



A sua pintura por vezes, assume objetivos políticos, como foi o caso aquando do referendo sobre o aborto em Portugal. Já nos anos 60, a ditadura salazarista, os modelos familiares tradicionais e a ordem estabelecida serviram de pretexto a uma pintura repleta de personagens de fábula ou à beira do informe onde o quotidiano do país era invocado de modo irónico ou expressionista.

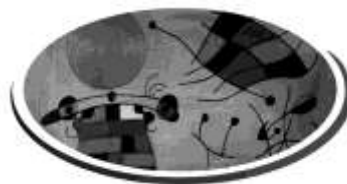


Paula Rego encontrou no meio britânico, menos dependente das conceções vanguardistas da modernidade e também da circulação das modas, as condições favoráveis para aprofundar um trabalho com raízes portuguesas, que mergulham nas suas memórias pessoais, decorrem dos incidentes da sua vida e interpelam as prisões mais fundas da nossa existência coletiva. É provável que a vitalidade desafiadora das suas últimas obras resulte dessa dupla localização. Adotando uma linguagem narrativa, representando alguns dramas humanos, sobretudo ligados ao universo feminino, de uma forma forte e profundamente marcante. (Melo, A., 2007)

Ilustração 81 - Paula Rego, *Avestruzes Dançarinas*, 1995

José de Guimarães

José de Guimarães nasceu em 1939, natural de Guimarães. Apesar de ser licenciado em engenharia, sempre teve talento natural para o desenho, obtendo as bases técnicas de pintura com Teresa de Sousa e de desenho com Gil Teixeira, realizando ainda um curso de gravura. Estas bases juntamente com as suas inúmeras viagens pelos principais centros artísticos europeus são o rastilho da sua própria linguagem pictórica, contendo um código próprio de representação. Pintor Neoexpressionista, de formas e cores violentas nas suas estilizações, por vezes caricaturais, nas suas obras recorre muitas vezes à decomposição e justaposição de elementos reais ou imaginários. Também é escultor e gravador. (Melo, A., 2007)



Excetuando curtas visitas à metrópole, entre 1967 e 1974 permanece em Angola, numa comissão de serviço militar, onde é influenciado pela cultura e etnografia africanas. Participa em diversas manifestações culturais polémicas e em 1968, publica o manifesto «Arte Perturbadora!»

Torna-se um estudioso da etnografia africana, sintetizando esta com a cultura europeia, o que conduz à criação de um «alfabeto» autónomo, codificado, para o qual em muito contribui o «vocabulário misterioso, necessariamente codificado» do homem africano. Os anos em Angola, também contribuíram para criar uma forte ligação às máscaras africanas.

Após o seu regresso definitivo a Portugal foi dedicando cada vez mais tempo à realização das suas obras, acabando por se dedicar exclusivamente às Artes Plásticas. Participando ativamente em exposições, em 1976 obtém uma bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian para investigação nas áreas de serigrafia e fotografia.



No mesmo ano, pela primeira vez utiliza papel feito por ele próprio. Este fato faz com que aprofundasse os processos de inserção do pigmento, enriquecendo o timbre cromático utilizado. Mais tarde estes conhecimentos dos materiais permitiram-lhe iniciar as suas construções no espaço, pseudoesculturas em cartão rígido de dupla face. (Gonçalves, R.M., 1982)



Ilustração 82 – José de Guimarães, *Carro*, 1983.

José de Guimarães desenvolveu a combinação de fragmentos com humor e fantasia, numa visão infantil e divertida de fácil comunicabilidade com o público.

Em 1983 utiliza, pioneiramente nas suas esculturas de papel, materiais como o vidro moído, espelhos ou azulejos, imprimindo ao trabalho um aspeto brilhante e singular. De Milão, passando por Paris, Madrid, Antuérpia e Portugal, o pintor José de Guimarães não tem mãos a medir, o seu trabalho é reconhecido internacionalmente. No Japão, em 1989, é



Ilustração 83 -José de Guimarães, *Malabarista*, 1983.

convidado por Paul Enbel, diretor do Goethe Institut de Osaka, a construir e pintar papagaios de papel. Durante algum tempo, José de Guimarães trabalha segundo técnicas japonesas e cria a figura de D. Sebastião, começando a Expor no estrangeiro.

Em 1990 é-lhe concedido pelo então Presidente da República Portuguesa, Mário Soares, o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique. Em 1995, vive e trabalha tanto em Lisboa como em Paris.

Depois de 1992 o artista numa viagem ao México fica fascinado com a arte daquele país, redescobrando a sua própria linguagem pictórica, entrando numa nova fase de criação artística em que a cultura mexicana se identifica com a atividade criativa do artista. Foi, aliás, solicitada pelo governo mexicano a execução de um painel de azulejos no Metropolitano da cidade do México. De forma análoga, o Metropolitano de Lisboa no seu esforço de prolongamento de rede, convidou o pintor a decorar a estação de Carnide.

Na sua linguagem plástica destaca-se o cromatismo tímbrico e a utilização de vidros coloridos em articulação com o preto dos signos e do contorno do desenho. A sua obra é figurativa e desconstrutiva, aliando o humor com a fantasia, numa alusão às composições infantis. (Gonçalves, R.M., 1982)



Land Art

A Land Art é conhecida também como Earth Art ou Earthwork. A Land Art surgiu nos finais da década de 1960, em parte como consequência de uma insatisfação crescente face a uma monotonia cultural que começou a existir em relação às formas simples do minimalismo (Pradel, J.L., 1997).

Sendo também para alguns artistas uma forma de expressão de desencanto em relação à sofisticada tecnologia da cultura industrial, bem como ao aumento do interesse ligado a questões ecológicas, o conceito estabeleceu-se numa exposição organizada na Dwan Gallery, Nova York, em 1968, e na exposição Earth Art, promovida pela Universidade de Cornell, em 1969.



Ilustrações 84 - Robert Smithson, *Espiral*, realizada em 1970.

É evidente a procura da natureza (o campo, o deserto ou, mais raramente, o espaço urbano e o mar) por alguns artistas, inicialmente americanos, mas integrando significativas contribuições de artistas ingleses e holandeses, para desenvolverem obras de arte. Estes artistas, que se integram um movimento cultural mais vasto que preconiza o "regresso à natureza", pelas características das suas obras não expõem em museus ou galerias (a não ser

por meio de fotografias). Têm a intenção de ultrapassar as limitações do espaço tradicional das galerias, recusando o sentido comercial e mercantilista que a produção artística assumia na década de 60.

Quase todas as manifestações de Land Art são efémeras, ligando-se intimamente à paisagem para e na qual foram criadas, procurando normalmente locais inacessíveis ao público. Estas experiências, destruídas mais ou menos rapidamente por ação do tempo e dos agentes naturais, colocam o problema da perpetuidade da obra, existindo a necessidade de usar meios de registo e de documentação como o vídeo ou a fotografia. Devido às muitas dificuldades de colocar-se em prática os esquemas de Land Art, as obras muitas vezes não vão além do projeto. Muitos



destes trabalhos são apenas conhecidos pelos documentos que os representam. Existe uma grande afinidade com a arte conceitual. (Pradel, J.L., 1997)

Na origem da Land Art houve a tendência para utilização de elementos naturais, como a pedra, a terra e o sal como meio expressivo e como elementos constituintes das obras de arte, presente nas obras de Walter de Maria e de Robert Smithson.



Ilustração 85 – Richard Long. *Uma linha no Japão*, 1979

A corrente da Land Art apresenta duas tendências. Uma, mais delicada, entende ao natural como lugar de experimentação, com grande liberdade de ação. Foi protagonizada pelo holandês Marinus Bozem e pelos ingleses Barry Flannagan e Richard Long, que realizaram trabalhos com folhas e pedras, colocados na paisagem onde pretendiam colocar em paralelo diferentes formas naturais. Outra tendência, centrada nos Estados Unidos, exprime-se de forma mais radical e espetacular. Uma das suas experiências mais conhecidas é a "Espiral", realizada por Robert Smithson em 1970, Grande Lago Salgado, em Utah, nos Estados Unidos da América, construída com terra e pedra sobre a água, numa extensão superior a quatrocentos metros, posteriormente destruída pela própria água. (Sproccati, S., 2002)

Outro nome ligado à Land Art é o escultor inglês Richard Long. Long nasceu a 2 de junho de 1945, em Bristol, na Inglaterra. No final dos anos 60, começou a questionar as formas tradicionais de expressão artística, nomeadamente ao nível da escultura e tentou libertar-se dos limites impostos pelos espaços de exposição das galerias ou dos museus, elegendo o território natural como suporte e material para as suas ações artísticas.

Rapidamente se tornou, a par de Hamish Fulton, no expoente máximo do movimento da Land Art em Inglaterra. Contrariamente aos artistas americanos da Land Art, como Walter de Maria ou Robert Smithson que preferem a grande escala, a obra de Long caracteriza-se



pela pequena dimensão nas suas intervenções e pela simplicidade das manipulações do meio natural.

O objetivo principal do seu trabalho é a reflexão sobre os conceitos de natureza e sobre o processo de transformação do espaço natural pelo homem. Grande parte da sua obra resultava das inúmeras viagens ou passeios que fez por todo o mundo. O artista assinalava as viagens deixando ao longo do percurso ou em determinados locais esculturas simples realizadas com pedras, troncos ou algas encontrados no caminho, como é o exemplo da instalação "Uma linha no Japão" (realizada em 1979), uma escultura simples realizada com pedras recolhidas durante uma escalada a uma montanha japonesa.



Ilustração 86 - Richard Long, *Linha de ardósia da Cornualha*, 1990.

campos da Cornualha. (Long, R., s/d, retirado em 01/06/2011)

A obra deste artista amplia as dimensões tradicionais da escultura através da introdução de uma nova dimensão temporal que se refere às ações (percursos e viagens) que geraram o próprio trabalho.

A nível nacional existem vários artistas, como Alberto Carneiro e Fernando Saraiva entre outros.

A partir dos anos setenta, Long produz esculturas e instalações permanentes para espaços interiores onde desenvolve as suas experiências anteriores ao nível do recurso a composições geométricas simples (linhas, círculos, espirais) e do emprego de materiais naturais. A peça "Linha de ardósia da Cornualha", 1990 é uma escultura em linha reta formada por fragmentos de ardósia escolhidos aleatoriamente durante uma caminhada nos



Ilustração 87 – Fernando Saraiva, *Dança com escadas*.



Performance

Existem muitos significados para o termo “performance”. A Performance é uma corrente multidisciplinar nas artes visuais: contempla trabalhos que podem envolver vídeos, instalações, desenhos, filmes, textos, fotografias, esculturas e pinturas, sendo comum utilizar o corpo como parte da obra, principalmente durante a década de sessenta e setenta. Além disso, a ação do espectador torna-se vital já que este torna-se um prolongamento da performance em si.



Ilustração 88 - Gina Pane - *The Conditioning*.

A partir do futurismo, na Bauhaus, no surrealismo, no dadaísmo e no construtivismo russo, os artistas de vanguarda já esboçavam ações performativas. A partir do fim da Segunda Guerra Mundial essas ações tornaram-se mais frequentes, e todas as suas diferentes denominações como “body art”, “happening”, “Fluxus”, “aktion”, “demonstration art”, “destruction art”, entre

outras tantas, foram agrupadas sob um único termo: Performance Art.

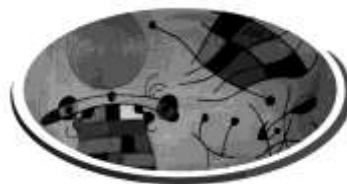
Em diferentes partes do mundo, a Performance Art foi ganhando forma. Hans Namuth, ao fotografar, filmar e expor Jackson Pollock a pintar a tela no chão do seu ateliê, estabeleceu a pintura como evento performativo. A partir de então, muitos artistas procuraram novas formas de realizar performances.



Ilustração 89 - Valie Export e Peter Weibel.

Peter Weibel e Valie Export saíram às ruas de Viena e realizaram uma performance, no mínimo, perturbadora: Weibel amarrado por uma coleira, como um cachorro, sendo puxado por Export. (Enciclopédia Itaú Cultural, 20/06/2011, retirado em 15/10/2012)

De formas diferentes e criativas, os artistas performativos romperam todos os limites: dor ritualizada, esforço físico, autoflagelação, tudo em nome da arte. O termo performance



nasceu em 1970 e desde então vem quebrando os estereótipos impostos na sociedade. Diferentes formas e denominações foram criadas para explicar uma arte que não necessita de explicações. O artista estabelece a performance como quiser. A performance é a expressão da mente do artista. Cabe ao espectador interagir com a obra e experimentar o ponto de vista proposto. A Performance Art permanece viva até hoje, e seus artistas de outrora continuam a influenciar e inspirar novos artistas e a intrigar espectadores e admiradores. (Sproccati, S., 2002)

Hélio Oiticica

Hélio Oiticica, artista Brasileiro (1937-1980), foi pintor, escultor, artista plástico e performativo. É considerado por muitos um dos artistas mais revolucionários do seu tempo e sua obra experimental e inovadora é reconhecida internacionalmente. (Enciclopédia Itaú Cultural, 11/08/2011, retirado em 15/10/2012)



Ilustração 90 – Hélio Oiticica, *Parangolé*.

Na década de 1960, Hélio Oiticica criou o Parangolé, que chamava "antiarte por excelência", uma pintura viva e ambulante. Esta criação surge quando o artista se envolveu com o samba. O interesse por esta dança, por sua vez, nasceu, segundo o artista, de uma desinibição intelectual da necessidade de uma livre expressão. Parangolé são capas, estandartes, bandeiras para serem vestidas ou carregadas por alguém que a partir de movimentos ritmados dá "vida" a esta escultura móvel. As capas são feitas com panos coloridos (que podem levar reproduções de palavras e fotos) interligados, revelados apenas quando a pessoa movimenta-se. A cor ganha um dinamismo no espaço através da associação com a dança e a música. A obra só existe plenamente, portanto, quando existe participação corporal: a estrutura depende da ação. A cor assume, desse modo, um caráter literal de vivência, reunindo a sensação visual, tátil e rítmica. O participante incorpora a obra ao vesti-lo, ultrapassando a distância entre eles, superando o próprio conceito de arte. (Exposição Museu Coleção Berardo de Hélio Oiticica, 01/10/2012, retirado em 15/10/2012).



Graffiti

Considera-se o graffiti uma inscrição caligrafada ou um desenho pintado ou gravado sobre um suporte, o qual pode ser uma parede, que não é normalmente previsto para esta finalidade. Durante muito tempo visto como uma matéria insignificante, atualmente o graffiti já é considerado como uma forma de expressão incluída no âmbito das artes visuais, mais especificamente, da “street art” ou arte urbana, em que o artista aproveita os espaços públicos, criando uma linguagem intencional para interferir na cidade. No entanto ainda há quem não concorde, comparando o graffiti com uma forma de vandalismo.

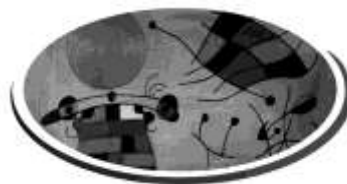


Ilustração 91 - Museu Aberto de Arte Urbana de São Paulo.

A partir de maio de 1968, em Paris, quando os muros da cidade foram suporte para inscrições de caráter poético-político, a prática do graffiti generalizou-se pelo mundo, em diferentes contextos, tipos e estilos, que vão do simples rabisco como uma espécie de demarcação de território, até desenhos/pinturas mais complexas, em grandes murais executados em espaços especialmente designados para tal, ganhando *status* de verdadeiras obras de arte.

Os graffitis podem também estar associados a diferentes movimentos e tribos urbanas, como o hip-hop.

Entre os artistas desta corrente, talvez o mais célebre seja Jean-Michel Basquiat, que, no final dos anos 1970, despertou a atenção da imprensa sobretudo pelas mensagens poéticas que deixava nas paredes dos prédios abandonados de Manhattan. Posteriormente, Basquiat ganhou o rótulo de neoexpressionista e foi reconhecido como um dos mais significativos artistas do final do século XX. Atualmente no século XXI, muitas pessoas usam o graffiti como arte exposta em museus.



Presentemente existem muitos grafiteiros respeitáveis, como Os gémeos, autores de importantes trabalhos em várias paredes do mundo, como a grande fachada da Tate Modern de Londres.

Os gémeos Gustavo e Otávio Pandolfo são grafiteiros de São Paulo. Formados em desenho de comunicação pela Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, começaram a pintar graffiti em 1987 no bairro em que cresceram, e gradualmente tornaram-se uma das influências mais importantes na arte paulistana, ajudando a definir um estilo brasileiro de graffiti.

Os seus graffiti encontram-se espalhados pelo mundo inteiro: Los Angeles, Nova York, Alemanha, Portugal, Itália, Espanha, China e Japão são alguns dos locais que contemplam a arte dos gémeos.



Ilustração 92 - Gémeos, Graffiti em Lisboa



Ilustração 93 – Gémeos, Graffiti espaço urbano.



Vik Muniz

Vik Muniz, nasceu em 1961 em S. Paulo no Brasil. É um artista plástico que é conhecido por utilizar variadíssimos materiais como creme e cobertura de chocolate, papéis, pó de grafite, areias, lixo, algodão entre outros. Após ter realizado as suas obras, muitas vezes efémeras (como as que são feitas de chocolate), para as imortalizar recorre a fotografias e gravações de vídeo. Trata-se de um artista muito eclético, pois dedica-se a várias áreas, conjugando-as nos seus trabalhos. É desenhador, pintor, fotógrafo e também realizador.



Ilustração 94 - Catadora de lixo.

Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho.

Os trabalhos relacionados com os catadores do Aterro do Jardim Gramacho são feitos só com sucata e lixo.

Atualmente utiliza lixo para a produção dos seus trabalhos. Muniz escolheu os subúrbios de Rio de Janeiro como local de inspiração para as suas obras, tentando assim passar para o público a realidade da vida no aterro sanitário, local onde inclusivamente realizou um documentário sobre os Catadores de lixo (indivíduos que ganham a vida a com a recolha de lixo nas lixeiras), com o qual ganhou o Prémio do Público de Sundance.

É também um filantropo, conseguindo angariar 300 mil dólares ao vender as suas obras num leilão, doando essa quantia à

Associação dos



Ilustração 95 - Trabalho antes de ser imortalizado em fotografia.



8.3. Desenvolvimento das atividades

“É preciso ser-se capaz de ver pela vida fora como quando em criança víamos o mundo, pois a perda desta capacidade de ver significa, simultaneamente, a perda de toda a expressão original” Matisse

Neste subcapítulo é apresentado propostas de atividade de forma a criar no seio escolar um tempo dedicado à educação artística, que possibilitasse a experiência, o lúdico, a experimentação, ao desenvolvimento da criatividade, da capacidade de expressão e de comunicação. Através delas que os alunos podem descobrir novas capacidades e potencialidades. Apesar do cenário um pouco consternador em redor da Expressão Plástica, ora por falta de tempo, ou espaços adequados ou por falta de orçamento para materiais ou ainda por algumas lacunas de formação inicial ou de atualização na área, esta área acaba por ser prejudicada e ser trabalhada quase exclusivamente em situações pontuais.

Como professora, formadora, dinamizadora de ateliês e pintora criei as seguintes propostas de atividades, tendo em conta as conclusões desta investigação e toda a minha experiência adquirida ao longo do percurso profissional, e de acordo com a diretrizes emanadas pelo Ministério da Educação. Estas propostas, para além do apelo às Artes Plásticas, apelam à interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares, onde tenta-se diversificar a forma de trabalhar e apelar à criatividade e literacia artística, usando vários materiais de apoio. Existe um apelo à articulação e parcerias com Museus, artistas e artesões. Aprofundar ideia

O professor deve ter a preocupação de despoletar a criatividade, a sensibilidade do aluno. Através da cor, da forma, da textura a expressão Plástica não se confina a comunicar apenas mensagens convencionais. A aposta está no inovar, transformar, criar e recriar, por vezes improvisar a partir de uma mancha, de uma linha, de uma textura, de uma colagem. A ideia inicial transforma-se dando lugar a novas ideias, a isso chama-se criatividade.

Através dos jogos lúdicos que têm de observar imagens, obras de arte bi ou tridimensional estão a assimilar o que é a forma/função, a textura, a cor, a estrutura, a composição visual e outros elementos das Artes Plásticas, mas que também fazem parte das competências propostas e pelas atuais Metas de Aprendizagem propostas pelo Ministério da educação para a área da expressão Plástica.



Se a criança, for estimulada na sua atividade criadora, vai “... procurar continuamente relacionar entre si todas as suas experiências, tais como pensar, sentir, perceber (ver, tocar, etc., isso tudo deve também exercer um efeito de integração sobre a sua personalidade.” Ou seja,

“A capacidade de pensar de forma independente e inventiva, favorecida pelas manifestações artísticas, não se limita à própria arte. Trata-se de uma capacidade que o homem utiliza, quando tem oportunidade de lutar por objetivos melhores e mais altos” (Lowenfeld, V., 1977, p.17).

“O nosso sistema educacional, na generalidade está orientado na sua maioria para a aquisição de conhecimentos. No entanto o conhecimento por si só, não nos faz felizes”. A educação “em que se dá a maior importância à acumulação do saber, tem descuidado de muitas coisas também importantes de que as crianças necessitam para se adaptarem, adequadamente, ao mundo.” (Idem, p.19)

Deixa-se a sugestão aos docentes de que é possível articular a Expressão Plástica com outras áreas e de que é igualmente possível intercâmbios Escola – Museu, onde já existem projetos neste âmbito. Apesar dos primeiros contactos serem difíceis, os frutos que daí resultam serão sem dúvida muito enriquecedores, principalmente para alunos dos meios rurais em que por vezes é difícil aos docentes concretizar certas competências ou metas de aprendizagem sem os meios e condições mais propícios para fomentar a literacia em artes.



Eu e a Arte

Objetivos

- Conhecer os colegas
- Promover a interdisciplinaridade.
- Promover a Criatividade
- Conhecer diferentes formas artísticas.
- Despoletar o interesse pelas artes visuais e pelo património cultural.
- Desenhar livremente com o compasso. (Matemática)
- Desenhar livremente utilizando a régua. (Matemática)
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras e de diferentes texturas (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades de diferentes materiais: papel, jornal, cartolina, cartão, ilustrações, recortando, procurando formas (Expressão e Educação Plástica)
- Fazer composições colando: diferentes materiais cortados ou recortados (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Forma e espaço (iniciação à geometria) (Matemática)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão - recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)



Descrição da atividade

Esta atividade inicia-se com um diálogo professor/aluno sobre o jogo de apresentação: **“Cesta de cores”**.

Como jogar

Todos os participantes estão sentados em cadeiras colocadas de forma a desenhar um círculo, com exceção do orientador do jogo, que inicia o jogo no centro do círculo e de pé. É explicado que a cor encarnada significa esquerda e verde significa direita.

Sempre que o jogador que se encontra no centro, apontar alguém e diga o nome de uma das cores, o participante deverá imediatamente dizer o nome da pessoa que se encontra à sua direita ou à sua esquerda, conforme a cor indicada. Caso este se engane ou demore demasiado tempo, deve ocupar o lugar no centro, cedendo o seu lugar.

O professor/orientador que iniciou o jogo no centro manter-se-á o líder da atividade. Sempre que entender poderá gritar **“CESTA DE CORES”**, que indica que todos os participantes devem obrigatoriamente trocar de lugar, podendo quem estava no centro ocupar uma cadeira livre.

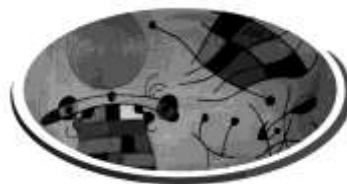
Duração do jogo

O tempo necessário para que todos se conheçam ou se divirtam com o jogo, (+- 15 minutos)

Material

Menos uma cadeira que as cadeiras necessárias ao número de participantes.

Seguidamente com a turma organizada em grupos de 4, vamos jogar ao **“Quanto queres?”**, de uma forma lúdica e através da Expressão Plástica, aplicar alguns conhecimentos de outras áreas. Este jogo serve igualmente para introduzir as Artes Plásticas na Expressão e Educação Plástica.



Como jogar

O jogador que manipula o jogo “Quanto queres?” pergunta: Quantos queres? O parceiro do jogo responde um número e o jogador que manipula o jogo abre e fecha o jogo de acordo com os números que o colega disse. Depois, mostra a parte de dentro do “Quanto Queres?” para que o companheiro escolha uma cor, levantando a respetiva face e lê ou mostra o número da tarefa que tem de realizar de Expressão Plástica ou algo relacionado com as Artes Plásticas. (ver ficha nº1)

Ao lado existe uma bancada onde cada grupo tem as indicações e o material para cada tarefa a realizar. (a realização das tarefas podem ser feitas em grupo; o grupo deve cumprir a regra de não repetir tarefas).

Diálogo com a turma sobre as atividades desenvolvidas.

No final construir um “quanto queres” (ver ficha nº 2) individualmente e cada aluno pensa num tema relacionado com alguma das disciplinas para colocar no seu quanto queres, por exemplo nome de plantas, tabuada ... O jogo construído será jogado em horário a combinar e pode servir de início para alguma matéria.

Duração

+/- 60 minutos

Materiais

Cadeiras, quadro negro

4 jogos “quanto queres”

Fichas nº1 e 2

Cartões com imagens de obras de arte

Folha de máquina A5, revistas

Borracha, Afia, cola

Lápis de cor, Lápis de cera, marcadores, lápis de grafite, giz



Familiarizar com a obra de arte

Objetivos

- Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Conhecer diferentes formas artísticas
- Despoletar o interesse pelas artes e pelo património cultural
- Promover a Criatividade
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Explorar as diferentes possibilidades expressivas, imaginando-se com outras características corporais. (Expressão e Educação Dramática)
- Improvisar um diálogo ou uma pequena história em pequeno grupo a partir de uma ilustração ou uma série de imagens (Expressão e Educação Dramática)

Conteúdos:

- Os aglomerados populacionais- Portugal na europa e no mundo (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Jogos de exploração – Corpo (Expressão e Educação Dramática)
- Jogos de dramáticos – Linguagem verbal e gestual (Expressão e Educação Dramática)

Descrição da atividade

Esta atividade serve para introduzir as Artes Plásticas de uma forma lúdica.

A atividade inicia-se com a descrição de um jogo que vão realizar.

Como jogar

Num saco, colocam-se vários cartões com perguntas, cada aluno tira um cartão (algumas perguntas são repetidas) e tem 2 minutos para pensar sobre a questão que lhe saiu.

Exemplo de perguntas: O que é um artista? Conheces algum artista? O que é para ti arte? Qual a diferença entre arte e artesanato? Já foste a um museu? Já viste uma exposição de pintura? Lembras-te do nome de alguma obra de arte? Conheces algum material de pintura? Conheces algum pintor português? O que é uma escultura?



Escrever no quadro as respostas que forem dadas, para posteriormente discutir sobre as várias respostas.

Posteriormente, a turma é convidada a retirarem de um outro saco um cartão. São colocados alguns cartões, tantos quanto os elementos da turma (o número tem de ser par, se a turma for de número ímpar, a professora também joga).

Metade do número de cartões são sobre pintura, escultura, banda desenhada, fotografia, cerâmica, grafite, etc., a outra metade tem o seu autor, exemplo: um cartão tem a pintura da “Mona lisa”, um outro terá escrito “Leonardo da Vinci”, e assim sucessivamente. Através de mímica, ou de palavras soltas, mas nunca sem mencionarem nem o nome da obra, nem o nome do autor os alunos tentam formar pares correspondentes. (ver ficha nº3)

No final do jogo, cada par vai apresentar-se ao resto da turma, ou seja quem tem a obra:

Mona lisa, apresenta o Leonardo da Vinci e a seguir o Leonardo apresenta a sua obra:

Mona lisa. (os cartões têm as referências necessárias para as apresentações) Fazer registo fotográfico da atividade.

Duração

+ - 60 minutos

Material

Saco, perguntas, papel, lápis



Diário Gráfico

Objetivos

- Conhecer a obra de vários artistas
- Despoletar o interesse pelas artes e pelo património cultural
- Desenhar livremente com o compasso. (Matemática)
- Desenhar livremente utilizando a régua. (Matemática)
- Promover a Criatividade
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras e de diferentes texturas (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades de diferentes materiais: papel, jornal, cartolina, cartão, ilustrações, recortando, procurando formas (Expressão e Educação Plástica)
- Fazer composições colando: diferentes materiais cortados ou recortados (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Forma e espaço (iniciação à geometria) (Matemática)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão - recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)



Descrição da atividade

A atividade inicia-se com a colocação no quadro/parede cartões com obras de arte. Os alunos terão de adivinhar quem é o seu autor. Esta atividade só faz sentido depois de se ter realizado, em outra sessão, a atividade anterior. Para realizar esta atividade a turma deverá estar dividida em grupos de quatro elementos.

Dialogar um pouco sobre as várias obras expostas, agrupa-las por características e transcrever para uma folha os vários grupos de obras e quais as características. Colocar a data nessa folha. Fazer registo fotográfico da atividade.

Seguidamente os mesmos grupos deverão escrever o nome do seu grupo numa folha e a sua constituição. Depois escrevem nessa folha uma possível ordem cronológica para as várias obras expostas no quadro/parede da sala (as obras têm um número) depois de todos assinalarem vamos verificar qual o verdadeiro alinhamento cronologicamente e os grupos vão dizendo o porquê das suas escolhas. No final cada grupo vai escolher uma obra para recriar.

1º Fazem o esboço

2º Decalam o desenho para cartão recuperado.

3º Pintam com lápis de cera ou pintam a guache, também podem colar recortes para a recriação da obra escolhida, ou fazerem técnicas mistas.

No final da pintura, dialogar sobre o que é o diário gráfico da turma e qual a sua função. Seguidamente elegem qual dos trabalhos vai ser a capa e a contra capa do(s) diário(s) gráfico(s) da turma. Os trabalhos que não foram selecionados servem de capa para o portefólio de Língua Portuguesa, Estudo do Meio ou para fazer de capa para um herbário da turma, entre outras utilidades.

Duração

Depende das características que a turma apresenta.



Material

Imagens das obras

Giz

Vários tipos de papéis

Lápis de carvão, de cor, graffiti, pastel, etc.

Marcadores

Pincéis (o nº do pincel é conforme a superfície que vão pintar, ou seja, maior quanto maior for a superfície a pintar)

Tintas aquosas ou guaches

Recipientes

Panos de Limpeza

Cartão recuperado

Cola de madeira diluída

Cola de bisnaga



Foz Côa: Riscos & Rabiscos

Objetivos

- Conhecer a a pintura rupestre
- Á Descoberta dos outros e das instituições: Conhecer factos da história nacional com relevância (Estudo do Meio)
- Á Descoberta dos outros e das instituições: Conhecer unidades de tempo: o século (Estudo do Meio)
- A Expressir-se livremente desenhando linhas
- Expressir-se livre e criativamente
- Explorar as possibilidades técnicas com paus de fósforo, giz, lápis de grafite, carvão, feltros, tintas, pincéis; utilizando suportes de diferentes texturas e espessuras (Expressão e Educação Plástica)
- Despoletar o interesse pelas artes visuais e pelo património cultural

Conteúdos

- O Passado nacional (Estudo do Meio)
- A linha
- Cor pigmento
- Descoberta e organização progressiva de volumes - desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)

Descrição da atividade

Apresentação de alguns exemplos de pinturas rupestres. (ver Arte Rupestre)

Analisar algumas características da pintura rupestre, através do visionamento de várias obras deste período da história, entre elas, as de Foz Coa.

Observar, interpretar e descrever uma obra de arte

Situar numa régua cronológica a arte rupestre (se aconteceu à muito ou pouco tempo).

Registar no quadro, no decorrer desta análise, as características deste período.

Identificar as semelhanças/ diferenças nestas pinturas.



Trabalho de grupo

- Pesquisa (grupo de 2) sobre a arte rupestre; exemplo: Foz Coa (a época, os tipos de desenho mais utilizados e porquê; as cores utilizadas)
- Apresentação/discussão sobre o trabalho de pesquisa realizado
- Diálogo com a turma sobre a cor pigmento, e a linha, relacionando-os com os trabalhos apresentados e com os exemplos apresentados das pinturas rupestres. (ver power point: cor pigmento).
- Após o diálogo é distribuído por cada elemento da turma, papel vegetal para decalcarem os traços característicos da pintura rupestre, neste caso de Foz Coa. (nota: passar os desenhos dos dois lados, para funcionar como “papel químico”).

Após terem realizado a tarefa anterior, por grupo vão escolher qual dos elementos querem ampliar, quais é que ficam do mesmo tamanho, para posteriormente aplicar num painel.

- 1º Vão colar papel de cozinha ou papel higiénico com cola de madeira num cartão recuperado de forma a obterem uma superfície rugosa;
- 2º Cada elemento terá de pintar essa superfície, polvilham com “borras de café” ou/e “café em grão”, viochene e com guache diluído de cor amarelo e vermelho, obtendo assim a “sua pintura rupestre” (cada grupo de trabalho terá um recipiente com água, alguns pigmentos, esponjas e pincéis;
- 3º Depois salpicam o trabalho com água utilizando um pincel;
- 4º Para ajudar as cores a misturarem-se, podem utilizar uma esponja pressionando-a;
- 5º Deixar a secar para a próxima sessão;
- 6º Após o trabalho estar completamente seco, os elementos do grupo vão organizar a sua “composição rupestre” com os elementos que tinham escolhido na última sessão;
- 7º Vão decalcar os elementos;
- 8º Por fim, vão contornar com um marcador preto, carvão, grafite e um fósforo embebido em tinta preta esses





elementos, de forma a ficarem com vários tipos de traços na nova representação da “arte rupestre”.

9º Diálogo sobre a atividade, escrever as ideias principais no diário gráfico. Ver semelhanças/diferenças com as pinturas das cavernas.

Duração

3 Sessões de 60 minutos

Materiais

- Imagens das obras (ver corrente artística)
- Quadro e giz
- Fotocópias com os traçados mais comuns da pintura rupestre
- Papel vegetal
- Cartão reutilizado
- Pincéis, trinchas, esponjas
- Cola de madeira, um pouco diluída
- Pigmentos: (borras de café, grão de café, colorau, viochene, anilinas*, etc.)
- Esponja
- Água
- Recipientes
- Carvão, grafite, marcadores (de acetato)
- Tinta preta
- Fósforos queimados
- Pano de limpeza

*As anilinas têm de ser usadas com luvas e com cuidado, pois a sua nódoa não sai da roupa.



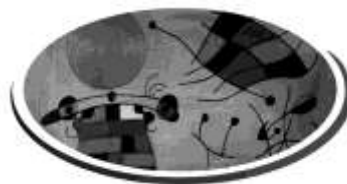
De volta ao tempo das pirâmides

Objetivos

- Conhecer as características da Arte Egípcia;
- Promover a Criatividade;
- Portugal na Europa e no Mundo - Localizar Portugal no mapa mundo (Estudo do Meio);
- Explorar e tirar partido da resistência e plasticidade através da pasta de papel (Expressão e Educação Plástica);
- Ligar/colar elementos para uma construção (Expressão e Educação Plástica);
- Desenhar em superfícies não planas (Expressão e Educação Plástica);
- Desenvolver o gosto pela escrita por iniciativa própria (Língua Portuguesa);
- Comparar e identificar os seguintes sólidos geométricos: cubo, esfera, cilindro, paralelepípedo, cone e pirâmide (Matemática);
- Construir caixas em papel, cartolina ou cartão (Matemática);
- Construir uma pirâmide a partir de uma planificação dada (Matemática).

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio);
- Descoberta e organização progressiva de volumes - modelagem e escultura (Expressão e Educação Plástica);
- Descoberta e organização progressiva de volumes - construções (Expressão e Educação Plástica);
- Descoberta e organização progressiva de volumes – desenho (Expressão e Educação Plástica);
- Comunicação escrita - desenvolver o gosto pela Escrita (Língua Portuguesa);
- Forma e espaço - iniciação à geometria (Matemática);
- Exploração de técnicas diversas de expressão: recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica).



Descrição da atividade

Esta atividade inicia-se por localizar no mapa mundo o Egito e ver onde se situa Portugal, comparando distâncias, falando sobre os meios de transporte e outras características.

Dialogar sobre a arte Egípcia, visionamento das várias obras deste período. (ver Arte Egípcia)

Fazer a transposição para a matemática, comparando e identificando os vários sólidos geométricos (cubo, esfera, cilindro, paralelepípedo, cone e pirâmide)

Aquando do visionamento das imagens, registar no quadro as principais características. Posteriormente passar as mesmas para uma das folhas de papel reciclado, para expor na sala, junto da barra cronológica.

Parte prática: fazer papel reciclado com a turma (ver ficha nº4)

Como os alunos não podem estar em simultâneo a fazer o papel reciclado, a turma é dividida em dois grupos. Enquanto um grupo faz o papel reciclado, cada elemento do outro grupo, faz uma planificação de uma pirâmide (ver ficha nº5), em cartão recuperado, depois os grupos trocam de tarefas.

Após a elaboração da planificação montar/colar a pirâmide.

Depois de a pirâmide estar montada, passar cola de madeira nas suas faces, e colar uma pequena camada de papel reciclado, para ficar com aspeto rugoso como as pirâmides do Egito (esta pirâmide pode servir como pisa papéis, para oferecer no dia do pai).

Nota: Os alunos podem construir três pirâmides (para ficarem na sala de aula), fazendo alusão às famosas pirâmides de Gizé.

Quando as folhas recicladas estiverem secas, pintar/escrever um pequeno poema para os pais, ou um outro familiar à escolha do aluno. Enrolar a folha e atar com rafia, como se fosse um papiro.

**Duração**

+/- 3horas (30 m + 1h.30m + 1h)

Materiais

Jornais

Cola de madeira

(materiais da ficha nº4) para fazer o papel reciclado

Cartolinas reaproveitadas/recuperadas

Ficha nº5 (planificação de uma pirâmide)

Cartões recuperados para as bases das pirâmides

Recipientes

Pincéis

Panos de limpeza



Da matemática até Conímbriga

Objetivos

- Conhecer as características da arte romana, nomeadamente o mosaico;
- Conhecer factos da história nacional (Estudo do Meio)
- Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Relacionar o metro, decímetro, centímetro e milímetro (Matemática);
- Relacionar o m², o dm² e o cm² (Matemática);
- Construir, coletivamente, o metro quadrado com quadrados de 1 dm de lado feitos em papel quadriculado (Matemática).
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- Á descoberta dos outros e das instituições – Passado nacional (Estudo do Meio)
- Á descoberta das inter-relações entre espaços – Portugal na Europa e no Mundo. (Estudo do Meio)
- Grandezas e medida (matemática)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)

Descrição da atividade

Dialogo sobre o Império Romano e a sua arte, visionamento das várias obras deste período. (ver Romana)

Referir que os artistas compunham os mosaicos com pedaços coloridos de pedra ou de vidro, que eram unidos com cimento.

Ver no mapa globo onde se situa Roma e Portugal. Ver possíveis rotas dos romanos para chegarem a Portugal (ver Conímbriga).



Ver na barra cronológica, em que século se situa este movimento artístico.

Através da observação das várias obras, fazer uma lista das principais características deste período artístico (tipo Bilhete de Identidade).

Construir um painel coletivo com um metro quadrado, utilizando quadrados com um decímetro de lado, feitos em papel quadriculado ou fazer no computador uma tabela com estas medidas.

Antes de distribuir os quadrados (com um decímetros de lado) pelos alunos, enumera-los do lado de trás, para ser mais fácil copiar o desenho para os vários quadrados e posterior montagem do painel coletivo/mosaico.

O desenho do mosaico pode estar exposto na parede, em tamanho real, para ajudar na cópia do desenho para a quadrícula. O desenho para os alunos fazerem, é só referente à parte geométrica, ou seja a cabeça do animal que está incluída no painel, ou fica a preto ou a branco. (ver ficha nº6)

Pintar as quadrículas conforme o desenho do mosaico. Após a pintura a lápis de cera, recortar os quadrados com um decímetro de lado.

Seguidamente, cada aluno vai construindo o mosaico como se de um puzzle se tratasse. Quando tiverem a certeza dos locais corretos dos seus quadrados de um decímetro, começam a colar num suporte o mosaico/painel coletivo com um metro quadrado. Após o painel estar colado, passar uma aguada (guache com muita água, tipo aquarela) de cor amarelo-torrado (amarelo com um pouco de vermelho) por todo o painel, por cima da pintura a lápis de cera inclusive, de forma a uniformizar a pintura do painel.

Nota: Se na turma existir algum encarregado de educação que saiba calcetar, era enriquecedor para a turma, uma vez que esta atividade pode ser feita com pedra e os pedaços serem unidos com cimento, e fazerem um mosaico para o jardim da escola com a ajuda dos encarregados de educação.



No final da atividade, pequeno diálogo sobre as medidas trabalhadas e sobre a execução do mosaico, quais as dificuldades, o que gostaram mais de fazer, etc.

Duração

O tempo depende das características de cada turma para a realização deste projeto

Materiais

Imagens das obras mais características (ver Arte Romana- Correntes Artísticas)

Fotocópias com 1dm quadrado

Jornais para proteção das mesas de trabalho

Desenho/fotocópia do mosaico a construir

Lápis de cera, pincéis espatulados nº 12/trinchas

Tinta aquosa diluída

Recipientes

Panos de limpeza

Cartão reaproveitado para colar mosaico/painel



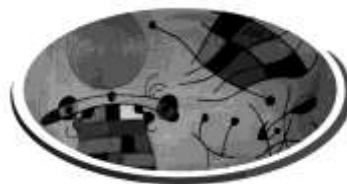
Diferentes olhares do Mosteiro da Batalha

Objetivos

- Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local (Batalha ocorrida em local próximo, Reis que considerem fulcrais) (Estudo do Meio);
- Recolher dados sobre aspetos da vida quotidiana de tempo em que ocorreram esses factos (Estudo do Meio);
- Localizar os factos e as datas estudados no friso cronológico da História de Portugal (Estudo do Meio);
- Reconhecer aglomerados populacionais, aldeias, vilas e cidades (Estudo do Meio);
- Identificar e localizar no mapa as cidades do seu distrito (Estudo do Meio);
- Localizar no mapa a capital do País (Estudo do Meio);
- Localizar as capitais de distrito (Estudo do Meio);
- Reconhecer a fronteira terrestre com Espanha (Estudo do Meio).
- Desenhar livremente com o compasso. (Matemática)
- Desenhar rosáceas. (Matemática)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras e de diferentes texturas (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- Á descoberta dos outros e das instituições - O passado nacional (Estudo do Meio)
- Á descoberta das inter-relações entre espaços – Os aglomerados populacionais. (Estudo do Meio)
- Á descoberta das inter-relações entre espaços – Portugal na Europa e no Mundo. (Estudo do Meio)
- Forma e espaço (iniciação à geometria) (Matemática)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)



- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)

Descrição da atividade

Durante o diálogo, os alunos devem identificar onde fica situado o Mosteiro da Batalha, localidade, freguesia, conselho, distrito. Depois falar de Santarém (capital do Gótico e também capital de distrito); identificar outras localidades e os seus distritos.

Voltar ao diálogo sobre o Mosteiro da Batalha: dar a conhecer à turma a história da “Batalha de Aljubarrota”, a personagem “padeira de Aljubarrota”, o rei da altura e o porquê da construção do mosteiro.

Para melhor compreender como viviam os portugueses naquela época, a turma faz um pequeno trabalho de pesquisa, para apresentarem à turma, sobre o Mosteiro, a gastronomia e o vestuário daquela época. Também podem criar uma história imaginária, passada no mosteiro.

A turma é organizada por grupos de 3 elementos e o tempo de pesquisa fica ao critério do professor.

Após as várias apresentações, cada grupo vai desenhar a sua visão do mosteiro. Para isso é lhes facultado uma folha A3, a qual terá de ser dividida em quatro partes: a folha é dividida ao meio na vertical e na horizontal. Após a divisão da folha, o grupo tem de escolher quatro pormenores do Mosteiro, cada pormenor vai ser colado ou desenhado numa divisão da folha A3. Estes pormenores podem ser desenhados com compasso e régua. Também podem utilizar papeis coloridos, ou fotocópias do Mosteiro ou ainda decalcar o desenho do pormenor que quer realizar através de papel vegetal.

A fase seguinte desta atividade é a pintura, que será a lápis de cor ou com tintas aquosas a pincel.

Nota: Se for a primeira vez que os alunos vão utilizar o compasso, será aconselhado numa folha de papel cavalinho, experimentar a usar o compasso, preenchendo uma folha só com circunferências.



No fim de concluírem a pintura dos vários desenhos, estes serão colados na folha A3.

Agrupar todos os desenhos para montar um painel/puzzle.

No final das sessões desta atividade, dialogar com os alunos, sobre o que descobriram sobre o Mosteiro da Batalha, a corrente artística, o gostaram mais e menos, o que aprenderam, etc. (estes comentários podem ficar registados no diário gráfico da turma com fotos dos vários painéis).

Duração da atividade

2 sessões de 60 minutos. No entanto, o tempo despendido nesta atividade depende de como o professoro(a) quer abordar os conteúdos de Estudo do Meio e Matemática.

Materiais

Papel cavalinho

Lápis nº 2, lápis de cor

Compasso

Pincéis, tintas aquosas

Tesoura, cola stik, pano de limpeza



Mona Lisa e Santa Catarina no século XXI

Objetivos

- Conhecer as características do Renascimento
- Promover a Criatividade
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Improvisar individualmente atitudes, gestos, movimentos a partir de diferentes estímulos; um objeto real ou imaginado ou de um tema (Expressão e Educação Dramática)
- Improvisar um diálogo ou uma pequena história a partir de uma ilustração. (Expressão e Educação Dramática)
- Improvisar palavras, sons, atitudes, gestos e movimentos, constituindo sequências de ações — situações recriadas ou imaginadas, a partir de: objetos, um local. (Expressão e Educação Dramática)
- Inventar novos objetos utilizando materiais ou objetos recuperados. (Expressão e Educação Plástica)
- Construir adereços. (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades de diferentes materiais: elementos naturais, lãs, cortiça, tecidos, objetos recuperados, jornal, papel colorido, ilustrações, rasgando, desfiando, recortando, amassando, dobrando. (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- Jogos dramáticos - Linguagem não verbal (Expressão e Educação Dramática)
- Jogos dramáticos – Linguagem Linguagem verbal (Expressão e Educação Dramática)
- Jogos dramáticos – Linguagem Linguagem verbal e gestual (Expressão e Educação Dramática)
- Descoberta e organização progressiva de volumes - Construções (Expressão e Educação Plástica)



- Exploração de técnicas diversas de expressão: recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)

Descrição da atividade

Diálogo sobre o Renascimento, visionamento das várias obras do movimento.

Ver no globo onde fica Itália e Portugal e quais o (os) oceanos/mares que banham os dois países.

Ver numa barra cronológica, em que século se situa este movimento artístico.

Através da observação das várias obras, fazer comparações e ver diferenças entre a forma de estar nessa altura e a atual (forma/características: de vestir, de pentear, as cores utilizadas nas roupas)

Os alunos vão ter de imaginar/recriar como seria “Mona Lisa” e “Santa Catarina de Alexandria” em pleno séc. XXI. Para isso é dado a cada aluno uma fotocópia da imagem da “Monalisa” e outra da “Santa Catarina de Alexandria”. Para além das fotocópias, é lhes dado um cartão recuperado, onde podem pintar, colar as “novas” modelos.



Poderão pintar, recortar, criar volumes e colar vários materiais que estão à disposição, as únicas regras que têm de respeitar são: a posição em que estão, a cara e as mãos.

Terão à disposição papel cavalinho para fazerem esboços.

Após as “transformações” da “Mona lisa” e de “Santa Catarina de Alexandria”, cada “estilista” vai apresentar à turma as novas personagens (de onde vêm, o que fazem, etc...) e escrever o novo BI das personagens, para incorporar no painel.

Nota: Esta atividade poderá ser feita ao som de música



Ver diferenças entre as várias propostas e por fim comparar as novas figuras com os originais. No final poderá ser feito um painel coletivo, suspenso, de todos os trabalhos da turma, ou vários conforme queiram expor os trabalhos.

Nota: podem montar um painel suspenso com a ajuda de um cabo de vassoura, de cordel e uma agulha de lã, para fixar os vários cartões uns aos outros.

Duração

2 sessões de 60 minutos

Materiais

Imagens de várias obras para inspiração, revistas, jornais

Leitor de Cds e Cds

Fotocópias em papel cavalinho, vários tipos de papel, cartão reaproveitado

Vários tipos de tecido, cola de madeira

Tesouras, Agulhas de lã, cordel, cabo de vassoura



Texturas

Objetivos

- Conhecer a obra de Gustav Klimt
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Promover a Criatividade
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras e de diferentes texturas (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades de diferentes materiais: lãs, tecidos, jornal, papel colorido, ilustrações, rasgando, recortando, procurando formas, cores, texturas (Expressão e Educação Plástica)
- Fazer composições colando: diferentes materiais rasgados, desfiados, diferentes materiais cortados, diferentes materiais recortados (Expressão e Educação Plástica)
- Bordar (pontos simples) (Expressão e Educação Plástica)
- Fazer uma composição a partir de um dado padrão. (Matemática)
- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)
- Construir adereços. (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão - recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)



- Exploração de técnicas diversas de expressão - Tecelagem e costura (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão - Impressão (Expressão e Educação Plástica)
- Forma e espaço (iniciação à geometria) Matemática
- Exploração de técnicas diversas de expressão: recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)

Descrição da atividade

- A atividade começa por um passeio pelo meio envolvente à escola, onde os alunos vão observar a natureza e registar em papel cavalinho alguns pormenores de folhas, flores, árvores, etc. (estes registos podem ir para o diário gráfico da turma)
- Diálogo sobre o que observaram e registaram durante o passeio. Falar sobre a linha (os vários tipos de linha). Enquanto decorre o diálogo incluir algumas obras do movimento Arte Nova, e ver quais as características principais desta corrente artística. Falar de textura (naturais e artificiais).
- Desenhar numa folha A5 a partir dos vários tipos de linha, e de um padrão dado, criar três texturas artificiais.
- Visionamento das várias obras do pintor Klimt e apontar no quadro e no diário gráfico da turma as características principais dessas obras.
- Ver numa barra cronológica, em que século se situa a corrente artística.

Após o visionamento é dado a cada aluno um fragmento de uma fotocópia do quadro (o beijo de Klimt), colam-no numa folha A3, e terão de continuar o desenho, com base em texturas visuais, devem incluir nesta composição visual, as texturas realizadas na folha A5, criando vários padrões e utilizando vários materiais riscadores.

No final dos trabalhos estarem concluídos, comparar as várias “obras” com a original.

Nota: a partir deste trabalho podem sugerir mais atividades, e “o Beijo” de Klimt ser o mote para um projeto que podem iniciar fazendo padrões. Decorarem uma peça de vestuário com



base nos padrões existentes na obra de Klimt, ou até reproduzi-lo posteriormente numa t-shirt e realizar uma passagem de modelos onde os “manequins” desfilavam apresentando as várias reproduções de “O Beijo” ou outra obra de Klimt.

Fazer o registo fotográfico da atividade, desde os primeiros registos gráficos das plantas até ao desfile, para elaborar uma exposição final.

Duração

3x 60 minutos, sem incluir a atividade facultativa

Materiais

Folhas de papel cavalinho A5 e A3

Lápis de carvão de várias espessuras, Grafite

Lápis de cor e de cera, pastel, etc.

Suporte de apoio/base para folhas onde irão desenhar

Imagens das obras de Klimt

Vários materiais de riscar (carvão, marcadores, lápis de cera, grafite, etc.)

Tesouras, Cola

*Ficha de trabalho nº7 (pintura em tecido)

*T-shirt, *Tintas de tecido, *Pincéis, *Stencil (moldes)

*Plástico

*recipientes

*** materiais para atividade facultativa – pintura de t-shirt**



Ilustrar o pensamento ...

Objetivos

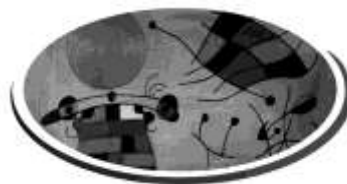
- Conhecer algumas obras de vários artistas, incidindo mais na corrente artística expressionismo.
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Promover a Criatividade
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral (Língua Portuguesa)
- Distinguir diferentes tipos de texto (prosa, poesia, banda desenhada, texto oral. (Língua Portuguesa)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras e de diferentes texturas (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades de diferentes materiais: lãs, tecidos, jornal, papel colorido, ilustrações, rasgando, recortando, procurando formas, cores, texturas (Expressão e Educação Plástica)
- Fazer composições colando: diferentes materiais rasgados, desfiados, diferentes materiais cortados, diferentes materiais recortados (Expressão e Educação Plástica)
- Bordar (pontos simples) (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)
- Construir adereços. (Expressão e Educação Plástica)
- Calcular perímetros (Matemática)
- Explorar as diferentes possibilidades expressivas, imaginando-se com outras características corporais. (Expressão e Educação Dramática)
- Experimentar maneiras diferentes de produzir sons (Expressão e Educação Dramática)
- Aliar a emissão sonora a gestos/movimentos (Expressão e Educação Dramática)



- Explorar a emissão sonora fazendo variar: a forma de respirar, a altura do som, o volume da voz, a velocidade, a entoação (Expressão e Educação Dramática)
- Explorar diferentes formas de se deslocar: de diferentes seres (reais ou imaginados), em locais com diferentes características (Expressão e Educação Dramática)
- Improvisar um diálogo ou uma pequena história em pequeno grupo a partir de uma ilustração ou uma série de imagens (Expressão e Educação Dramática)
- Improvisar palavras, sons, atitudes, gestos e movimentos, constituindo sequências de ações — situações recriadas ou imaginadas, a partir de: objetos, um local. (Expressão e Educação Dramática)
- Inventar, construir e utilizar adereços e cenários (Expressão e Educação Dramática)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Funcionamento da língua - análise e reflexão (Língua Portuguesa)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão - recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão - Tecelagem e costura (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão - Impressão (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão: recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)
- Grandezas e medida (Matemática)
- Jogos de exploração – Corpo, voz e espaço (Expressão e Educação Dramática)
- Jogos de dramáticos – Linguagem verbal (Expressão e Educação Dramática)



- Jogos de dramáticos – Linguagem verbal e gestual (Expressão e Educação Dramática)

Descrição da atividade/projeto

A partir de um livro de contos ou de poesia, da biblioteca da escola, escolher um parágrafo ou um poema. Ler, interpreta-lo e realizar ficha de leitura nº8. Fazer registo fotográfico.

Esta atividade inicial pode ser o início de um projeto que pode durar um período, culminando com a apresentação de uma peça de teatro, onde a turma criava um novo texto a partir das ilustrações elaboradas.

Após um primeiro esboço para ilustrar o parágrafo escolhido, cada aluno vai criar a sua personagem e o seu meio envolvente. Para ajudar poderão pesquisar na internet imagens relacionadas com o tema, a turma terá igualmente à disposição vários livros com ilustrações e várias fotocópias de obras de vários pintores para se inspirarem. Dialogar um pouco sobre as características dos quadros de Paul Klee, Matisse, Vieira da Silva, etc.

Fazer registo fotográfico (alguns esboços poderão ir para o diário gráfico da turma).

Após vários esboços para chegarem aos elementos que vão constar na sua ilustração, os alunos vão recolher texturas (árvores, chão, parede, rede folhas, sola de sapatos, etc.), tendo como suporte vários tipos de papel. Estas texturas irão servir para a ilustração.

Exemplo de uma ilustração, onde o aluno inspirou-se numa pintura de Vieira da Silva.



Quando os alunos iniciarem a “arte final” da ilustração, devem começar sempre pelo fundo, pensar como querem que ele fique: se é pintado a lápis de cor, se é colado com pedaços de papel, se é pintado a pincel, se é esponjado ou se utilizam técnica mista.



Neste exemplo foi utilizado como suporte, tela e o fundo foi esponjado. Depois de terem o fundo concluído colam os vários elementos constituintes da ilustração (utilizar vários materiais). Fazer registo fotográfico dos vários trabalhos.



Neste exemplo o aluno optou por rasgar várias texturas recolhidas e colar no fundo.

A atividade finda com a realização de uma exposição com os vários trabalhos e com as fotos das várias etapas, onde serão selecionados os trabalhos para a construção de um calendário.

Outra reutilização das ilustrações: Estas podem ser reproduzidas (scâner/fotografia) e servirem de capas de blocos/agendas para oferecer à mãe/pai, etc.

Projeto/Atividade (facultativa)

No final a turma elege uma ilustração para servir de cenário à dramatização do conto/poema a que se refere essa ilustração.

Para construir o cenário, é necessário ampliar as medidas (dar a noção de escala, tirar medidas, calcular perímetros e áreas). Fazer registo fotográfico.

No fim de saberem estes conceitos, a turma é dividida em três grupos de trabalho, um fica a realizar o cenário, outro a realizar os adereços e o ultimo adaptar/recriar o conto/parágrafo para teatro, podem incluir personagens imaginadas, gestos, dança, mímica, etc. Fazer registo fotográfico.

Nota: A atividade na sua totalidade pode ser um projeto a apresentar no final de ano, com várias fases ao longo do ano letivo.



A Exposição de todas as fases deverá estar exposta aquando da apresentação da peça à comunidade educativa.

Duração:

O tempo depende das características de cada turma para a realização deste projeto.

Materiais

Livros de contos ou de poesia, Ficha de leitura nº 8), imagens de obras

Vários materiais de riscar (lápiz de carvão, marcadores, lápis de cera, grafite, etc.)

Tesouras

Cola de bisnaga, cola de madeira

Pincéis/trinchas, recipientes, tintas aquosas

Espanja/plásticos

Vários tipos de suporte: cartão recuperado, vários tipos de papel, tela, etc.

Vários materiais reaproveitados

Agulhas, linhas, lãs, panos de limpeza



Recriar Guernica

Objetivos:

- Conhecer a obra de vários artistas cubistas, dando mais ênfase à obra de Pablo Picasso.
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa. (Estudo do Meio)
- Reconhecer a fronteira terrestre com a Espanha. (Estudo do Meio)
- Comparar e identificar os seguintes sólidos geométricos: cubo, esfera, cilindro, paralelepípedo, cone e pirâmide. (Matemática)
- Desenhar livremente com o compasso. (Matemática)
- Desenhar livremente utilizando a régua. (Matemática)
- Promover a Criatividade
- Explorar a simbologia da cor
- Explorar as diferentes tonalidades de uma cor
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras e de diferentes texturas (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades de diferentes materiais: papel, jornal, cartolina, cartão, ilustrações, recortando, procurando formas (Expressão e Educação Plástica)
- Fazer composições colando: diferentes materiais cortados ou recortados (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar a terceira dimensão, a partir da superfície, destacando figuras (Expressão e Educação Plástica)



- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- À descoberta das inter-relações entre espaços. - Portugal na Europa e no mundo (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Forma e espaço (iniciação à geometria) (Matemática)
- A Cor
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão - recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)

Descrição do Projeto/ Atividade

A atividade inicia-se escrevendo no quadro a palavra Cubismo, e cada aluno dá uma opinião sobre o que pensa da palavra.

Falar de geometria, de sólidos geométricos e de volume.

Recolher algumas imagens de objetos de revistas.

Após a recolha, os alunos são convidados a geometrizar as formas dos objetos selecionados, utilizando o compasso e a régua.

Apresentar a obra Guernica, apresentar Picasso. Depois ver no mapa da Península Ibérica ou da Europa onde se situa a localidade de Guernica. Ver a que distância fica da sua localidade. Identificar a fronteira entre Portugal e Espanha O porquê do quadro ser a preto a branco. Simbologia da cor. (PowerPoint: A Cor, na parte referente à simbologia da cor)*

Falar da Guerra civil enquanto se mostra o PowerPoint sobre a localidade e o quadro (podem fazer o paralelismo com a guerra no ultramar, o desespero das famílias).



Noção de tonalidade, continuar a mostrar o PowerPoint sobre a Cor, agora referente à tonalidade (PowerPoint: A Cor)*



Numa folha A4 fazer a gradação da cor, começando a pintar com a cor branca, juntando uma pontinha de preto aguado, obtendo uma escala de cinzentos ou um degrade em tons cinza, até chegar à cor preta.

Painel coletivo

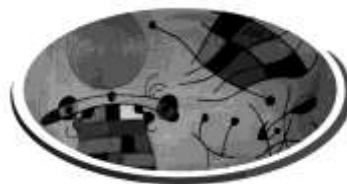
Explicar a atividade que se segue, e as várias fases, que tem como objetivo elaborar um painel coletivo da interpretação da obra Guernica. Explicar igualmente que os alunos vão alternando o trabalho individual com o trabalho de grupo, pois não conseguem desenhar e pintar todos em simultâneo no papel cenário.

Fazer registo fotográfico da atividade, para colocar no diário gráfico da turma.

1º Pintar cartão reaproveitado de branco, se existir cartão com fundo branco, não é necessária pintar. Em opção, podem desenhar sobre papel cavalinho e colar sobre o cartão reaproveitado.



2º Cada aluno escolhe um elemento da obra para reproduzir. Em papel cenário, afixado numa parede, por grupos de 3 alunos, vão desenhando os elementos que escolheram para reproduzir, primeiro desenharam um esboço a lápis de carvão e depois contornam a lápis de cera ou pastel de óleo de cor preta, os contornos que desejarem (regra: não podem utilizar borracha).



3º Individualmente vão desenhar a lápis, sobre o cartão branco (ou pintado de branco), depois contornam o elemento que desenharam com lápis de cera ou pastel óleo preto (regra: não podem utilizar borracha). Esta fase da atividade decorre em paralelo com o desenhar/pintar no papel cenário, os alunos vão alternando as tarefas a realizar.

4º Seguidamente, pintar o elemento com guache/tinta aquosa diluída, utilizando os vários tons de cinzentos. Esta fase da atividade decorre em paralelo com o desenhar/pintar no papel cenário.



5º Individualmente, utilizando cartão reaproveitado, colar algumas camadas de cartão por trás dos vários elementos reproduzidos, para dar relevo depois no painel coletivo. Esta fase da atividade decorre em paralelo com o desenhar/pintar no papel cenário.

6º Após o painel estar desenhado, em grupos de 3/4 alunos, vão pintar, sempre no mesmo sentido (na vertical ou na horizontal) todo o painel, com trincha, passando por cima dos desenhos realizados e utilizando uma tonalidade cinza muito clara. Adiciona-se também um pouco de vermelho.

7º Depois com as tintas que sobram dos trabalhos individuais, pintar alguns pormenores do painel. No fim da pintura deixar a secar até ao dia seguinte.

8º No dia seguinte, quando o painel estiver seco, retirar da parede, e coloca-lo no chão. Colar com cola de madeira os vários elementos elaborados pela turma. Realizar esta fase



perto do final do turno, para ficar a colar até o dia seguinte na posição horizontal, sem incomodar o espaço de sala de aula.

9º No final do painel estar concluído, diálogo sobre todo o trabalho desenvolvido (podem colocar comentários e fotos no diário gráfico da turma).

10º Expor o painel no átrio da escola ou do Agrupamento.

Duração

O tempo depende das características de cada turma para a realização desta atividade e do tamanho do painel a realizar. Deverá ser executada por várias fases.

Materiais

Mapa da península ibérica

PowerPoint “A Cor” e o PowerPoint sobre “Guernica/Picasso”

Papel cavalinho, papel cenário, cartão reaproveitado branco e normal

Lápis de carvão nº1 ou nº2, lápis de cera ou pastel de óleo preto

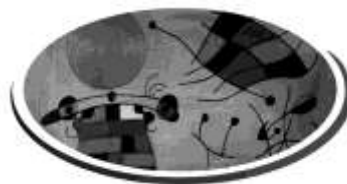
Tintas aquosas: branco, preto e vermelho

Pincéis, trinchas e recipientes

Cola de madeira

Jornais para forrar à volta do papel cenário para não sujar a parede, ou um plástico, colocar primeiro na parede e depois o papel cenário.

Panos de limpeza



Pelo Mundo de Amadeo de Souza Cardoso

Objetivos

- Conhecer a obra de Amadeo de Souza Cardoso
- Promover a interdisciplinaridade.
- Conhecer uma das técnicas de pintura utilizadas por Amadeo de Souza Cardoso
- Reconhecer aglomerados populacionais (aldeias, vilas e cidades). (Estudo do Meio)
- Identificar as cidades do seu distrito: localizar no mapa. (Estudo do Meio)
- Localizar no mapa a capital do País. (Estudo do Meio)
- Localizar as capitais de distrito. (Estudo do Meio)
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Conhecer as cores quentes e frias
- Explorar a simbologia da cor
- Explorar as diferentes tonalidades de uma cor
- Expressar-se livre e criativamente.
- Comparar e identificar os seguintes sólidos geométricos: cubo, esfera, cilindro, paralelepípedo, cone e pirâmide. (Matemática)
- Desenhar livremente com o compasso. (Matemática)
- Desenhar livremente utilizando a régua. (Matemática)
- Promover a Criatividade
- Despoletar o interesse pelas artes visuais e pelo património cultural

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços -aglomerados populacionais (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Forma e espaço (iniciação à geometria) (Matemática)
- A Cor
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)



Descrição da atividade

Apresentação do pintor português Amadeo de Souza Cardoso, no mapa de Portugal descobrir onde nasceu o artista. Ver se é muito ou pouco longe da escola. Percorrer com o dedo no mapa as alternativas de percurso para ir da escola até Manhufe /Amarante.

Posteriormente o visionamento de algumas obras onde utiliza a técnica do Pochoir ou "stencil". (ficha nº7)

Seguidamente os alunos irão desenhar com a ajuda de régua, esquadro e compasso os moldes sobre cartão recuperado (ex: embalagens de cereais), dos moldes/stencil com figuras geométricas. O corte dos moldes é o professor que executa, com a ajuda de um x-ato.

Realização de algumas experiências utilizando esta técnica de pintura, com os moldes/stencil construídos e esponja. Experimentar fazer também sobreposições a fim de misturar as cores.

Diálogo com a turma sobre cores quentes e cores frias, o que lhes lembra, o que simboliza algumas cores.

Posteriormente, convidam-se os alunos a usar o "stencil", sobrepondo-o sucessivamente de forma a criar uma composição visual, mas utilizando só cores quentes ou frias. (mostrar power point: A cor, no diapositivo referente às cores quentes ou imagens de obras com cores quentes)

Diálogo com a turma sobre a atividade desenvolvida.

Numa próxima sessão de Expressão e Educação Plástica, voltar abordar os conceitos de geometria e introduzir o abstracionismo e mostrar alguns exemplos de obras com figuras geométricas (ver paginas referentes a Amadeo, Mondrian, Kandinsky, Nadir Afonso, Almada Negreiros)



Observação das várias obras e diálogo sobre as mesmas, tentando descobrir semelhanças e diferenças entre as obras. As características serão escritas no quadro, para posteriormente um aluno transcreve-las para o diário gráfico da turma e colar uma cópia das obras abordadas.

Seguidamente passa-se à parte prática, onde os alunos escolhem dois moldes/stencil para realizarem uma ou mais composições abstratas sobre jornal (a tinta aquosa não pode ser diluída em água).

Após fazerem as várias experiências, escolhem uma das composições visuais para realizarem numa t-shirt. A técnica é igual à que utilizaram em suporte de papel, só que agora utilizam tintas de tecido e colocar um plástico no interior da t-shirt para a tinta não sugar o outro lado da t-shirt. Nota: Pode ser pintura em t-shirt como pode ser numa mala, mochila, saia, calças, etc.

Duração

Depende das características da turma

Materiais

Mapa de Portugal, cartões com imagens de obras do pintor

Guache/tintas aquosas, tinta de tecido para a t-shirt

Jornais, folha de papel cavalinho A4

Moldes/stencil com formas geométricas

T-shirt

Esponja, pincéis, pano de limpeza



Colorindo colando

Objetivos

- Conhecer a obra de Amadeo e Matisse
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa. (Estudo do Meio)
- Explorar as diferentes possibilidades expressivas, imaginando-se com outras características corporais (Expressão e Educação Dramática)
- Improvisar individualmente atitudes, gestos, movimentos a partir de diferentes estímulos: um tema (Expressão e Educação Dramática)
- Mimar atitudes, gestos, movimentos ligados a: uma ação isolada ou uma sequência de atos (Expressão e Educação Dramática)
- Promover a Criatividade
- Explorar a simbologia da cor
- Explorar as cores contrastantes
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras e de diferentes texturas (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades de diferentes materiais: papel, jornal, cartolina, cartão, ilustrações, recortando, procurando formas (Expressão e Educação Plástica)
- Fazer composições colando: diferentes materiais cortados ou recortados (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar a terceira dimensão, a partir da superfície, destacando figuras (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)



Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- À descoberta das inter-relações entre espaços. - Portugal na Europa e no mundo (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Jogos de exploração – Corpo (Expressão e Educação Dramática)
- Jogos dramáticos - Linguagem não verbal (Expressão e Educação Dramática)
- A Cor
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão - recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)

Descrição da atividade

Inicia-se a atividade apresentando ou revendo Amadeo e Matisse, onde nasceram, vendo no mapa se os dois países ficam longe ou não, se viveram na mesma altura, etc.

Diálogo com a turma sobre as características de cada obra, fazer um diagrama de Vénus e colocar as características de cada obra e onde os conjuntos sobrepõem-se colocar as características que têm em comum.

Depois irão pintar vários suportes com as seguintes cores: amarelo, vermelho, laranja, verde, azul, violeta, laranja e preto.

Enquanto seca a pintura, a turma é dividida em dois grupos. É explicado à turma que existe dois sacos, um para cada grupo. Cada elemento do grupo retira um papel (que contem a primeira parte de um provérbio ou de uma lengalenga), e guarda para si, como um segredo, até todos os elementos do grupo terem retirado um papel.

Seguidamente, a turma senta-se no chão em círculo e um a um, os alunos irão ao centro da roda mimar a parte que lhe saiu da lengalenga ou do provérbio, os restantes alunos vão



colocando o dedo no ar para tentar adivinhar qual o provérbio ou lengalenga e se completa a sua lengalenga ou provérbio, encontrando assim o novo colega de trabalho. Quando adivinhar, de olhos fechados escolhe um colega para ir para o centro da roda. Fazer registo fotográfico da atividade.

No fim de encontrarem os pares, é dado a cada par um cartão recuperado, que servirá de suporte, para ilustrar a lengalenga ou provérbio. Só podem utilizar recortes feitos com tesoura ou rasgados. Iniciam a composição por preencher o fundo. A lengalenga ou provérbio tem de ser desenhada, pintada ou colada na composição visual.

Usar vários tipos de papéis (incluindo os pintados), tecidos, cartões, e outros materiais, etc.

No final de todos os pares concluírem as ilustrações, cada par apresenta à turma o seu trabalho e o porquê das suas escolhas para ilustrar a sua lengalenga/provérbio.

Duração

+/- 120 minutos, conforme as características da turma.

Materiais

Vários tipos de papéis (ex: papel de lustro, kraft, seda, cenário, manteiga, etc.)

Jornais, revistas

Marcadores, lápis de cor, cera, pastel, etc

Tesoura; cola de madeira

Pincéis finos e largos, tintas aquosas, recipientes

Cartão recuperado para o suporte e materiais recuperados que queiram utilizar

Panos de limpeza



Árvore de Natal Mondrian

Objetivos

- Conhecer a obra de Mondrian
- Desenhar figuras geométricas simples com algumas regras (Matemática)
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Reconhecer ângulos em figuras geométricas planas e nos objetos (Matemática)
- Comparar a amplitude de ângulos e reconhecer: ângulo reto, ângulo agudo e ângulo obtuso. Portugal na Europa e no mundo (Matemática)
- Calcular o perímetro de polígonos (Matemática)
- Desenhar polígonos a partir de um perímetro dado (Matemática)
- Descobrir as fórmulas para o cálculo das áreas do quadrado e do retângulo (Matemática)
- Calcular áreas de quadrados e de retângulos utilizando a fórmula (Matemática)
- Promover a Criatividade
- Explorar as possibilidades técnicas de: trinchas, pincéis, guache, tintas de água (Expressão e Educação Plástica)
- Ligar/colar elementos para uma construção (Expressão e Educação Plástica)
- Inventar novos objetos utilizando materiais ou objetos recuperados (Expressão e Educação Plástica)
- Utilizar a máquina fotográfica para a recolha de imagens (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Forma e espaço (iniciação à geometria) (Matemática)
- Grandezas e medida (Matemática)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)



- Descoberta e organização progressiva de volumes - Construções (Expressão e Educação Plástica)
- Fotografia (Expressão e Educação Plástica)

Descrição do Projeto/Atividade

A atividade começa por apresentar o pintor Mondrian. Ver a sua data de nascimento e ver na barra cronológica. Visionar várias obras do artista.

Desenhar quadrados e retângulos com régua e esquadro, e calcular o perímetro das figuras desenhadas. Desenhar quadrados e retângulos a partir de um perímetro dado.

Levar os alunos a descobrir as fórmulas para o cálculo das áreas do quadrado e do retângulo e depois calcular as áreas dos quadrados e dos retângulos desenhados.

Esta tarefa pode ser uma forma de introduzir a noção de ângulo, de aprenderem a comparar a amplitude de ângulos e de reconhecer os vários ângulos. (ver ficha nº9)

Dar a noção de forma, estrutura e textura. Diálogo sobre o esqueleto humano, a forma do nosso corpo, a textura da nossa pele, etc.

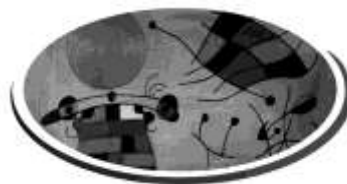
Dar exemplos de estruturas naturais e artificiais, incluir esculturas nos exemplos das últimas.



Posteriormente os alunos recolhem durante 10 minutos três exemplos de texturas no interior da sala ou no espaço do recreio. Colocam uma folha de papel cavalinho sobre a textura que escolherem e decalcam, passando/friccionando com lápis de cor ou de cera. (utilizar as cores de Mondrian na recolha de texturas)

Depois, o porta-voz de cada grupo, irá explicar, como faria para criar a estrutura da árvore, que materiais utilizaria para ligar/colar e como a decoraria a árvore.

Após a apresentação das ideias dos dois grupos, a turma constrói uma árvore com base nas sugestões dadas, ou opta por construir ambas.



Antes da construção, os grupos irão desenhar numa folha de papel cavalinho, A4 ou A3, o projeto da árvore. Devem registar quais os materiais que irão precisar para a sua construção e como esta será feita.

Existem duas regras: só podem utilizar as cores de Mondrian na árvore e têm de utilizar as texturas recolhidas anteriormente.

Seguidamente afixam-se os projetos realizados.

O porta-voz de cada grupo, menciona quais os materiais que necessitam, se existe alguns que possam trazer/reutilizando, quais os que têm de ser comprados, (posteriormente, ver os preços e calcular os custos desses materiais) e se têm algum plano de trabalho para a construção da árvore.

Posteriormente será feita a recolha de todo o material necessário e inicia-se a construção da árvore ou árvores.

Construção

Para colar os caixotes uns aos outros:

1º Começar pela base da árvore, ver quais os caixotes que encaixam melhor, quais os maiores para ficarem na base

2º Com fita-cola castanha unir caixa a caixa (um aluno corta fita-cola e outro aplica-a)



Esta tarefa de colar as caixas umas às outras, pode ser repartida por pequenos grupos de 2 ou 3 alunos, se a estrutura a construir assim o permitir.

3º Depois cobre-se a fita-cola castanha com fita-cola isoladora, para ficar mais resistente e porque a cola de madeira e o jornal, não aderem à fita-cola castanha. Enquanto uns alunos colocam a fita-cola, um outro grupo corta jornal, para colar com cola de madeira, para que a estrutura fique mais consistente e uniforme.





4º Cobrindo o caixote, utilizando texturas recolhidas com as cores de Mondrian.

5º Contornar cada face com tinta preta, à semelhança dos quadros de Mondrian.

Exemplo de um possível produto final

Duração

O tempo depende das características de cada turma para a realização deste projeto

Materiais

Imagens das obras do pintor (ver corrente artística: Abstracionismo), ficha nº 9

Vários tipos de papéis

Lápis de cor e cera

Caixotes recuperados

Fita-cola castanha e isolante

Pinceis

Tintas aquosas

Cola de Madeira

Recipientes para água e cola e panos de limpeza



Natal com ...

Objetivos

- Conhecer Miró, Mondrian e Matisse e as suas técnicas de pintura.
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Promover a Criatividade
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes cores, diferentes espessuras (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades de diferentes materiais: lãs, cortiça, tecidos, objetos recuperados, jornal, papel colorido, rasgando, recortando, amassando, procurando formas, cores, texturas, espessuras (Expressão e Educação Plástica)
- Fazer composições colando: diferentes materiais rasgados, desfiados, cortados e recortados (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades técnicas de: trinchas, pincéis, esponjas, guache, tintas de água (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)
- Estampar utilizando moldes — positivo e negativo (feitos em cartão) (Expressão e Educação Plástica)
- Utilizar a máquina fotográfica para a recolha de imagens (Expressão e Educação Plástica)



Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão - Recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão – Impressão (Expressão e Educação Plástica)
- Cor
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Fotografia (Expressão e Educação Plástica)

Descrição do projeto/atividade

Realização de três painéis referentes à época natalícia, tendo em conta as técnicas desenvolvidas pelos seguintes artistas plásticos: Mondrian; Miró e Matisse.

Painel coletivo.

Breve apresentação do trabalho/obra dos seguintes artistas plásticos: Mondrian; Miró e Matisse. (ver país de origem, data de nascimento).

Análise de algumas características da pintura e técnicas utilizadas pelos artistas. Sugere-se que esta análise seja realizada através do diálogo com os alunos realçando o tipo de linha e a cor utilizada pelos artistas.

Realização de analogias entre todas as obras do conjunto apresentado em termos de semelhanças/diferenças existentes entre elas (registando as observações).



Identificação das várias modalidades de expressão existentes nas obras. Se existir na biblioteca livros sobre os pintores, colocar à disposição dos alunos.

Opções de trabalho: Podem só escolher um artista para fazer os vários painéis ou cada grupo pode trabalhar um artista, se

for esta opção, sugere-se o seguinte plano de trabalho.

Organização da turma em três grupos de trabalho:

- 1º Grupo - Mondrian, trabalho com base no desenho geométrico e na reutilização de materiais (pacotes de leite pequenos e grandes);
- 2º Grupo - Miró, trabalho com base na técnica do traçado e pintura deste artista.
- 3º Grupo - Matisse, trabalho com base na técnica de colagens/pintura com cores contrastantes.

Etapas para a elaboração de um painel por grupo, alusivo ao tema “Natal” com base nos conhecimentos adquiridos sobre as técnicas dos artistas plásticos ou de um só artista (opcional).

Regras para a Elaboração do painel

Utilização de dois moldes/setencil por grupo, com motivos natalícios.

Cada elemento do grupo, terá um cartão recuperado, onde estará assinalado por trás, qual o número a que corresponde na composição final do painel e tem de respeitar essa ordem.

Pela frente do cartão, onde será realizada a composição visual, estarão registados os traços de continuidade entre os vários cartões individuais, que têm de respeitar.



Neste exemplo, o grupo que estava a trabalhar Miró, optou por utilizar a mesma cor para todo o fundo do painel.



Utilizando os moldes natalícios em conjugação com os elementos característicos do grafismo de Miró.

Cada aluno irá trabalhar individualmente, tendo a preocupação de respeitar os traços de continuidade.



Posteriormente em grupo devem defenir as cores ou colagens de continuidade, que ligam cada um dos trabalhos, tornando-o num trabalho coletivo, mas com um fio condutor entre as várias partes que o constituem.

Promenor do painel Matisse

Promenor do painel Mondrian, onde os alunos acharam que o mais importante era respeitar a geometria utilizada pelo artista em vez das cores/linhas de continuidade.





Os painéis concluídos, deverão ser colados sobre um cartão recuperado, já com uma margem pintada de preto.



Cada grupo apresenta a sua obra à turma (como fizeram, o que tiveram em conta).



Diálogo com a turma sobre as atividades desenvolvidas, o que aprenderam destes artistas, etc.



Duração

A duração do projeto/atividade depende das características do grupo de alunos.

Materiais

Imagens das obras mais características dos vários artistas plásticos (ver nas correntes artísticas)

Giz, quadro negro

Obras dos vários artistas

Tintas aquosas (várias cores)

Jornal para forrar mesas

Embalagens de leite

Materiais para reutilizar (papéis, tecidos, etc.)

Cola de madeira

Cartão de suporte para os painéis, cartões de base do trabalho

Lápis de carvão, de cor e cera

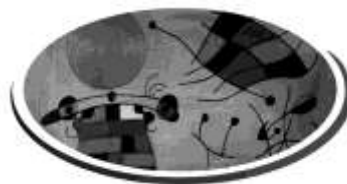
Vários tipos de papéis

Moldes/stencil com motivos natalícios

Água, recipientes

Pistola e cola quente

Esponja, pincéis, pano de limpeza



Desenhar o surreal ...

Objetivos

- Conhecer a corrente artística surrealismo e alguns dos artistas pertencentes a este movimento, como é o caso de Cruzeiro Seixas.
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa. (Estudo do Meio)
- Reconhecer aglomerados populacionais (aldeias, vilas e cidades). (Estudo do Meio)
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras e de diferentes texturas (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços. - Portugal na Europa e no mundo (Estudo do Meio)
- À descoberta das inter-relações entre espaços - Os aglomerados populacionais (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)

Descrição da atividade

A atividade inicia-se por um diálogo sobre o surrealismo, o que acham que quer dizer, etc. (ver corrente artística)

Situar o movimento a nível histórico.



Mostrar algumas obras deste movimento, referindo os artistas portugueses Cruzeiro Seixas e Eurico Gonçalves. Ver quando nasceram, onde moram, situar no mapa. Identificar semelhanças e diferenças entre as obras dos dois pintores.

Após a apresentação da corrente artística e de alguns artistas desta corrente, a turma é dividida em grupos de quatro elementos, e são convidados a realizar um jogo surpresa, “Cadáver esquisito”. Este jogo era utilizado pelos artistas surrealistas para provocar a livre associação de imagens fora do contexto habitual.



Desenho da época

Explicar que se trata de um jogo gráfico sobre papel dobrado. O qual consiste na realização de um desenho coletivo, sem que nenhum dos intervenientes saiba o que os outros fizeram, aproveitando apenas os traços de ligação/continuidade (pistas) deixados sobre as dobras do papel. Ao desdobrar, verifica-se, com surpresa, a relação inesperada entre as figuras desenhadas. Depois de desdobrar o desenho, o grupo vai pintá-lo, tendo em conta de que cada espaço fechado é pintado da mesma cor.



No final da pintura, cada grupo dá um nome ao trabalho e têm de criar uma pequena história sobre o mesmo e apresenta-la à turma.

Fazer registo fotográfico para colocar no diário gráfico.



Dialogo sobre a atividade.

No fim, fazer uma exposição dos trabalhos.

Posteriormente os trabalhos podem ser transformados em puzzles para servirem para uma prenda. (ver atividade: Eu na versão Miró)

Duração

+ - 60 minutos

Materiais

Papel cavalinho, cenário (conforme a dimensão que querem realizar a atividade)

Lápis nº2

Marcadores

Lápis de cera, cor

Pinceis

Tintas aquosas ou guaches

Recipientes

Jornais

Panos de limpeza



Eu na versão Miró

Objetivos

- Conhecer a obra de Miró e as suas principais características.
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Portugal na Europa e no mundo - Reconhecer a fronteira terrestre com a Espanha. (Estudo do Meio)
- Promover a Criatividade
- Aprender o que é uma linha de contorno
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades técnicas de: trinchas, pincéis, guache, tintas de água (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)
- Utilizar a máquina fotográfica para a recolha de imagens (Expressão e Educação Plástica)
- Construir sequências de imagens (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- A Linha
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Fotografia (Expressão e Educação Plástica)

Descrição da atividade



Objetivo da atividade: Construir um puzzle do rosto de cada aluno, para uma prenda de Natal para os pais.

Apresentação ou relembrar a obra do artista plástico Miró.

Análise de algumas características da pintura e da técnica utilizada pelo artista. Sugere-se que esta análise seja realizada através do diálogo com os alunos, realçando o tipo de linha e a cor utilizada pelo artista. Falar da linha e da cor.

Fazer registo fotográfico da atividade que pode servir para o diário gráfico ou para uma possível exposição dos trabalhos.

É distribuído a cada aluno, 3 folhas de papel cavalinho A5, estas deverão ser numeradas de 1 a 3. Os alunos deverão ter lápis de grafite nº2.

A primeira tarefa consiste no seguinte:

- 1º É exposta uma obra de Miró e cada aluno tem 5 minutos para registar na folha nº1 a sua interpretação da obra.
- 2º O exercício repete-se mais duas vezes, ficando o aluno com três interpretações de três obras de Miró.
- 3º Cada aluno escolhe uma das suas interpretações, para fazer o estudo de cor, utilizando lápis de cor, com as cores utilizadas pelo artista.

Para a atividade seguinte, é necessário uma fotocópia numa folha A4, da fotografia de cada aluno, (não é necessário que o rosto ocupe toda a folha).

- 1º Cada aluno irá fixar, com fita-cola ou um clip, uma folha de papel cavalinho A4, em cima da fotocópia do seu rosto.
- 2º Depois irá decalcar as principais linhas do seu rosto, à janela ou numa mesa de luz (se as linhas forem bem visíveis, podem decalcar o rosto, sem sair do lugar).
- 3º Na folha de papel cavalinho com as linhas principais do seu rosto, irão traçar linhas características da pintura de Miró. Nesta fase, para ajudar, podem basear-se no trabalho que escolheram, da interpretação de uma obra do artista.



4º Após terem o desenho concluído, cada aluno irá pintar a guache (ou com tintas aquosas)



o seu rosto. Têm de ter em conta, que se utilizam pincéis finos para os contornos e pincéis com um número um pouco superior para as superfícies maiores. (se existir espaços muito pequenos, pintar a marcador, no fim do trabalho estar seco)

5º Após a pintura do rosto, fazem-se duas fotocópias a cores ou faz-se uma digitalização do trabalho, para ficar em suporte digital e assim se poder imprimir em papel cavalinho.

Plastificar as duas impressões. Uma será utilizada para a base do puzzle, a outra irá ser transformada nas peças do puzzle.

Colocar uma folha de papel vegetal por cima de uma das fotocópia plastificada e com um lápis experimentar as várias possibilidades de corte, para a realização das peças do puzzle.

Traçar com marcador de acetato e cortar com tesoura pela linha marcada.

Colocar o puzzle em cima da outra fotocópia plastificada e embrulhar para oferecer aos pais como prenda de Natal.

Atividade opcional

Criar a caixa/embalagem para o puzzle.

Esta caixa pode ser feita em cartolina ou cartão prensado, com base na planificação (ver ficha 10) ou reaproveitada, e ser só “transformar” em caixa de presente para o puzzle.

Planificar, cortar e colar.

Após a planificação, colar pedaços de jornal rasgados à mão com cola de madeira.



Na tampa da caixa, colar papel de seda branco por cima, com cola de madeira. No final colar um motivo de um guardanapo de que goste ou escrever com letras coladas uma frase para os pais.

Depois de estar seco, colocar a base e o puzzle dentro da caixa e embrulhar.

Duração

+ - 120 minutos

Materiais

Imagens das obras

Lápis nº2, marcadores; lápis de cor,

Bostik, fita-cola, cliques

Papel de máquina; papel cavalinho e jornais

Tintas aquosas; guaches

Pincéis

Recipientes

Tesoura

Cartolina para a planificação

Material para plastificar os trabalhos

Cola de madeira (um pouco diluída com água)

Material de limpeza



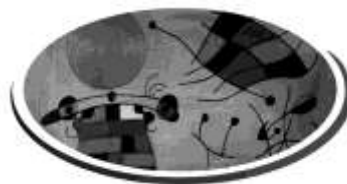
A minha linha de contorno

Objetivos

- Conhecer a obra de Jean Dubuffet
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Portugal na Europa e no mundo -Fazer o levantamento de países onde os alunos tenham familiares emigrados. (Estudo do Meio)
- Promover a Criatividade
- Aprender o que é uma linha de contorno
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente, em grupo, sobre papel de cenário de grandes dimensões (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades técnicas de: trinchas, pincéis, rolos, guache, tintas de água (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)
- Utilizar a máquina fotográfica para a recolha de imagens (Expressão e Educação Plástica)
- Construir sequências de imagens (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- A linha
- A cor
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)



- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Fotografia (Expressão e Educação Plástica)

Descrição da atividade

Breve apresentação do trabalho/obra do artista plástico Jean Dubuffet. Ver data de nascimento, onde nasceu, localizar no mapa onde fica França, etc. (ver pag.). Se fica muito longe de Portugal, se conhecem alguém que esteja emigrado em França.

Análise de algumas características da pintura e técnica utilizada pelo artista.

A turma seleciona dois alunos para fazerem a reportagem da atividade, pois terão de fazer sequências de fotos para uma possível exposição ou para integrar no diário gráfico.

Dar a noção de linha de contorno, forma e ocupação de espaço enquanto desenham.

Explicação da parte prática da atividade: “Eu e a minha linha de contorno”

1º Cortar papel cenário um pouco maior que a altura dos alunos.

2º Dividir a turma em grupos de quatro alunos (se necessário pode haver grupos de cinco).

3º Dar a cada elemento do grupo, um lápis de cera, com uma cor diferente do resto do grupo.

4º Seguidamente um aluno deita-se numa posição à escolha, em cima do papel cenário,



enquanto um colega o contorna com lápis de cera.



Fazer registo fotográfico. A atividade pode ser acompanhada com música ambiente.

5º Todos os elementos do grupo deverão ser representados no painel, de forma a elaborar uma composição visual.



6º Após a composição visual, explica-se aos alunos que têm de pintar cada espaço de uma cor, utilizando a técnica de pintura de Jean Dubuffet e as cores utilizadas por ele (vermelho, amarelo, azul, branco e preto). Podem utilizar tintas aquosas e lápis de cera.



7º Após a conclusão da pintura do painel, afixa-lo na parede e ao lado colocar o registo fotográfico das várias fases, com explicações dos alunos sobre o trabalho realizado e sobre o artista que os inspirou.

Exemplo do trabalho final realizado por um grupo.

No final da atividade diálogo sobre a atividade e o artista.

Duração

+/- 180 minutos, em grupos de 4 ou 5 alunos



Materiais/recursos

Leitor de Cds

Cds

Papel cenário, jornais;

Lápis de cera;

Pincéis finos e largos;

Tintas aquosas (vermelho, amarelo, azul, branco e preto);

Recipientes para a água

Panos de limpeza



Lápis viajante ...

Objetivos

- Promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detetando e estimulando aptidões nesses domínios;
- Conhecer o artista Joaquim Rodrigo e a sua técnica;
- Conhecer as cores quentes
- Movimentar-se livremente a partir de sons vocais e instrumentais, melodias e canções gravações (Expressão e Educação Musical);
- Improvisar um diálogo ou uma pequena história a partir de uma ilustração (Expressão e Educação Dramática);
- Improvisar palavras, sons, atitudes, gestos e movimentos ligados a uma ação precisa (Expressão e Educação Dramática);
- Imaginar uma história, dramatizar cenas do quotidiano, textos próprios (Língua Portuguesa);
- Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura - Escrever, individualmente e em grupo, a partir de motivações lúdicas (completar histórias, criar histórias a partir de gravuras desordenadas), (Língua Portuguesa);
- Ilustrar de forma pessoal, (Expressão e Educação Plástica);
- Explorar a possibilidade da técnica de pintura a guache com pincéis, (Expressão e Educação Plástica);
- À descoberta do ambiente natural: Identificar os maiores rios (Tejo, Douro, Guadiana, Mondego, Sado). Localizar no mapa de Portugal (Estudo do Meio)*.
- Promover a Criatividade.



Conteúdos

A Cor

Jogos de exploração - Corpo (Expressão e Educação Musical);

Jogos dramáticos - Linguagem verbal (Expressão e Educação Dramática);

Comunicação oral (Língua Portuguesa);

Comunicação escrita (Língua Portuguesa);

Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica);

Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)

Aspetos físicos de Portugal (Estudo do Meio)*

Descrição da atividade

Apresentação da obra de Joaquim Rodrigo. Análise de algumas características da pintura e técnica utilizada pelo artista. Sugere-se que esta análise seja realizada através do diálogo com os alunos realçando as cores utilizadas (noção de cor quente); a noção de rebatimento (tipo mapa) – ver mapas e comparar com a pintura do artista.

Técnica de Joaquim Rodrigo

1º passo - Pinta-se o suporte do nosso trabalho de branco, se este não for branco, e deixa-se secar.

2º passo - Se o suporte for branco, por exemplo: uma folha de papel cavalinho (A3); iremos pinta-lo de amarelo com um pouco de vermelho, dando um amarelo-torrado quase ocre. No fim de pintar todo o suporte sempre na mesma direção, deixa-se secar.

Enquanto seca o suporte, jogamos o jogo: “ em um minuto”. Todos os participantes estão de pé em roda e têm três folhas de máquina de tamanho A5 e um lápis. Ao som da música vão dançando e recordando um passeio que realizaram, quando o(a) professor (a) bater palmas, todos os elementos têm um minuto para desenhar um elemento que recordaram desse passeio, exemplo: um sol, um carro, o mar, monte, um caminho, um castelo, etc.



Quando a professora bater palmas novamente, colocam o seu desenho no centro da roda, e voltam a dançar e a recordar o mesmo passeio. Passado alguns minutos a professora irá bater palmas novamente e voltam a desenhar na segunda folha A5 outro elemento que recordaram do passeio, e esta fase do jogo fica concluída quando se esgotar as folhas A5. Depois o(a) professor(a) baralha os desenhos que estão no centro e explica que a partir de agora vão dançando livremente e quando ele(a) bater palmas, todos os elementos têm de recolher um dos desenhos do centro. Esta fase do jogo fica concluída quando todos tiverem três desenhos.

Cada aluno observa os desenhos que recolherem, e se não perceberem qual é o motivo, mostram ao grupo, para quem realizou esse desenho diga o que está representado. Com esses três desenhos, cada aluno vai escrever numa folha uma pequena história, onde esses desenhos estejam retratados. Após a conclusão da realização da história o suporte pintado, já está seco e irão representar a sua história (contar a história através do desenho), utilizando a técnica de Joaquim Rodrigo.

Retomamos a técnica de Joaquim Rodrigo:

3º passo - Desenhar com giz, sobre o suporte já seco, a história que acabaram de escrever, tendo como regras: a representação dos três elementos e de espaços fechados.

Seguidamente vamos passar à pintura a guache utilizando as cores do artista. A qual, têm de ser realizada segundo as regras que Joaquim Rodrigo utilizava.

1ª regra: Não se pode pintar dois espaços da mesma cor, seguidos.

2ª regra: Não se pode pintar por cima do giz, ou seja têm de o contornar



3ª regra: Sem pintar por cima do giz, pinta-se os espaços maiores do desenho a preto.

4ª regra: Seguidamente pinta-se os espaços de tamanho intermédios de vermelho terra (vermelho mais um pouco de preto).

Por vezes, existe enganos ao aplicar a técnica, quando o desenho é mais complexo.



5ª regra: Por fim os espaços menores são pintados de branco. Se no fim de utilizar o branco, existir algum espaço ainda de menor tamanho, estes serão pintados de cor cinzento claro.

6º Passo - No fim do trabalho estar seco, é limpo com o auxílio de uma escova macia ou de miolo de pão para retirar o giz. Assim todas as formas ficarão limitadas por amarelo.

Após toda a turma terminar a pintura, cada aluno vai “interpretar” a história do seu desenho à turma.

Para finalizar esta atividade dedicada a Joaquim Rodrigo, os alunos vão escolher duas palavras para o trabalho que concluíram, fixando-as ao lado do seu trabalho, assim como a história criada.



Nota 1: Posteriormente podem aplicar a técnica de Joaquim Rodrigo num trabalho colectivo: pintura do mapa de Portugal, com os principais rios. *

Nota 2: Seria muito interessante, realizar uma exposição com os trabalhos dos alunos.



Duração

3 x 60 minutos

Materiais

Imagens de algumas obras (ver correntes artísticas)

Imagens das obras

Papel de máquina; papel cavalinho

Leitor de Cds

Jornais; panos de limpeza; Marcadores;

Pincéis finos e largos;

Tintas aquosas; recipientes para a água;



Porta lápis

Objetivos

- Conhecer a obra e a técnica de pintura de Jackson Pollock.
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Portugal na Europa e no mundo -Fazer o levantamento de países onde os alunos tenham familiares emigrados. (Estudo do Meio)
- Promover a Criatividade
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Explorar as possibilidades técnicas de: trinchas, pincéis, guache, tintas de água (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)
- Ligar/colar elementos para uma construção (Expressão e Educação Plástica)
- Inventar novos objetos utilizando materiais ou objetos recuperados (Expressão e Educação Plástica)
- Utilizar a máquina fotográfica para a recolha de imagens (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Construções (Expressão e Educação Plástica)
- Fotografia (Expressão e Educação Plástica)



Descrição da atividade

Apresentar a obra do artista plástico Jackson Pollock. (ver expressionismo abstrato).

Ver data de nascimento, onde nasceu, localizar no mapa onde fica. Ver se fica muito longe de Portugal. etc.

Analisar algumas características da pintura, técnica e as cores utilizadas pelo artista. Mostrar outras obras abstratas e ver quais são as diferenças entre as obras de Jackson Pollock e outras obras abstratas de outros artistas.

Exemplificar a técnica em papel cenário como base, colocando as folhas de papel A3 espalhadas sobre o papel cenário, identificadas do lado de trás.

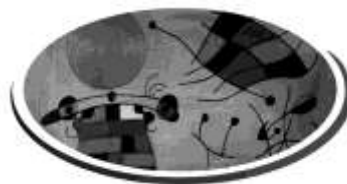
- 1º Preparar as tintas, algumas mais diluídas e outras com a consistência normal.
- 2º Colocar um pincel por cada cor.
- 3º Colocar música no decorrer da atividade, primeiro musica calma e posteriormente música ritmada.
- 4º Os alunos devem ter aventais ou sacos de plásticos vestidos para proteger a roupa de eventuais pingos de tinta.
- 5º Os alunos irão “sacudir” o pincel com tinta por cima da folha A3. Repetem o exercício para todas as cores que queiram utilizar na sua composição.

E realizam uma composição visual ao som de uma música calma e outra ao som de uma música ritmada. Após concluída a pintura, deixar secar. Comparar se existiu mudanças de ritmo ou de cor conforme o tipo de música que estavam a ouvir.

Seguidamente ou noutra sessão irão construir um porta lápis, reaproveitando rolos de papel higiénico, para depois aplicarem a técnica de pintura que aprenderam.

Para construir o porta lápis com rolos de papel higiénico:

- 1º Colocar um rolo de papel higiénico na posição vertical, em cima de um cartão (por exemplo de cartão dos cereais), depois contorna-lo.



2º Recortar a forma obtida, com uma tesoura, ficando assim com um fundo para o porta lápis.

3º Para colar o fundo ao rolo de papel higiênico, utilizamos cola de madeira, pincel para espalhar a cola e pedaços de jornal rasgado. (para facilitar a colagem, pode-se unir algumas partes com fita-cola isolante, antes de colar com o jornal)

4º Para ficarmos com o porta lápis uniforme, vamos forra-lo todo com jornal.

5º Após conclusão do porta lápis, pinta-lo utilizando a técnica Jackson Pollock.



Este trabalho pode ficar na sala para a colocação dos lápis ou pode ser uma possível prenda para o dia do pai ou da mãe.

Duração

A duração da atividade depende das características da turma.

Materiais

Imagens de obras do Expressionismo Abstrato

Papel cenário

Pincéis de várias espessuras

Plástico, recipientes

Tintas de água

Rolos de papel higiênico, de cozinha, cartão recuperado

Tesoura, fita-cola isolante, cola de madeira



A minha bandeira ...

Objetivos

- Conhecer a corrente artística: Pop Arte
- Promover a Criatividade
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Reconhecer símbolos nacionais - Bandeira nacional (Estudo do Meio)
- Identificar as cores quentes
- Identificar as cores frias
- Identificar as cores contrastantes
- Promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detetando e estimulando aptidões nesses domínios
- Explorar as possibilidades técnicas de pincéis com guache, tintas de água, lápis de cor (Expressão e Educação Plástica)
- Desenho de expressão livre -Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de cera, feltros, tintas, pincéis; utilizando suportes de diferentes tamanhos
- Utilizar a máquina fotográfica para a recolha de imagens (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- À descoberta dos outros e das instituições (Estudo do Meio)
- A Cor (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Fotografia (Expressão e Educação Plástica)



Descrição da atividade

Apresentação do movimento artístico Pop Arte

Observar várias obras e escolherem palavras que definem esta corrente artística.

Visionamento de várias obras pertencentes a este movimento

Análise de algumas características da pintura e técnica utilizada

Registo no quadro, das características identificadas e palavras que vão surgindo sobre as obras

Diálogo sobre as cores quentes e a sua simbologia (relacionar com o sol, fogo...)

Diálogo sobre as cores frias e a sua simbologia (relacionar com o mar, a relva...)

Diálogo sobre as cores contrastantes (mostrar Power point- A Cor, onde consta círculo cromático)

Painel coletivo

Após o diálogo a turma é dividida em grupos de quatro alunos.

Seguidamente é distribuído por cada elemento do grupo uma fotocópia em papel cavalinho da bandeira de Portugal. Perguntar o porquê destas 4 fotocópias? Fazer com que o grupo faça a analogia com a Pop Arte - obra de Andy Warhol, Marilyn Monroe. (ver ficha nº 11 e imagens Pop Art para a atividade a minha bandeira)

O grupo tira à sorte quem vai pintar: 1 fotocópia com cores reais; 1 fotocópia com cores quentes; 1 fotocópia com cores frias; 1 fotocópia com cores contrastantes

Após a pintura das 4 fotocópias, colar sobre um cartão pintado de preto.

Cada grupo apresenta a sua obra aos restantes elementos da turma.

Nota: atividade paralela ou complementar:

1º Tirar fotocópia de 3 ou 4 tamanhos, em papel cavalinho (ver ficha nº 11)

2º Pintar a bandeira de Portugal a guache, lápis de cor e marcadores (espaços grandes guache, espaços médios lápis de cor e espaços pequenos marcadores)

3º Colar as várias bandeiras sobre cartão reaproveitado



4º Depois sobrepor e colar as várias bandeiras da maior à mais pequena como fez Jasper Johns em Theree Flags



Three Flags

Duração

A duração da atividade depende das características da turma.

Materiais

Imagens das obras mais características da corrente artística Pop Art (ver Pop Art)

Imagens Pop Art para a atividade a minha bandeira (materiais de apoio)

Quadro e giz

Fotocópias da bandeira de Portugal (ficha nº11 - materiais de apoio)

Lápis de cor, lápis de cera, marcadores

Pinceis

Tintas aquosas/guache

Recipientes

Pano de limpeza

Cola de madeira

Cartão pintado de preto



Plantas voadoras...

Objetivos

- Conhecer as obras de Alexander Calder e Almada Negreiros
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Portugal na Europa e no mundo - Reconhecer a fronteira terrestre com a Espanha. (Estudo do Meio)
- Promover a Criatividade
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Construir caixas em papel, cartolina ou cartão. (Matemática)
- Desenhar livremente utilizando a régua. (Matemática)
- Construir um cubo a partir de uma dada planificação. (Matemática)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras (Expr. e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades técnicas de: trinchas, pincéis, guache, tintas de água (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)
- Utilizar a máquina fotográfica para a recolha de imagens (Exp. e Educação Plástica)
- Construir sequências de imagens (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Forma e espaço (iniciação à geometria) (Matemática)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Fotografia (Expressão e Educação Plástica)



Descrição da atividade

Os alunos são convidados a desenhar numa folha de papel cavalinho A3 (ou outro papel de cor neutra), sem poderem tirar o bico do lápis de cima do papel (desenhar uma linha contínua). Esta atividade é realizada ao som de música com ritmo acelerado. A atividade tem a duração de 5 minutos no máximo. Fazer registo fotográfico da atividade.

Depois os alunos irão pintar com lápis de cera ou com tintas aquosas a preto e branco alternadamente as formas geradas pela linha contínua e entrecruzada.

Nota: Falar de movimento, se os trabalhos realizados deram essa sensação.

Breve apresentação de alguns trabalhos/obras dos artistas plásticos: Almada Negreiros e Alexander Calder. Ver data de nascimento, onde nasceram, as nacionalidades dos dois artistas, localizar no mapa onde fica. etc. (ver Op Art)

A pesquisa poderá ser bibliográfica, consulta de livros na biblioteca da escola ou na internet a nível de seleção de imagens.

Análise de algumas características do trabalho realizado pelos dois artistas, diferenças e semelhanças. Falar de pintura, de escultura, estrutura e de móveis. Mostrar várias imagens de estruturas e de móveis. (ver Imagens de estruturas e móveis).

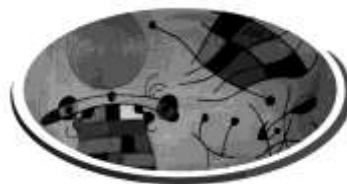
Nesta fase, a turma deverá escolher um tema ou o(a) professor(a) propor um. Organização de grupos. Cada grupo vai realizar/construir um móbil. Organização de uma pequena pesquisa por grupo.

Análise e seleção dos elementos mais importantes para o trabalho a realizar. Elaboração de registos gráficos dos elementos selecionados.

Estudo das estruturas de cada elemento e da integração dos elementos selecionados. Estudo da cor dos elementos selecionados.

Exemplos de possíveis trabalhos:

- Construção de um móbil com vários peixes construídos com várias técnicas. Por exemplo em papel maché (ficha nº12) e em origami. (ficha nº 13)



- Cada grupo construir um móbil com uma só técnica.
- Construção de móbil partindo da matemática, planificação/realização de cubos, inspirado na obra de Almada Negreiros, “O Ponto de Bauhütte”. Onde desenhavam e pintavam em cada face do cubo a interpretação da obra, mas a colagem de cada face só é colada depois na planificação do cubo. (ficha nº 14)

Qualquer que seja o tema a desenvolver, primeiro constroem-se os vários elementos a constar no mobile. Seguidamente ligam-se os vários elementos, com lã, cordel, sisal ou arame. E finalmente são colocados na estrutura que construíram para fixar os vários elementos pendentes no móbil de cada grupo.

Cada grupo apresenta o seu móbil à turma, focando qual o artista em que inspiraram-se, materiais, técnicas, dificuldades, o que aprenderam de novo, etc.

Realização de uma exposição com os vários trabalhos e com o registo fotográfico de cada fase de trabalho, incluindo a apresentação dos artistas estudados)

Duração

A duração da atividade depende das características da turma.

Materiais

Cartão reutilizado, jornais

Imagens da corrente artística Op Art

Imagens de estruturas e móveis

Fichas de trabalho nº12, nº13 e nº14

Alicate, arame, canas, pau de vassoura, ripas de madeira, etc

Lã, cordel, sisal

Cola de madeira

Recipientes, tintas aquosas, pincéis



Simetrias andantes

Objetivos

- Conhecer a obra de José Escada
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Identificar as cidades do seu distrito -localizar no mapa. (Estudo do Meio)
- Localizar no mapa a capital do País. (Estudo do Meio)
- Localizar as capitais de distrito. (Estudo do Meio)
- Promover a Criatividade
- Aprender o que é uma linha de contorno
- Conhecer e explorar as possibilidades da simetria
- Explorar as cores contrastantes
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras (Expressão e Educação Plástica)
- Utilizar a máquina fotográfica para a recolha de imagens (Expressão e Educação Plástica)
- Fazer composições com fim comunicativo (usando a imagem, a palavra, a imagem e a palavra): recortando e colando elementos (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- Os aglomerados populacionais (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- A cor
- A linha



- Exploração de técnicas diversas de expressão - Fotografia (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão - Cartazes (Expressão e Educação Plástica)

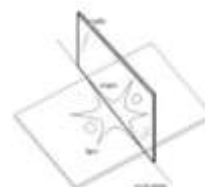
Descrição da atividade

Breve apresentação de alguns trabalhos/obras do artista plástico José Escada.

Ver data de nascimento, onde nasceu, localizar no mapa onde fica, se é muito longe da escola, etc.

Análise de algumas características do trabalho realizado pelo artista. (ver José Escada)
Explicar que o objetivo da atividade é realizar um ou mais painéis coletivos, será uma reinterpretação da turma da obra do artista José Escada. Podem escolher só uma obra para a inspiração, ou várias.

Diálogo sobre simetria, podem fazer alguma atividade relacionada matemática, utilizando a simetria e o eixo de simetria. (podem fazer experiências com um espelho)



com

Dividir a turma em grupos de seis alunos ou oito alunos ou se preferir dividir a turma em dois grandes grupos. (fica ao critério do(a) professor(a) se quer grupos grandes ou pequenos)

Os alunos, através do jogo quanto quiseres, com um tema por exemplo: plantas, vegetais, etc.; escolhem o motivo que vão trabalhar.

Seguidamente é distribuído a cada aluno uma folha A4 de papel cavalinho, para fazerem dois esboços do motivo que lhes saiu no jogo quanto quiseres. Explicar que as linhas do desenho têm de ser simplificadas. Para realizar este esboço simétrico, dobrar a folha ao meio, no sentido longitudinal e desenhar de um dos lados do papel dobrado e depois desenhar do outro lado como fosse um espelho.



Escolhem uma das formas para o painel final, e contornam com lápis nº 2 ou nº1 a linha de contorno do lado de trás do trabalho, para decalcarem o desenho na próxima fase do trabalho. (nota: as formas são simplificadas e fechadas)

Depois de estarem familiarizados com a forma que representaram, vão escolher dois tipos de papel diferentes reutilizados em tamanho A4, e de cores contrastantes (falar ou relembrar as cores contrastantes, power point A cor)

Posteriormente vão dobrar a folha ao meio e vão sobrepor o esboço anteriormente realizado e decalcar a forma fechada na folha colorida, mas só de um dos lados.

No fim de concluírem o decalque, com a folha dobrada, vão recortar essa forma com a ajuda de uma tesoura. (nota: explicar que têm de ter cuidado a recortar a forma, pois vamos precisar do negativo e do positivo)



Depois de terem a forma recortada, ainda com a forma dobrada, recortar cerca de 0,5 cm da forma, essas pequenas tiras de papel também vão ser necessárias para o painel.



Após terem escolhido a cartolina que vão utilizar, vão colar as formas, à semelhança dos trabalhos de José Escada, colam só as pontas e deixam as formas um pouco dobradas, como mostra a imagem, para criar volume.

Após terem os vários trabalhos, os grupos vão experimentar agrupar os trabalhos, para escolherem qual a melhor disposição para o seu painel.



Posteriormente colar os motivos numa cartolina reutilizada, ou se o formato ficar grande, pintar de preto, com uma trincha e sempre num cartão reutilizado que servia de suporte para os vários trabalhos.

As várias figuras obtidas, podem integrar um cartaz sobre um tema apropriado de Estudo do Meio.



Diálogo com a turma sobre o trabalho realizado.
Apresentação dos trabalhos por cada grupo.

Neste painel, os alunos incluíram também formas em *origami*.

Realização de uma exposição com os vários trabalhos e com o registo fotográfico de cada fase de trabalho, incluindo a apresentação do artista estudado)

Exemplo de um painel

Duração

+/- 120 minutos

Materiais

Papel cavalinho, várias cartolinas reutilizadas de várias cores e cartão reutilizado para suporte

Lápis nº2

Tesoura

Cola stick e cola de madeira

Recipiente, tintas aquosas e pincéis

Jornais para proteger mesas e panos de limpeza



Era uma vez ...

Objetivos

- Conhecer a obra de Paula Rego
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Promover a Criatividade
- Imaginar uma história (a partir da ilustração da capa de um livro, a partir do título de uma história, a partir da descrição das personagens) e compará-la com o texto original. (Língua Portuguesa)
- Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral (Língua Portuguesa)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras e de diferentes texturas (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades de diferentes materiais: lãs, tecidos, jornal, papel colorido, ilustrações, rasgando, recortando, procurando formas, cores, texturas (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Dramatizar cenas do quotidiano, textos próprios ou textos de outros. (Língua Portuguesa)
- Descobrir aspetos fundamentais da estrutura e do funcionamento da Língua a partir de situações de uso. (Língua Portuguesa)
- Distinguir diferentes tipos de texto (prosa, poesia, banda desenhada, texto oral). (Língua Portuguesa)
- Improvisar um diálogo ou uma pequena história a partir de uma ilustração. (Expressão e Educação Dramática)
- Improvisar palavras, sons, atitudes, gestos e movimentos, constituindo sequências de ações — situações recriadas ou imaginadas, a partir de: objetos, um local. (Expressão e Educação Dramática)



Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Funcionamento da língua - análise e reflexão (Língua Portuguesa)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão - recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Jogos dramáticos – Linguagem verbal (Expressão e Educação Dramática)
- Jogos dramáticos – Linguagem verbal e gestual (Expressão e Educação Dramática)
- Exploração de técnicas diversas de expressão: recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)

Descrição da atividade

Apresentação da artista plástica Paula Rego. Ver data de nascimento, onde nasceu, qual a nacionalidade, onde reside atualmente, localizar no mapa onde fica os vários locais, ver possíveis meios de transporte que a artista utiliza por exemplo para visitar Portugal. Falar do museu Casa das histórias, pode ser a introdução para uma visita a este museu, etc.

Breve apresentação de algumas obras da artista plástica Paula Rego. Seguidamente observar a obra As Vivian Girls como Moinhos de Vento e as Dançarinas e fazer uma pequena análise sobre algumas características que encontram nestas duas obras. Escrever



no quadro, por baixo das obras, as palavras-chaves a que chegaram, pode ser uma análise por diferenças e semelhanças.

Explicar à turma, que vão realizar uma banda desenhada, tendo como base uma destas obras da artista. Mostrar à turma vários exemplos de bandas desenhadas e como se

elabora uma banda desenhada (de uma forma simplificada). (ficha nº15)



Escolher uma personagem de uma das obras para incluir na história que vão criar. Os alunos vão escrever uma pequena história em que o aluno contracenar como a personagem escolhida das obras. Seguidamente vão representá-la em banda desenhada, repartida por seis episódios (vinhetas).

Construção de uma vinheta (construção de um retângulo com régua e esquadro, utilizando paralelas e perpendiculares) ou dar folha com as vinhetas construídas. (ver ficha nº15)

Esboçar nas vinhetas o princípio da história, o desenvolvimento e o final da história.

Na BD, os alunos podem utilizar lápis de cor, colagens e decalcarem texturas. Após finalizarem a BD, podem contornar com uma lapiseira de bico fino, as personagens e os balões de fala. Colar a BD num cartão de suporte pintado de preto.

Após concluírem as bandas desenhadas podem fazer as seguintes atividades facultativas:

Os alunos leem ou dramatizam a sua história para o resto da turma.

Realizar uma exposição com os trabalhos da turma.

Duração

A duração da atividade depende das características da turma.

Materiais

Obras da pintora, ficha nº15 - BD

Folhas de máquina, papel cenário, papel cavalinho, revistas, jornais

Lápis nº2, Lápis de cor,

Cola de madeira, cola stik,

Pincéis, recipientes,

Panos de limpeza.



Esculpindo com papel

Objetivos

- Conhecer as características da obra de José de Guimarães.
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Promover a Criatividade.
- Utilizar instrumentos da vida corrente relacionados com o tempo: relógios, calendários, horários. (Matemática)
- Observar e representar os aspetos da Lua nas diversas fases. (Estudo do Meio)
- Observar num modelo o sistema solar. (Estudo do Meio)
- Conhecer os factos históricos que se relacionam com os feriados nacionais e seu significado. (Estudo do Meio)
- Explorar e tirar partido da resistência e plasticidade: pasta de papel (Expressão e Educação Plástica)
- Modelar usando apenas as mãos (Expressão e Educação Plástica)
- Modelar usando utensílios (Expressão e Educação Plástica)
- Inventar novos objetos utilizando materiais ou objetos recuperados. (Expressão e Educação Plástica)
- Ligar/colar elementos para uma construção (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- Grandezas e medida (Matemática)
- À descoberta do ambiente natural - Os astros (Estudo do Meio)
- À descoberta dos outros e das instituições – O passado nacional. (Estudo do Meio)
- Descoberta e organização progressiva de volumes - Modelagem e escultura (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de volumes - Construções (Expressão e Educação Plástica)



- Exploração de técnicas diversas de expressão: recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)

Descrição do Projeto/Atividade

Breve apresentação de alguns trabalhos/obras do artista plástico José de Guimarães. Ver data de nascimento, onde nasceu, localizar no mapa onde fica. etc. Visualização e análise de algumas obras do artista. Fazer uma lista de características do trabalho realizado por José de Guimarães. Falar de pintura, de escultura e estrutura.

Com base nos conteúdos de Estudo do Meio ou Matemática (Grandezas e medida) escolher um grande tema a desenvolver pela turma, o qual seja fácil de adaptar à escultura de cartão e pasta de papel utilizada pelo artista. Fazer registo fotográfico durante todo o projeto/atividade.

Seguidamente a turma é dividida por grupos de quatro elementos, os quais foram agrupados ao retirarem de um saco o nome de uma escultura de José Guimarães.

O grupo vai procurar qual a cópia da obra na sala correspondente ao nome da obra e quais as respetivas características.

Após a descoberta da obra, cada elemento do grupo tem de fazer um esboço de uma possível escultura com o tema escolhido e com algumas características da obra que lhes saiu no sorteio dos grupos. É conveniente identificar as folhas.

Após o esboço, fazer estudo da cor a lápis de cor, utilizando as cores utilizadas pelo artista. Seguidamente o grupo escolhe uma das interpretações para fazer o projeto para a escultura. No projeto deve constar: desenho; materiais; estrutura da escultura e dimensões da escultura. (se for necessário ir pesquisar, ir à biblioteca ou à internet)

A seguir o grupo vai realizar uma maquete e verificar se a sua estrutura é adequada para a escultura que querem realizar. Se necessário relembrar a noção de estrutura e mostrar imagens de estruturas. Se os alunos ainda não conhecem como se faz pasta de papel/papel reciclado. Ver ficha nº5. A pasta de papel fica mais espessa que o papel reciclado.



Após fazerem a maquete, cada grupo vai apresentar aos restantes elementos da turma, como construíram, como solucionaram os vários problemas na execução da maquete e como vão construir a sua escultura. Durante as várias apresentações existe troca de ideias que pode ajudar na construção da escultura.

Seguidamente cada grupo passa à fase de construção da escultura.

No final de todas as esculturas estarem prontas, podem fazer uma sessão fotográfica que pode servir de inspiração para a construção de um calendário para a turma ou para oferecerem aos pais.

Duração

Depende das características dos alunos

Materiais

Cartão, jornais

Cola de madeira

Pasta de papel

Varinha mágica

Recipientes

Arame, alicate

Pinceis, trinchas, tintas aquosas



Em busca da cor ...

Objetivos

- Conhecer a obra de Richard Long e a corrente artística Land art.
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Promover a Criatividade
- Explorar a simbologia da cor
- Explorar diferentes formas de representar a figura humana
- Explorar as cores primárias e secundárias
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- A Cor
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)

Descrição do projeto/atividade

Esta atividade é composta por três propostas para trabalhar as cores primárias. Podem ser realizadas sequencialmente ou podem ser trabalhadas separadamente.

Introdução às cores primárias: Magenta, azul cian e amarelo primário. Ver PowerPoint até ao final das cores secundárias.

A primeira proposta de trabalho é a realização de “Borrões de Rorschach” com as cores primárias (misturadas 2 a 2) para a obtenção das cores secundárias. Através do borrão descubrirem por eles as cores secundárias.



Os alunos irão:

1º Dobrar três folhas de formato A5 ao meio.

2º Em cada uma das folhas colocar duas pequenas porções de tinta, duas cores primárias.

3º Voltar a dobrar cada uma das folhas e pressionar a tinta para que se misture.

4º Abrir as folhas e verificar quais as cores obtidas.

Amarelo+Magenta = Laranja (cor secundária)

Amarelo+ Azul Cian = Verde (cor secundária)

Azul Cian + Magenta = Roxo ou Violeta (cor secundária)

Realização de algumas experiências com as cores primárias.

(ver PowerPoint: A cor, verificar com o PowerPoint as cores que encontraram)

Dar a conhecer algumas obras inseridas na corrente artística Land art. Falar sobre o que acham sobre esta corrente artística. Apresentar o artista: Richard Long, e conhecer algumas das suas obras.

A turma é convidada a criar uma composição visual através do carimbo de mãos, inspirada numa obra de Richard Long, podem fazer sobreposições de cores.

Os alunos para não se sujarem calçam luvas numa das mãos (facultativo), depois formam grupos de três e cada elemento fica com uma das cores primárias.

1º É dado a cada grupo papel cenário, para realizarem a sua reinterpretação da obra de Richard Long, mas utilizando as cores primárias. É importante existir trabalho de equipa e de cooperação.

2º Cada grupo define qual a “cor” que começa a estampar/imprimir no papel cenário.

3º Cada aluno coloca um pouco de tinta na mão que tem a luva e espalha com um pincel, ou um colega do grupo ajuda a espalhar a tinta para depois imprimir no papel cenário.

4º O grupo vai elaborando a sua interpretação, utilizando as cores primárias e secundárias.



Exemplo de um trabalho



Ainda inspirado na obra de Richard Lang, recolher pedras e pintar cada pedra com uma cor primária. (a fase de pintura das pedras decorre em paralelo com a atividade anterior)
Após as pedras estarem secas, escolher um local no recreio e realizar círculos com as pedras à semelhança das obras do artista.

Atividade para consolidar as cores primárias

Numa outra sessão a turma é convidada a criar uma composição visual através do contorno das mãos, para posteriormente aplicar os conhecimentos sobre as cores primárias, mas utilizando outra técnica de pintura: lápis de cor.

Procedimento

1º Colocar uma mão sobre uma folha de papel cavalinho A4 e, com o lápis de grafite nº2, contorna-la. Dar a noção de linha de contorno.



2º Rodar a folha de maneira a que a mão já contornada fique do lado direito da folha. Contornar a outra mão. Rodar novamente a folha para que fique na posição vertical. Contornar a mão pela terceira vez.



3º Agora que a composição visual está desenhada, os alunos começam a pintura a lápis de cor. Pintar as mãos com as cores primárias. A primeira com



Amarelo, a segunda com Azul Ciano e a terceira com Magenta. Cuidado, não pintar os espaços onde as mãos se sobrepõem.

4º. Onde as mãos pintadas com as cores primárias se cruzam vamos obter espaços que vão pintar com as cores secundárias: a mão Amarela com a mão Azul Ciano pintar os espaços de Verde; a mão Azul Ciano com a mão Magenta pintar os espaços de Violeta; a mão Magenta com a mão Amarela pintar os espaços de Laranja.



5º Onde as três mãos encontram-se pintar os espaços de Preto. Os alunos podem deixar o trabalho com o fundo branco ou pintá-lo de Preto com guache.





No final da pintura, diálogo com a turma sobre a atividade, a linha de contorno, as cores primárias e secundárias.



Elaborar uma exposição com os trabalhos realizados nas várias atividades.

Duração

Nesta atividade estão inseridas três propostas para trabalhar a cor, e podem ser trabalhadas em sessões separadas. A duração de cada uma depende das características da turma.

Materiais

Imagens com as obras do artista, power point: A cor

Papel cavalinho, papel cenário, jornais

Luvas, recipientes

Guaches (cores primárias)

Pinceis e trinchas

Lápis de cor

Pedras



Parangolés de Hélio Oiticica

Objetivos

- Conhecer a obra de Hélio Oiticica
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Portugal na Europa e no mundo -Fazer o levantamento de países onde os alunos tenham familiares emigrados. (Estudo do Meio)
- Promover a Criatividade
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, lápis de cera, feltros, utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente, em grupo, sobre papel de cenário de grandes dimensões (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades técnicas de: trinchas, pincéis, rolos, guache, tintas de água (Expressão e Educação Plástica)
- Pintar livremente em suportes neutros (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades de diferentes materiais: lãs, tecidos, objetos recuperados, papel colorido, rasgando, recortando, procurando formas, cores, texturas. (Expressão e Educação Plástica)
- Fazer composições colando: diferentes materiais rasgados, cortados e recortados (Expressão e Educação Plástica)
- Utilizar diferentes materiais: tecidos, tiras de pano, lãs, botões, cordas (Expressão e Educação Plástica)
- Bordar (pontos simples) (Expressão e Educação Plástica)
- Colaborar em adereços de elementos cosidos, elaborados a partir de desenhos imaginados pelas crianças (Expressão e Educação Plástica)
- Cantar canções (Expressão e Educação Musical)
- Reproduzir pequenas melodias (Expressão e Educação Musical)



- Experimentar sons vocais (Expressão e Educação Musical)
- Participar em coreografias elementares inventando e reproduzindo gestos movimentos, passos (Expressão e Educação Musical)
- Acompanhar canções com gestos e percussão corporal (Expressão e Educação Musical)
- Movimentar-se livremente a partir de sons vocais, instrumentais melodias e canções (Expressão e Educação Musical)
- Organizar sequências sonoras para sequências de movimentos (Expressão e Educação Musical)
- Participar em danças de roda, de fila, tradicionais, infantis (Expressão e Educação Musical)
- Experimentar maneiras diferentes de produzir sons (Expressão e Educação Dramática)
- Reproduzir sons do meio ambiente (Expressão e Educação Dramática)
- Aliar a emissão sonora a gestos/movimentos (Expressão e Educação Dramática)
- Improvisar palavras, sons, atitudes, gestos e movimentos, constituindo sequências de ações — situações recriadas ou imaginadas, a partir de um local (Expressão e Educação Dramática)
- Utilizar a máquina fotográfica para a recolha de imagens (Expressão e Educação Plástica)
- Construir sequências de imagens (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)



- Exploração de técnicas diversas de expressão - Recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)
- Jogos de exploração – Voz (Expressão e Educação Musical)
- Jogos de exploração – Corpo (Expressão e Educação Musical)
- Experimentação, desenvolvimento e criação musical - Expressão e criação musical (Expressão e Educação Musical)
- Jogos dramáticos - Linguagem verbal e gestual (Expressão e Educação Dramática)
- Jogos de exploração - Voz (Expressão e Educação Dramática)
- Exploração de técnicas diversas de expressão - Tecelagem e costura (Expressão e Educação Plástica)
- Fotografia (Expressão e Educação Plástica)

Descrição da Atividade/Projeto

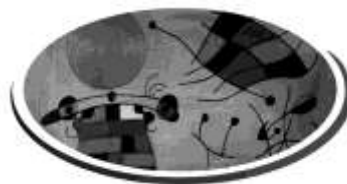
Apresentação da obra do artista plástico Hélio Oiticica. Ver data de nascimento, onde nasceu, localizar no mapa onde fica. etc. (ver Performance)

Mostrar imagens da sua invenção: parangolé (onde o corpo funciona como uma escultura em movimento). Ver no dicionário a palavra Performance.

Os alunos, em grupo, são convidados a fazer uma pequena pesquisa sobre o artista plástico Hélio Oiticica e os seus parangolés.

Após a conclusão da pesquisa, cada grupo apresenta o trabalho realizado à turma.

Em grupo irão fazer um projeto para fazerem o seu próprio parangolé. Este projeto é feito em parte nas aulas, para os alunos aprenderem a fazer as pequenas pesquisas necessárias.



Exemplo de um parangolé

Nesse projeto tem de constar:

- Os materiais (panos velhos, sacas, plásticos, etc.)
- O tema que vão abordar (exemplo: futebol, fauna, flora, números, poesia, etc.)
- Como juntar as partes do parangolé (coser, colar)
- Incluir um pequeno esboço da decoração do parangolé (através de bordado, pintura ou colagens) feito numa aula de Expressão e

Educação Plástica.

- Fazer a lista de material que conseguem recolher para reutilizar na confeção do parangolé e qual o material que necessitam de comprar (fazer orçamento na aula de matemática)
- Recolher o material necessário e fazer dois esboços para a decoração do parangolé e estudo de cor.
- Após terem o material necessário e terem escolhido a decoração, iniciam a costura do parangolé.

Depois passam à fase de decoração, a qual pode ser através da pintura ou de bordados.



No fim, criar uma pequena coreografia de dança de roda, para apresentar o projeto à comunidade educativa, numa atitude de performance. O jogo de Expressão Dramática pode ajudar para a construção da coreografia.

Jogo de Expressão Dramática

Este exercício é feito em várias sessões, pois é necessário existir no mínimo cinco alunos por grupo. Inicia-se pela divisão da turma em grupos com o mínimo de cinco alunos.

Um dos alunos de cada grupo irá para o centro da roda e serão lhe vendados os olhos. Todos os alunos de olhos fechados irão respirar profundamente cinco vezes, antes de iniciar o jogo.

Os alunos que estão na roda, irão circular à volta do elemento que está no centro da roda e têm de emitir sons ora em voz baixa, ora em voz alta (nunca gritar). Esta fase do jogo dura 3 a 4 minutos, o grupo para quando o professor mandar.



Faz-se silêncio durante 1 ou 2 minutos, o elemento que está no centro da roda, permanecerá nesse sítio até indicação do professor para tirar a venda. Depois de abrir os olhos, o professor pergunta aos elementos que estiveram no centro, que sensações tiveram; se foram “parar” a algum local.

Todos os alunos que estiveram no centro são convidados a movimentarem-se conforme as sensações que sentiram com os sons que estiveram a ouvir, no centro de uma roda onde está a turma. Fazer registo fotográfico e se possível gravar a dança da roda grande, pois a coreografia para a performance é baseada nesses movimentos.

Após a dança esses elementos irão expressar através de linhas, mancha, pintura sobre papel cenário essas emoções, com a ajuda de um pincel. Escolhem uma cor para se expressarem.

Após a turma toda ter vivenciado a experiência da roda, começam a treinar a coreografia para a performance. Nessa performance podem incluir sons ou algumas palavras soltas. Os vários registos gráficos em papel cenário podem servir de cenário para a apresentação da performance à comunidade educativa. Fazer registo fotográfico das várias fases do projeto para incluírem no diário gráfico e numa possível exposição.

Duração

A duração do projeto depende das características da turma.

Materiais

Imagens com as obras do artista

Papel cavalinho, papel cenário, jornais

Materiais recuperados para o suporte (Lençóis velhos, panos, sacos de plástico, plástico etc.

Lãs, linhas, sisal, etc..

Tesoura, agulha

Recipientes

Tintas adequadas ao suporte escolhido

Pinceis e trinchas

Colas adequadas ao suporte escolhido



Reciclarte

Objetivos

- Conhecer as características da obra de Vik Moniz.
- Promover a Criatividade
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Identificar e observar alguns fatores que contribuem para a degradação do meio próximo (lixeiros, indústrias poluentes, destruição do património histórico...) (Estudo do Meio)
- Enumerar possíveis soluções (Estudo do Meio)
- Identificar e participar em formas de promoção do ambiente (Estudo do Meio)
- Inventar novos objetos utilizando materiais ou objetos recuperados. (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades de diferentes materiais: elementos naturais, lãs, cortiça, tecidos, objetos recuperados, jornal, papel colorido, ilustrações, rasgando, desfiando, recortando, amassando, dobrando; procurando formas, cores, texturas e espessuras (Expressão e Educação Plástica)
- Utilizar a máquina fotográfica para a recolha de imagens (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- A qualidade do ambiente - A qualidade do ambiente próximo (Estudo do Meio)
- Descoberta e organização progressiva de volumes - Construções (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão: recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)
- Fotografia, transparências e meios audiovisuais (Expressão e Educação Plástica)



Descrição da Atividade/Projeto

Breve apresentação de alguns trabalhos/obras do artista plástico: Vik Moniz. Ver data de nascimento, onde nasceu, a sua nacionalidade, localizar no mapa onde fica. Qual a ligação com Portugal, etc. Ver um dos vídeo no *youtube* (cinema documental realizado pelo artista sobre os catadores de lixo).

Após o visionamento do filme, dialogar sobre as características das obras deste artista. Falar da poluição, da importância de reciclar e constatar que podemos fazer arte através do reaproveitamento de vários materiais. Abordar também a importância da fotografia no trabalho deste artista.

Fazer um projeto para construir um ecoponto na sala, que para além de servir para fazer reciclagem, posteriormente irá ajudar a recolher material para realizar um trabalho inspirado na obra de ViK, utilizando materiais recuperados que posteriormente serão fotografados.

A turma é dividida em grupos e cada grupo tem de apresentar uma proposta para um ecoponto, onde consta os materiais e como funciona. Fazer esboços do projeto a apresentar.

Apresentação aos restantes elementos da turma, e selecionar qual o projeto mais viável de executar.

Após a seleção, a turma faz a lista de material que necessita e a turma é dividida em quatro grupos, cada grupo constrói uma parte do ecoponto, ou seja cada grupo constrói reutilizando um caixote/recipiente e decora:

- o grupo 1: contentor verde;
- o grupo 2: contentor amarelo;
- o grupo 3: contentor azul;
- o grupo 4: faz um contentor mais pequeno para o pilhão.



Neste link, sobre o ambiente, dá alguns conselhos sobre reciclagem e as três palavras mágicas: «Reduzir, Reciclar, Reutilizar». Link sobre o ambiente: <http://ambiente.kazulo.pt/5001/reciclagem.htm>

Este projeto vai sendo efetuado um pouco todas as semanas, pois através do tema reciclagem podem fazer cartazes sobre várias temáticas relacionadas com a reciclagem.



Em paralelo a esta atividade a turma vai realizar uma experiência com base nas obras de VIK. Dessa forma, a turma recolhe folhas de várias formas, para depois fazer desenho de observação em papel cavalinho das mesmas.



A partir do desenho de observação, desenhar as principais linhas (estrutura) da folha em papel cavalinho ou cenário, num tamanho ajustado ao formato da folha que estão a desenhar.



No final de terem o desenho feito em papel cavalinho ou cenário, cada aluno vai cobrir as linhas do desenho com café, feijão, areia açúcar, pedrinhas, etc.

Se for necessário, usa-se um palito para ajudar a fazer as linhas da estrutura.

No fim do desenho estar todo coberto, fotografar o trabalho.



No final, quando construírem o ecoponto realizar um trabalho maior com os materiais recicláveis e fotografar.

Como forma de concretizar esta atividade, realizar uma exposição com as várias fotografias e com todo o trabalho relacionado com os ecopontos. Os alunos podiam fazer um *workshop* para os pais/encarregados de educação utilizando a técnica do VIK. Uma forma dos encarregados de educação interagir de forma diferente na vida dos seus educandos.

Com as fotografias tiradas ao longo do projeto podem elaborar:



- Um calendário para a turma ou para oferecerem aos pais, por exemplo no Natal.
- Bases para os copos, plastificando as fotografias, para oferecerem aos pais

Duração

A duração do projeto depende das características da turma.

Materiais

Papel cavalinho, papel cenário

Lápis, Borracha;

Marcadores;

Café, feijão, areia açúcar, pedrinhas, etc.

Pano de limpeza

Para os Ecopontos

Jornais

Caixotes, recipientes; material recuperado que sirva como reservatório

Cola de madeira, cola adequada ao material a recuperar fita-cola, fita isolante

Pincéis

Tintas aquosas

Panos de limpeza



Pintura mural/graffiti

Objetivos

- Conhecer as características do mundo do grafite e da obra dos Gémeos.
- Promover a Criatividade
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar no planisfério e no globo os países lusófonos. (Estudo do Meio)
- Conhecer personagens e factos da história nacional. (Estudo do Meio)
- Explorar as possibilidades técnicas de: mão, esponjas, trinchas, pincéis, rolos, com pigmentos naturais, guache, aguarela, tintas de água... (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, lápis de grafite, carvão, lápis de cera, feltros, tintas, pincéis, sprays; utilizando suportes de: diferentes tamanhos, diferentes espessuras, diferentes texturas. (Expressão e Educação Plástica)
- Ligar/colar elementos para uma construção (Expressão e Educação Plástica)
- Inventar novos objetos utilizando materiais ou objetos recuperados. (Expressão e Educação Plástica)
- Atar/agrafar/pregar elementos para uma construção. (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades de diferentes materiais: elementos naturais, lãs, cortiça, tecidos, objetos recuperados, jornal, papel colorido, ilustrações, rasgando, desfiando, recortando, amassando, dobrando
- Estampar utilizando moldes — positivo e negativo — feitos em cartão, plástico, ...) (Expressão e Educação Plástica)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- O passado nacional (Estudo do Meio)



- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Pintura - Pintura de expressão livre (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de superfícies - Desenho (Expressão e Educação Plástica)
- Descoberta e organização progressiva de volumes - Construções (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão: recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão: Impressão (Expressão e Educação Plástica)

Descrição da Atividade/Projeto

Breve apresentação de alguns trabalhos/obras dos grafitis/artistas plásticos: Gémeos. Ver data de nascimento, onde nasceram, a nacionalidade dos dois artistas, localizar no mapa onde fica. Qual a ligação com Portugal. etc. (ver Graffiti- correntes artísticas)

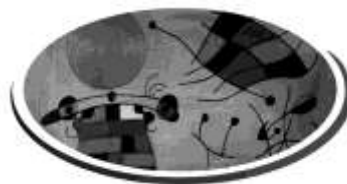
Análise de algumas características do trabalho realizado pelos dois artistas. Falar de pintura e de graffiti, falar das semelhanças e diferenças entre elas, (ver Graffiti-correntes artísticas). Fazer uma pequena pesquisa sobre graffiti e arte urbana em grupo, (utilizar a biblioteca e a internet).

Apresentação do trabalho à turma por grupo. Após as várias apresentações, a turma vai escolher uma parede da sala ou da escola para recuperar e fazer uns graffiti, com os elementos da turma, inspirando-se na obra dos Gémeos.

Seguidamente é distribuído a cada aluno 2 folhas de papel cavalinho tamanho A4, cada folha tem parte de uma imagem de uma obra dos Gémeos.

Segue-se a explicação da atividade que consiste em:

1º A partir do pormenor de uma figura dos Gémeos, cada aluno vai completar o desenho e colocar algumas das suas características pessoais, ou seja vai realizar um autorretrato.



2º O exercício repete-se mais uma vez, ficando o aluno com dois desenhos com algumas das suas características.

3º Cada aluno escolhe uma das interpretações para fazer o estudo de cor a lápis de cor, utilizando as cores que constam no pedaço da obra que estava em cada uma das folhas.

Seguidamente numa parede coloca-se papel cenário, para cada aluno instalar-se numa posição, na faixa de papel cenário, e um colega faz a sua linha de contorno com a ajuda de um lápis de cera. (exemplo: sentado na carteira, em bicos de pés, com uma bola na mão, a espreitar atrás de alguma coisa, etc.)

Após todos os elementos terem a sua linha de contorno, vão com base no estudo que fizeram, adaptar para o seu perfil. No fim de concluído o desenho, podem fazer o estudo da cor, utilizando, lápis de cor, de cera e tintas aquosas ou guaches.

Após o desenho estar seco, vão recortar o papel cenário e escolher qual o local onde querem que fique o seu perfil na parede. Posteriormente vão decalcar o desenho na parede.

Após esta fase, vão escolher se querem fazer setencil/máscaras (moldes, onde só usam o negativo) para usar na pintura. Devem pintar sempre em primeiro lugar as cores mais claras, atenção se a parede da sala for de uma cor forte, pintar de branco o espaço interior da linha de contorno, antes de fazer os pormenores do desenho.

Duração

A duração do projeto depende das características da turma.

Materiais

Papel cavalinho, lápis nº2, borracha, pincéis; marcadores

Recipientes para água e tintas, tintas aquosas ou guaches tintas de parede, sprays

Jornais, papel cenário, cartões dos cereais, esponja, plástico para o chão, pano de limpeza



Chapéu mascarado

Objetivos

- Conhecer as características das mascaras tradicionais (caretos, etc)
- Portugal na Europa e no mundo - Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. (Estudo do Meio)
- Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza (Língua Portuguesa)
- Promover a Criatividade
- Inventar novos objetos utilizando materiais ou objetos recuperados. (Expressão e Educação Plástica)
- Construir mascaras e adereços. (Expressão e Educação Plástica)
- Ligar/colar elementos para uma construção (Expressão e Educação Plástica)
- Atar/agrafiar/pregar elementos para uma construção (Expressão e Educação Plástica)
- Explorar as possibilidades de diferentes materiais: elementos naturais, lã, cortiça, tecidos, objetos recuperados, jornal, papel colorido, ilustrações, rasgando, desfiando, recortando, amassando, dobrando (Expressão e Educação Plástica)
- Improvisar individualmente atitudes, gestos, movimentos a partir de diferentes estímulos; um objeto real ou imaginado ou de um tema (Expressão e Educação Dramática)
- Improvisar um diálogo ou uma pequena história a partir de uma ilustração. (Expressão e Educação Dramática)
- Improvisar palavras, sons, atitudes, gestos e movimentos, constituindo sequências de ações - situações recriadas ou imaginadas, a partir de: objetos, um local. (Expressão e Educação Dramática)
- Reproduzir pequenas melodias (Expressão e Educação Musical)
- Experimentar sons vocais (Expressão e Educação Musical)
- Participar em coreografias elementares inventando e reproduzindo gestos movimentos, passos (Expressão e Educação Musical)
- Acompanhar canções com gestos e percussão corporal (Expressão e Educação Musical)



- Movimentar-se livremente a partir de sons vocais, instrumentais melodias e canções (Expressão e Educação Musical)
- Organizar sequências sonoras para sequências de movimentos (Expressão e Educação Musical)

Conteúdos

- À descoberta das inter-relações entre espaços (Estudo do Meio)
- Comunicação oral (Língua Portuguesa)
- Descoberta e organização progressiva de volumes - Construções (Expressão e Educação Plástica)
- Exploração de técnicas diversas de expressão: recorte, colagem, dobragem (Expressão e Educação Plástica)
- Jogos dramáticos - Linguagem não verbal (Expressão e Educação Dramática)
- Jogos dramáticos – Linguagem verbal (Expressão e Educação Dramática)
- Jogos dramáticos – Linguagem verbal e gestual (Expressão e Educação Dramática)
- Jogos de exploração – Voz (Expressão e Educação Musical)
- Jogos de exploração – Corpo (Expressão e Educação Musical)
- Experimentação, desenvolvimento e criação musical - Expressão e criação musical (Expressão e Educação Musical)

Descrição da Atividade/Projeto

Esta atividade inicia-se com o jogo dos rostos. Era interessante fazer registo fotográfico de todo o projeto, por exemplo, em cada sessão um aluno estava encarregue de fazer o registo fotográfico da mesma.

Jogo dos rostos

É entregue a cada aluno, um cartão com rostos feitos com linhas simplificadas. Cada aluno tem 5 minutos para fazer uma nova interpretação de um rosto inspirado nesse cartão (utilizando as características dos rostos dos cartões). Quando o(a) professor(a) bater as palmas, cada aluno passa o cartão ao colega que está ao seu lado direito. (ver materiais de apoio- cartões com rostos)



Este exercício é repetido mais duas vezes, ficando cada aluno com três esboços de rostos. Colocar nome nos três rostos desenhados e expô-los na parede da sala e ver semelhanças/diferenças entre os rostos, quais os rostos dos cartões que lhes chamaram mais a atenção, etc.

Segue-se um diálogo com a turma sobre o carnaval, se acham que é igual em todos os países, em todas as localidades de Portugal. No decorrer do diálogo, apresentação de algumas mascaras, umas tradicionais outras de obras de artistas plásticos. Visualizar vários exemplos, entre os quais os caretos. (ver materiais de apoio – imagens de mascaras)

Ver as zonas do país dessas máscaras, ver as tradições. Fazer trabalho de pesquisa sobre mascaras. (marcar a apresentação dos trabalhos). Apresentação dos vários trabalhos e diálogo sobre possíveis máscaras.

Após as apresentações, definir tema para a turma e mostrar o molde de base da máscara de um careto (ficha nº16) e explicar que através de material recuperado pode-se construir uma mascara ficha nº17), ou a partir de um chapéu velho.

A turma é convidada a fazer um esboço da máscara, tendo por base um chapéu e que podem incorporar a mascara do careto. Explicar que vão dar uma possível interpretação dos tradicionais caretos, adaptado ao vosso tema e com a inclusão de um chapéu. Explicar que a mascara pode aparecer sem ser na face. Podem inspirar-se nos desenhos que fizeram no jogo dos rostos para fazer o esboço da mascara. No final do esboço/desenho fazer o estudo de cor, inspirando-se nos tons quentes utilizados nas máscaras dos caretos, colocar quais os materiais que vão utilizar.

A próxima fase é a da construção do “chapéu máscara”.

1º Com um chapéu velho, coloca-lo num recipiente, para que este mantenha a sua forma ou encher um saco com jornal e coloca-lo no interior do chapéu, para este continuar com a sua forma.

2º Depois vão amarrotar folhas de jornal e separa-las uma a uma. Seguidamente vão forrar o chapéu com as tiras de jornal amarrotado e vão dando a forma que desejam, utilizando fita-cola castanha para fixar o jornal ao chapéu e tornar o jornal mais resistente.



3º O próximo passo é explicar que para fixar o papel seda ao jornal com cola de madeira, é necessário revestir com fita-cola isoladora, todos os sítios que tenham a fita-cola castanha, pois esta última é plastificada e não adere a cola de madeira que é feita à base de água.

4º Após de terem dado a forma que queriam e terem revestido com fita-cola isoladora, inicia-se a “pintura colada” com papel de seda. O papel de seda tem duas funções, uma uniformiza a máscara e outra dá-lhe cor, não sendo necessário pintá-la.

5º No fim de concluírem as máscaras, deixar secar.

6º Se for necessário fazer um furo nas laterais e colocar um elástico no chapéu.

7º Para o fato, fazer em saco plástico com elementos colados com papel autocolante, ou furar o saco para aplicar lã, plásticos, etc. Podem construir um parangolé como fato.

8º Dobrar um saco do lixo ao meio no sentido longitudinal e cortar os orifícios para os braços e para a cabeça. Depois é decorar de acordo com o tema.

No fim de estar tudo concluído, existem várias formas de apresentação das máscaras à comunidade escolar. Por exemplo: ensaiar e apresentar uma pequena coreografia de roda; desfile de carnaval inspirado em alguma das tradições que pesquisaram; elaborar uma história coletiva e dramatizá-la, sendo as máscaras os adereços da dramatização.

Duração

A duração do projeto depende das características da turma.

Materiais

Papel de máquina; papel cavalinho ou cenário; jornais e papel de seda de várias cores

Cartões com rostos desenhados só com linhas

Marcadores; lápis nº2 e lápis de cor

Imagens de máscaras, computador/ Projetor

Tesoura;

Fita-cola castanha e fita-cola isoladora branca, bostik, cola de madeira diluída em água

Cartões dos cereais para as máscaras

Recipientes para água, pincéis e cola e pano de limpeza